



Estefanie Silva do Nascimento

**Significados do consumo de educação
privada para consumidores emergentes**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do grau de Mestre pelo
Programa de Pós-graduação em Administração
de Empresas da PUC-Rio.

Orientadora: Prof^a. Angela Maria Cavalcanti da Rocha

Rio de Janeiro
Março de 2016



Estefanie Silva do Nascimento

**Significados do consumo de educação
privada para consumidores emergentes**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Administração de Empresas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof^a. Angela Maria Cavalcanti da Rocha

Orientadora

Departamento de Administração – PUC-Rio

Prof. Luis Fernando Hor-Meyll Alvares

Departamento de Administração – PUC-Rio

Prof^a. Letícia Moreira Casotti

Instituto COOPEAD de Administração – UFRJ

Prof^a. Mônica Herz

Vice-Decana de Pós-Graduação do CCS – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 29 de março de 2016

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e da orientadora.

Estefanie Silva do Nascimento

Graduada em Administração pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - 2009. Graduada em Ciências Contábeis pela Universidade Candido Mendes - 2013.

Ficha Catalográfica

Nascimento, Estefanie Silva do

Significados do consumo de educação privada para consumidores emergentes / Estefanie Silva do Nascimento ; orientadora: Angela Maria Cavalcanti da Rocha. – 2016.

153 f. : il. (color.) ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Administração, 2016.

Inclui bibliografia

1. Administração – Teses. 2. Significados do Consumo. 3. Educação Privada. 4. Nova Classe Média. 5. Consumidor Emergente. 6. Mercados Emergentes. I. Rocha, Angela Maria Cavalcanti da. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Administração. III.

CDD: 658

Aos meus pais, João e Maria, pela cumplicidade e apoio irrestrito durante toda minha trajetória, e ao meu marido Getulio, pelo amor e parceria.

Agradecimentos

À minha orientadora, professora Angela da Rocha, pelo carinho, dedicação e por me incentivar e me conduzir com sabedoria e paciência. Serei sempre grata.

Aos professores Luis Fernando Hor-Meyll Alvares e Paulo César de Mendonça Motta pelo acolhimento e apoio.

À Letícia Casotti pela participação na banca e pelas valiosas contribuições.

Aos meus colegas do mestrado e doutorado. Em especial à amiga Glayciod Oliveira, desde a graduação me incentivando a persistir nos estudos.

Aos entrevistados desta pesquisa que contribuíram com meu trabalho.

Aos funcionários do Departamento de Administração, em especial Teresa Campos e Fábio Etienne, sempre dispostos a ajudar.

À Capes e à Faperj, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

Ao Curso Invest, a origem de tudo!

Resumo

Nascimento, Estefanie Silva do; Rocha, Angela Maria Cavalcanti da (Orientadora). **Significados do consumo de educação privada para consumidores emergentes**. Rio de Janeiro, 2016. 153p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Administração, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Na última década, milhões de pessoas ascenderam à classe C no Brasil. A “nova classe média” tornou-se o motor da economia, levando ao aumento do consumo de bens e serviços, entre os quais os de educação privada. Quando se analisam as perspectivas do mercado de educação básica no Brasil e no mundo, é nas camadas de renda inferiores da população que se encontram as oportunidades para expansão do setor. Esta dissertação teve por objetivo estudar o significado do consumo de educação privada para consumidores emergentes no Brasil. O estudo apoia-se nos trabalhos de McCracken (1986), Holt (1995) e a Sociologia da Educação de Bourdieu. Por meio de uma abordagem interpretativa, foram investigadas 16 famílias pertencentes à nova classe média e que possuem filhos matriculados em escolas privadas do ciclo básico de ensino. Os resultados obtidos mostram que para esse segmento a decisão pela educação privada significa muito mais do que proporcionar uma qualidade superior de ensino aos filhos. O investimento é entendido como instrumento de ascensão social, uma vez que promove a convivência com crianças pertencentes a classes mais favorecidas e a aquisição de capital cultural. Além disso, a educação privada é percebida como um marcador social, uma vez que as famílias entrevistadas não se enxergam da mesma forma que outras famílias pertencentes ao mesmo estrato social e que mantêm filhos em escolas públicas. Os antecedentes familiares também se mostraram relevantes na decisão sobre a educação dos filhos.

Palavras-chave

Significados do Consumo; Educação Privada; Nova Classe Média; Consumidor Emergente; Mercados Emergentes.

Abstract

Nascimento, Estefanie Silva do; Rocha, Angela Maria Cavalcanti da (Advisor). **Meanings of the consumption of private education for emerging consumers.** Rio de Janeiro, 2016. 153p. MSc. Dissertation - Departamento de Administração, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

In the last decade millions of people ascended to the C class in Brazil. The "new middle class" has become the engine of the economy, leading to increased consumption of goods and services, including those of private education. When considering the prospects of the market for education in Brazil and in the world, it is in the lower income segments of the population that one can identify opportunities for the expansion of this sector. This dissertation aimed to study the significance of consumption of private education for emerging consumers in Brazil. The study builds on the work of McCracken (1986), Holt (1995) and Bourdieu's sociology of education. Using an interpretive approach, the research examined 16 families that belong to the new middle class and have children enrolled in private schools in the basic education cycle. The results show that for this segment the decision to invest in private education means much more than providing high quality education for the children. The investment is seen as an instrument of social mobility, because it promotes relationships with children from higher social classes and the acquisition of cultural capital. Moreover, private education is perceived as a social marker, since the families interviewed did not see themselves the same way as other families belonging to the same social stratum and having children in public schools. Family history was also identified as relevant to the decisions on education of the children.

Keywords

Meanings of Consumption; Private Education; New Middle Class; Emerging Consumer; Emerging Markets.

Sumário

1. Introdução	12
1.1 Relevância da pesquisa	15
1.2 Objetivos de pesquisa	16
1.3 Contribuições do estudo.....	16
1.4 Delimitação do estudo	17
1.5 Organização da pesquisa.....	17
2. Revisão de Literatura	18
2.1 Consumo Simbólico	18
2.1.1 Conceituação	18
2.1.2 O Modelo de McCracken.....	21
2.1.3 As Metáforas de Holt.....	26
2.2 Classes Sociais e Consumo.....	27
2.2.1 Classe social e Marketing.....	27
2.2.2 Conceituação e classificação de classe social	28
2.3. Consumo de Educação	31
2.3.1 A sociologia da educação de Bourdieu	31
2.3.1.1 O conceito de Habitus	32
2.3.1.2 O conceito de Campo.....	34
2.3.1.3 O conceito de Capital	35
2.3.2 A educação como forma de consumo	38
3. Método	40
3.1 Perspectiva adotada.....	40
3.2 Perguntas de Pesquisas.....	40
3.3 Unidade de análise: a Família	41
3.4 Seleção dos entrevistados	41
3.5 Análise de Dados	42

3.6 Limitações do Estudo	43
4. Resultados	34
4.1 Descrição das Famílias	34
4.2 Histórias das Famílias	50
4.2.1 Família Oliveira	50
4.2.2 Família Ribeiro	55
4.2.3 Família Araújo	57
4.2.4 Família Dias	62
4.2.5 Família Santos	66
4.2.6 Família Azevedo.....	70
4.2.7 Família Silva.....	72
4.2.8 Família Vieira	78
4.2.9 Família Pereira.....	83
4.2.10 Família Souza	85
4.2.11 Família Costa	87
4.2.12 Família Paiva.....	99
4.2.13 Família Nascimento.....	106
4.2.14 Família Lima.....	111
4.3 Principais temas identificados	115
4.3.1 Projeção versus Reprodução	115
4.3.1.1 Projeção	116
4.3.1.2 Reprodução.....	119
4.3.2. Significados Explícitos da Educação Particular.....	121
4.3.2.1. Qualidade da Escola Privada	121
4.3.2.2 Conveniência de horário e localização da escola.....	127
4.3.2.3 Segurança	128
4.3.3 Significados Implícitos da Educação Privada	128
4.3.3.1. Aquisição de Capital Social	128
4.3.3.2 Aquisição de Capital Cultural	130
4.3.3.3. Distinção.....	135

4.3.4 Gastos com educação.....	138
4.3.5 Significados da educação.....	139
5. Conclusões e Sugestões para Estudos Futuros.....	141
5.1. Conclusões.....	141
5.2. Sugestões para Estudos Futuros	143
6. Referências bibliográficas	145
Apêndice I	151

Lista de figuras

Figura 1 - Indicadores harmonizados PNAD 2001 -2013	13
Figura 2 – Sinopse Estatística da Educação Básica 2002 – 2013	13
Figura 3 - Modelo de Transferência de Significados	25
Figura 4 – Metáforas para o consumo.....	26
Figura 5 – Família Oliveira	134
Figura 6 – Família Dias	134
Figura 7 – Família Santos	135
Figura 8 – Família Costa	135
Figura 9 – Família Paiva.....	135

Lista de quadros

Quadro 1 – Grupos de aporte teóricos utilizados na CCT	21
Quadro 2 – Informações dos entrevistados.....	46
Quadro 3 – Atributos identificados nas falas dos entrevistados referentes à qualidade da escola particular <i>versus</i> a escola pública.....	122
Quadro 4 – ENEM 2014 – As 10 maiores notas por escolas públicas do município do Rio de Janeiro	125

1. Introdução

A estabilidade econômica no Brasil, iniciada com o Plano Real em 1994, promoveu mudanças significativas na estrutura econômica e social do país. Desde então, o país acompanhou a redução da miséria e a ascensão social de grande massa de indivíduos. O declínio da desigualdade de renda no Brasil pode ser observado com mais clareza a partir da década de 2000. Enquanto a renda dos mais ricos aumentou em 1,49% ao ano no período de 2001 a 2009, a renda dos mais pobres cresceu ao ritmo anual de 6,79% no mesmo período (NERI, 2010).

Esse cenário culminou em uma mobilidade de classes inédita no Brasil. Um contingente significativo de indivíduos migrou das classes D e E para a classe C. O ingresso de 29 milhões de pessoas só no período de 2003 a 2009 fez surgir uma nova denominação econômico-social – “nova classe média”. Em 2009, 50,5% da população correspondiam à classe C, que, em conjunto, possuía maior poder de compra (46,24%) do que as classes A e B combinadas (44,12%) (NERI, 2010). A Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE) do governo federal estima que a classe média brasileira, no período de 2003 a 2012, saltou de 38% para 53% da população brasileira, apresentando um contingente de 35 milhões de pessoas (BRASIL SAE/PR, 2012).

O aumento da renda discricionária viabilizou mudanças significativas nas despesas e nos hábitos dos brasileiros. Com o poder de compra, a classe média tornou-se o novo motor da economia brasileira, determinado, sobretudo, pelo consumo. Com isso, a nova classe média vem promovendo uma revolução no padrão de consumo. Assim, conhecer o perfil e os anseios dessa parcela da população é primordial para a definição de estratégias por parte das empresas que pretendem atingir esse público alvo.

O acesso ao consumo de bens e serviços, por parte da nova classe média, ocorreu ao longo do tempo. À medida que o desejo por determinados bens se via satisfeito, outros passaram a ser consumidos. Em um primeiro momento, registrou-se o aumento no consumo de bens eletrônicos. Em um segundo momento, houve um

aumento da demanda por consumo de serviços, tais como beleza, lazer e educação (ALVARENGA, 2014; RIOS, 2014).

Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), no período de 2001 a 2013, registram aumento considerável na posse de bens duráveis nos domicílios brasileiros (Figura 1).

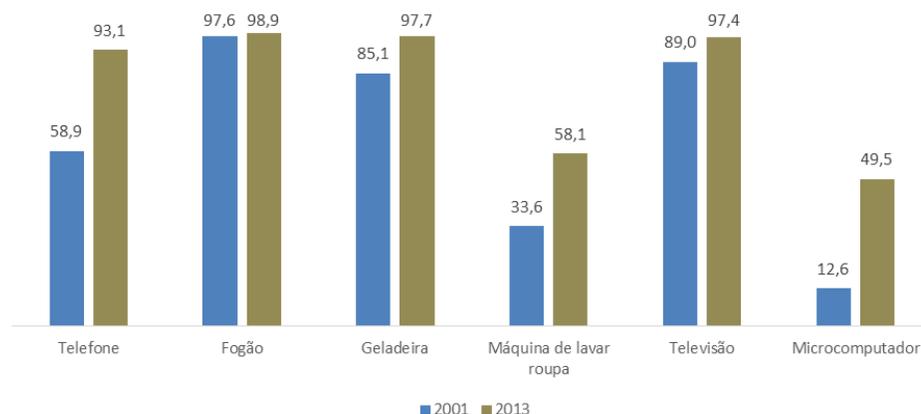


Figura 1 - Indicadores harmonizados PNAD 2001 -2013

Fonte: IBGE 2015.

Em relação à educação privada, o censo escolar elaborado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) mostra que, no período de 2002 a 2013, houve migração de alunos do ciclo básico (nível fundamental e médio) da rede pública para a rede privada de ensino (Figura 2).

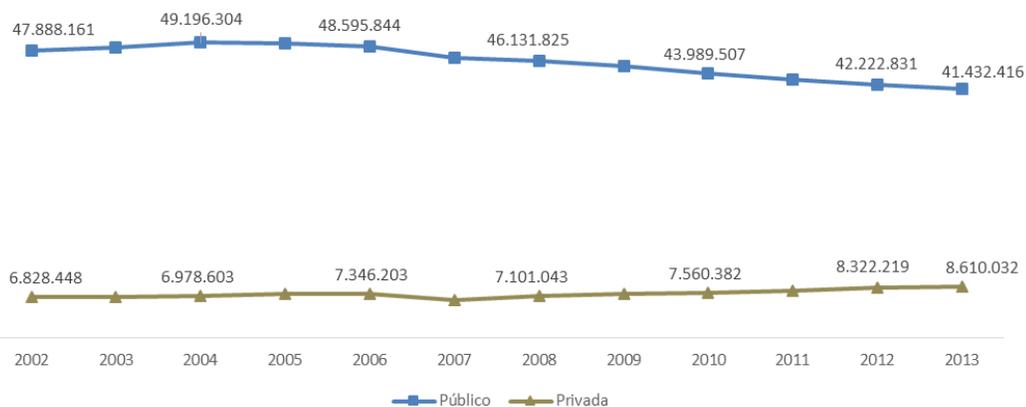


Figura 2 – Sinopse Estatística da Educação Básica 2002 - 2013

Fonte: INEP, 2015.

As estatísticas revelam que, em 11 anos, houve um incremento de 1,8 milhões de matrículas na rede privada, um crescimento de 26%. Em contrapartida, houve uma queda de cerca de 6,4 milhões de matrículas na rede pública de ensino no mesmo período, um decréscimo de 13% (INEP, 2015). Em 2013, 8,6 milhões de crianças estavam matriculadas em redes privadas de ensino no país¹. O aumento do número de matrículas em escolas privadas e a redução da desigualdade social sugerem que a aquisição de educação privada esteja relacionada ao maior poder de compra das famílias pertencentes à nova classe média brasileira.

Estudos de marketing voltados para o consumo de classes menos favorecidas ganharam importância nos últimos anos. No âmbito internacional, alguns autores renomados passaram a publicar estudos e chamar a atenção para o mercado de baixa renda (p. ex. PRAHALAD, HAMMOND e HART, 2002; PRAHALAD e HAMMOND, 2002). No Brasil, também há estudos que tratam de aspectos relativos ao comportamento de compra destes consumidores (ROCHA e SILVA, 2009; BARBOSA, P. B. et al., 2009; ROCHA, E. P. G. et al., 2013; ROCHA, A. R. C. et al., 2015).

Entretanto, apesar do interesse na “base da pirâmide”, ainda são poucos os estudos que tenham sido conduzidos sobre o consumidor emergente², e a nova classe média brasileira participa ativamente nas relações de consumo nos mais diversos setores da economia: comércio, turismo, saúde, educação, entre outros.

Assim sendo, o presente estudo buscou contribuir para o preenchimento desta lacuna, por meio de um estudo qualitativo junto às famílias pertencentes à nova classe média, residentes na cidade do Rio de Janeiro, com o propósito de desvendar

¹ Os dados oficiais do INEP estão alinhados com a minha percepção. Como integrante do grupo denominado “nova classe média”, nasci e cresci na comunidade Santa Marta localizada no Rio de Janeiro, e, por fazer parte desse ambiente, percebi algumas mudanças ao longo do tempo em relação ao consumo dos moradores da região. Uma delas foi em relação às crianças que subiam e desciam a comunidade no trajeto entre a casa e a escola. Cada vez mais era maior o número de crianças que utilizavam uniformes de escolas particulares, o que contribuiu também para o interesse em estudar o fenômeno.

² Será usado no presente trabalho os termos “nova classe média” e “consumidores emergentes” referentes ao mesmo grupo de indivíduos.

significados atribuídos pelos integrantes dessas famílias à educação privada de seus filhos.

1.1 Relevância da pesquisa

Para o marketing, o fenômeno observado nos últimos anos é relevante quando se analisam as perspectivas do mercado de educação básica no Brasil e no mundo, principalmente para as camadas de renda inferiores da população, que é onde se encontram as oportunidades para expansão do setor. Um estudo realizado pela consultoria McKinsey estimou o valor do mercado de educação básica no Brasil em 36 bilhões de reais em 2011 (ABRIL EDUCAÇÃO, 2012). Em 2013, dos nove maiores grupos de educação no mundo, três eram brasileiros, Kroton-Anhanguera, Estácio e Abril Educação. Kroton e Anhanguera fundiram-se no início de 2013, sendo as ações do grupo Anhanguera incorporadas às ações da Kroton. O grupo Kroton é o maior grupo educacional do Brasil e do mundo, atuando do ensino básico até o ensino superior. O grupo que possui ações negociadas na Bolsa de Valores de São Paulo encerrou o ano de 2014 valendo 25,2 bilhões de reais na bolsa e com um lucro líquido de um bilhão de reais (ARAGÃO, 2013; MORINI, 2014; CUNHA, 2014; KROTON, 2014).

Os vultosos investimentos em educação no Brasil estão em conformidade com a tendência mundial neste segmento: cresce cada vez mais o número de escolas privadas em países em desenvolvimento. Basicamente, isto ocorre em virtude do potencial de mercado que se apresenta nesses países, devido, sobretudo, à incapacidade dos respectivos governos de prover educação para toda a população (THE ECONOMIST, 2015).

Escolas particulares localizadas em países pobres possuem maior parcela de alunos matriculados no ensino básico, quando se compara com países ricos. Além disso, metade de todos os gastos com educação em países pobres não são custeados pelo governo, ou seja, são dispêndios das próprias famílias, enquanto que, em países ricos, essa proporção é muito menor (HEYNEMAN e STERN, 2014).

Diante disso, o estudo da educação como objeto de desejo e de consumo pela nova classe média oferece subsídios para a compreensão dos aspectos simbólicos do fenômeno. Ressalta-se que a escolha da educação privada como foco da pesquisa é

relevante não somente por se tratar de um consumo fomentado com o advento da nova classe média, mas também por representar um dos atributos mais importantes para a redução da desigualdade e sólida ascensão social, uma vez que rompe terminantemente o arranjo central da pobreza estabelecido por várias gerações.

A educação pública brasileira, que é fornecida pelo Estado, é comumente reconhecida pela sua precariedade no ensino e baixos salários dos professores. Diante deste cenário, membros da nova classe média, que passam a dispor de um excedente de renda, buscam a educação privada para seus filhos como alternativa. A educação privada é um dos serviços sem precedentes em seu consumo por esse grupo específico. Enquanto antes estava reservada exclusivamente à elite brasileira, hoje se apresenta como objeto de consumo da nova classe média. Apesar disso, acredita-se que há um grande desconhecimento, entre empresas do segmento de educação, sobre o perfil dos consumidores pertencentes à nova classe média. Dessa forma, faz-se relevante compreender o comportamento de compra dessas famílias e entender seus anseios e desejos a fim de que as empresas possam atender esse segmento da melhor forma.

1.2 Objetivos de pesquisa

O objetivo da pesquisa é identificar quais são os significados atribuídos à educação privada por um grupo de consumidores emergentes no Brasil.

1.3 Contribuições do estudo

O estudo contribui para o melhor entendimento do comportamento dos consumidores da nova classe média, particularmente sobre o significado do acesso a educação privada, auxiliando empresários do setor a identificar medidas que possam ser representativas para a realidade desses novos consumidores. Além disso, espera-se contribuir para o setor público, pois, ao se identificarem variáveis importantes na avaliação da educação privada por membros da nova classe média, o setor público

pode se apoiar nessas considerações para tecer políticas que favoreçam um melhor desenvolvimento das escolas públicas no país.

1.4 Delimitação do estudo

Esta pesquisa estudou famílias pertencentes a um grupo de consumidores emergentes com filhos em escolas privadas e residentes em comunidades localizadas na cidade do Rio de Janeiro.

O presente trabalho focou a região metropolitana do Rio de Janeiro, pois estudos anteriores (CURI e MENEZES-FILHO, 2010) já evidenciavam que o estado do Rio de Janeiro, junto com o Distrito Federal, possuía a maior porcentagem de alunos frequentando a rede privada de ensino, tanto no ciclo fundamental quanto no ensino médio.

Nesta pesquisa, não são estudadas outras formas de consumo de produtos e serviços, sendo o foco voltado exclusivamente para educação privada de ensino básico.

1.5 Organização da pesquisa

Esta dissertação é composta, além desta parte introdutória, por uma seção de referencial teórico, em que são apresentados os principais conceitos, teorias e estudos empíricos relevantes. Logo em seguida é apresentado o capítulo referente à metodologia utilizada, descrevendo as várias etapas da pesquisa e as limitações do estudo. Por fim são apresentados os resultados obtidos e extraídas as conclusões.

2. Revisão de Literatura

Nesta seção é apresentado o referencial teórico utilizado para embasar a pesquisa sobre a natureza simbólica do consumo de educação privada, cobrindo três campos: *Consumer Culture Theory* (CCT), Classe social em Marketing e Sociologia da Educação de Bourdieu. Primeiramente, é apresentada a teoria que sustenta a compreensão dos significados simbólicos atribuídos ao consumo de bens e serviços, bem como estudos que a antecedem. Em seguida, discorre-se sobre classe social, apresentando a conceituação, critérios existentes no Brasil e a conexão com o Marketing, sobretudo em estudos relacionados ao comportamento do consumidor. Por fim, é apresentado o arcabouço teórico de Pierre Bourdieu no que tange à sociologia da educação.

2.1 Consumo Simbólico

2.1.1 Conceituação

Sidney J. Levy (1959) foi um dos precursores dos estudos a respeito das propriedades subjetivas que afetam o comportamento de compra. Além das características utilitárias, os produtos estão imbuídos de aspectos simbólicos. Dessa forma, o processo decisório é conduzido por diferentes lógicas que justificam a compra de um produto, por exemplo, “conveniência, descuido, pressões familiares, outras pressões sociais, raciocínios econômicos complexos, publicidade e cores agradáveis” (LEVY, 1959, p. 119).

O autor ainda aponta que, durante a compra, o consumidor avalia cada produto conforme a natureza simbólica, que é compreendida como um meio de distinção. Neste sentido, funcionam como perspectivas do simbolismo, gênero, idade, classe social, entre outros. Assim, determinados objetos que são reservados exclusivamente para uma classe social, por exemplo, fornecem informações para o julgamento sobre a adequação do produto ao indivíduo (LEVY, 1959, p. 119).

Apesar de Levy destacar, na época, que “as coisas que eles [consumidores] compram são escolhidas em parte para atestar suas posições sociais” (LEVY, 1959, p.

122), estudos recentes mostram outro propósito do consumo, ou seja, o efeito contrário: alguns consomem com a intenção de rejeitar a posição na qual se encontram (ÜSTÜNER e HOLT, 2010; MEHTA e BELK, 1991). O autor contribuiu com as primeiras discussões na disciplina de Marketing sobre os aspectos simbólicos que envolvem o processo de compra, que, mais tarde, resultaria em uma nova perspectiva teórica sobre o comportamento do consumidor.

Até a década de 1960, predominava no campo de estudos do comportamento de consumo a corrente positivista. Entretanto, alguns teóricos, como o já citado Levy (1959), apontaram a presença de aspectos subjetivos nas interações de compra. Na década de 1980, surgiu a corrente teórica baseada nos aspectos socio-culturais que envolvem o comportamento de compra dos consumidores, que viria a ser chamada de *Consumer Culture Theory* (CCT). Dessa forma, abordagens somente de cunho quantitativo já não eram eficientes na compreensão de determinados comportamentos do consumidor (ARNOULD e THOMPSON, 2005).

Surgiram, então, estudos mais de cunho qualitativo do que quantitativo. Dessa forma, proliferaram nas áreas de estudos do consumo artigos com os seguintes métodos de pesquisas: etnográficos, fenomenológicos, estudo de caso, entre outros (GAIÃO, SOUZA e LEÃO, 2012).

Arnould e Thompson (2005) reuniram diversos trabalhos sobre essa nova ótica e apresentaram quatro áreas de estudos da CCT, com base nos trabalhos existentes até então sobre comportamento de consumo: identidade dos consumidores; culturas de mercado; padrões sócio-históricos de consumo; e ideologias de mercado massivamente mediadas e estratégias interpretativas dos consumidores.

Nos estudos referentes a identidade do consumidor “o mercado tornou-se uma fonte proeminente de recursos místicos e simbólicos através dos quais as pessoas, incluindo aquelas que carecem de meios para participar no mercado como consumidores de pleno direito, constroem narrativas de identidade” (ARNOULD e THOMPSON, 2005, p. 871). Ressalta-se, nesta linha, os estudos de Belk (1988) sobre o *self* estendido.

Em relação aos estudos que envolvem a cultura de mercado, nela os consumidores são compreendidos como criadores de cultura e não portadores dela. O

estudo de Kozinets (2002) sobre *Burning Man*, evento que ocorre anualmente em Nevada nos Estados Unidos com o propósito de ser uma alternativa à sociedade de consumo, é um trabalho que segue essa linha (ARNOULD e THOMPSON, 2005).

A área que trata dos padrões sócio-históricos de consumo investiga como “estruturas institucionais e sociais” como gênero, classe social, faixa etária, etnias influenciam e são influenciadas pelo consumo. Os trabalhos de Holt (1995, 1998) relacionam um dos conceitos-chaves de Pierre Bourdieu – capital cultural – às decisões de consumo.

Por último, a área que trata das ideologias de mercado massivamente mediadas e estratégias interpretativas dos consumidores examina como os sistemas de significados que transitam pelos meios de comunicação influenciam atitudes e comportamento dos indivíduos (ARNOULD e THOMPSON, 2005).

Gaião, Souza e Leão (2012), com base nas contribuições dos teóricos que deram suporte ao trabalho de Arnould e Thompson (2005), propuseram um esquema baseado nos trabalhos dos mesmos autores (Quadro 1).

Grupo Teórico	Descrição
Representações do "eu"	Abordagens teóricas que dão suporte ao entendimento da expressão de subjetividades e construção de identidades por meio de práticas de consumo. Exemplos incluem teorias do self (e.g, transformação do "eu", "eu" estendido, posse) e identidade (e.g, reconstrução da identidade pessoal, identidade social, identidades culturais).
Sistemas de produção cultural	Esta dimensão teórica considera o poder da globalização cultural e econômica na transformação de ideais culturais em realidades materiais. Abordagens deste grupo incluem: mercantilização da cultura, comunicação de massa, sistema de publicidade, mitologização do consumo, experiência extraordinária, consumo em ambientes espetaculares, entre outras.
Distinções e estruturas sociais	Diz respeito às forças estruturais que atuam sobre as atividades de consumo e sua repercussão na sociedade e nos indivíduos. Neste grupo, ganham relevo abordagens como: consumo conspicuo, manutenção de fronteiras e estruturas hierárquicas, gift-giving, consumo sagrado versus profano, capital cultural.
Comunidades de consumo	Considera comunidades formadas em torno da prática de consumo, com ênfase nas comunidades de marca e de estilos de vida específicos, sobretudo aqueles que se opõem aos padrões ditados pelas práticas sociais vigentes. É tratado em abordagens sobre ethos compartilhado, sentimento de pertença, cosmopolitismo, ritos de passagem, subculturas, neotribalismo, entre outras.
Ideologias e discursos de mercado	Esta abordagem encara o mercado como uma ideologia do sistema de produção e mediador das relações sociais em suas variadas esferas, bem como um lócus de resistência de minorias. Agência do consumidor, emancipação do consumidor, consumo global, feminismo, etnicidade, estudos culturais, ideologias de consumo, são exemplos de abordagens deste grupo.

Quadro 1 - Grupos de aportes teóricos utilizados na CCT

Fonte: GAIÃO, SOUZA e LEÃO (2012, p. 337)

O presente estudo se enquadra no grupo teórico “Distinções e estruturas sociais”, uma vez que busca identificar o consumo da educação privada como atributo modificador das estruturas sociais, assim como o capital cultural.

2.1.2 O Modelo de McCracken

McCracken (1986, 2003) preconiza que o consumo é um fenômeno cultural e que a relação entre consumo e cultura foi por muito tempo ignorada, uma vez que foi dada grande importância à Revolução Industrial (oferta) e, ao contrário, pouca relevância à Revolução do Consumo (demanda). Com base no trabalho de três pesquisadores, considerados importantes estudiosos do consumo na sociedade moderna (McKendrick, 1982; Williams, 1982; Mukerji, 1983), o autor aborda a história do consumo em três épocas de seu desenvolvimento, séculos XVII, XVIII e XIX.

McCracken (2003) apresenta um modelo para a análise dos significados presentes nos bens de consumo em contraponto ao tratamento dado aos bens de consumo até então como forma de linguagem. De acordo com o modelo do movimento do significado de McCracken, os bens de consumo possuem diferentes

atribuições. Além das atribuições de ordem prática, os bens de consumo possuem significados que refletem os aspectos culturais do mundo como é constituído. Além disso, o autor ressalta que os significados se deslocam por diferentes pontos no mundo social até o alcance do indivíduo, aspecto, segundo o autor, pouco explorado pelos estudiosos do tema. Dessa forma, o significado cultural dos bens de consumo localiza-se em três pontos: mundo culturalmente constituído, bens de consumo e consumidor individual. Os instrumentos responsáveis pela transferência do significado cultural entre o mundo culturalmente constituído para os bens de consumo são a publicidade e o “sistema de moda”. Já o movimento de transferência de significados entre os bens de consumo e o consumidor individual ocorre por meio de rituais.

O mundo culturalmente constituído é o *locus* onde ocorrem as manifestações culturais, as experiências cotidianas fundadas nas crenças e premissas de cada cultura. É o ponto de partida de onde emerge o significado cultural presente nos bens de consumo. A cultura forma a parte essencial do mundo, preenchendo-o de significado. E dois conceitos definem esse significado: categorias culturais e princípios culturais (McCRACKEN, 2003, p. 101).

Cada cultura possui uma maneira de enxergar o mundo e, por conta disso, estabelece suas próprias categorias, que podem ser apropriadas em um contexto cultural e inadequadas em outro. As categorias culturais são as características básicas utilizadas por cada cultura ao dividirem o mundo conforme as manifestações ocorridas. Por exemplo, categorias culturais de gênero, idade, classe social, ocupação, e também espaço, tempo, ocasião são consideradas estratificações básicas da sociedade.

Cabe destacar que McCracken (2003) considera que as categorias culturais norte-americanas possuem três características peculiares: são indeterminadas, eletivas e mutáveis. As categorias culturais são materializadas pelas atitudes e costumes dos membros de uma cultura que estão constantemente construindo o mundo em que vivem. Os objetos materiais de uma cultura são os instrumentos pelos quais as categorias culturais se materializam. Os objetos materiais tornam tangível o

significado cultural. E por meio dos bens de consumo é possível distinguir de forma tangível e visível as categorias culturais especificadas.

Do mesmo modo que as categorias culturais, os princípios culturais são expressos nos bens de consumo. Os princípios culturais constituem os pilares por meio dos quais os fenômenos culturais estão sedimentados. Com base nos princípios culturais, os fenômenos culturais são analisados, interpretados e classificados.

Os instrumentos de transferência do significado do mundo culturalmente constituído para os bens de consumo são a publicidade e o sistema de moda. Por meio de campanhas, a publicidade consegue conectar o bem de consumo ao mundo culturalmente constituído. O sucesso dessa transferência ocorre quando o indivíduo visualiza semelhanças entre o mundo culturalmente constituído e o bem de consumo, ou melhor, quando o significado é desprendido do mundo culturalmente constituído para o bem de consumo.

Já o “sistema de moda”, segundo McCracken (2003), é mais complicado do que a publicidade, entretanto é o menos investigado. Enquanto na publicidade, a movimentação do significado se dá por uma agência de publicidade, no sistema de moda o movimento origina-se de diferentes meios de comunicação e agentes de transferência. O sistema de moda opera de três formas distintas na transferência de significados para os bens. A primeira forma é semelhante à publicidade, ou seja, busca-se unir os significados do mundo ao bem de consumo específico. Na segunda maneira de operar, o sistema de moda cria novos significados culturais por meio dos formadores de opinião. Dessa maneira, categorias e princípios culturais são reestruturados. Por fim, o sistema de moda pode operar de forma radical, realizando uma reforma profunda dos significados culturais.

Há duas categorias principais de agentes de transferência no sistema de moda que atuam na transmissão de significado cultural para os bens de consumo: os *designers* de produto e os jornalistas de moda/observadores sociais. Os jornalistas avaliam as inovações que surgem e as classificam como passageiras ou duradouras, possuindo forte poder de influência. Em seguida, os *designers* inserem o significado cultural para os bens de consumo.

Por meio da publicidade e do “sistema de moda”, o significado cultural é deslocado do mundo culturalmente constituído para os bens de consumo. Vestuário, transporte, alimentos, etc. são categorias de produtos e serviços que expressam o significado cultural constituído no mundo. O significado se move do bem de consumo para o consumidor por meio de um ato simbólico ou ritual:

“Ato simbólico ou ritual é um tipo de ação social dedicada à manipulação do significado cultural, para propósitos de comunicação e categorização coletiva e individual. O ritual é uma oportunidade de afirmar, evocar, assinalar e revisar os símbolos e significados convencionais da ordem cultural”. (McCRACKEN, 2003, p. 114).

São quatro, segundo McCracken (2003), os rituais responsáveis pela transferência de significado, rituais de troca, rituais de posse, rituais de arrumação e rituais de despojamento. Nos rituais de troca uma parte oferece um bem de consumo à outra parte. Essa troca de bens é carregada de significado cultural. A parte que oferece o bem de consumo enxerga no bem de consumo as propriedades existentes no indivíduo que recebe ou deseja que as propriedades do bem sejam absorvidas por esse indivíduo. As características do objeto de troca são transferidas simbolicamente para o recebedor.

Nos rituais de posse, o consumidor toma a posse do significado dos bens de consumo, de forma que os bens de consumo agem como marcadores de tempo, espaço e ocasião e, dessa forma, são capazes de discriminar as categorias culturais de classe social, status e gênero por meio do uso desses bens. Além disso, os indivíduos transferem o significado cultural dos bens para a própria vida.

Já nos rituais de arrumação o consumidor transfere os significados culturais dos bens para a sua vida de forma contínua. O consumidor também pode empregar os significados do bem de consumo no próprio bem ao invés de empregá-los em si. O consumidor, ao investir tempo e energia em determinado bem de consumo, transfere para si os significados atribuídos ao bem.

Por fim, há os rituais de despojamento, que podem ser utilizados para dois propósitos. O primeiro caso ocorre quando o indivíduo adquire um bem que já pertenceu a outrem. Nesse caso, o ritual é utilizado para fazer cessar qualquer

significado que esteja relacionado ao proprietário anterior. O segundo caso ocorre em sentido contrário, quando o indivíduo vende ou doa o objeto, situação em que o consumidor busca apagar qualquer significado (pessoal) que esteja associado ao objeto, de modo a “esvaziá-lo” de significados, para que não haja a possibilidade de que ocorra transferência, confusão ou, até mesmo, perda de significados quando os bens são transferidos. Neste sentido, o autor aponta a propriedade móvel do significado presente nos bens. O destino dos significados culturais são os consumidores individuais. Por meio da apropriação dos significados culturais o comportamento dos consumidores é traçado e conduzido (McCRACKEN, 2003) (Figura 3).

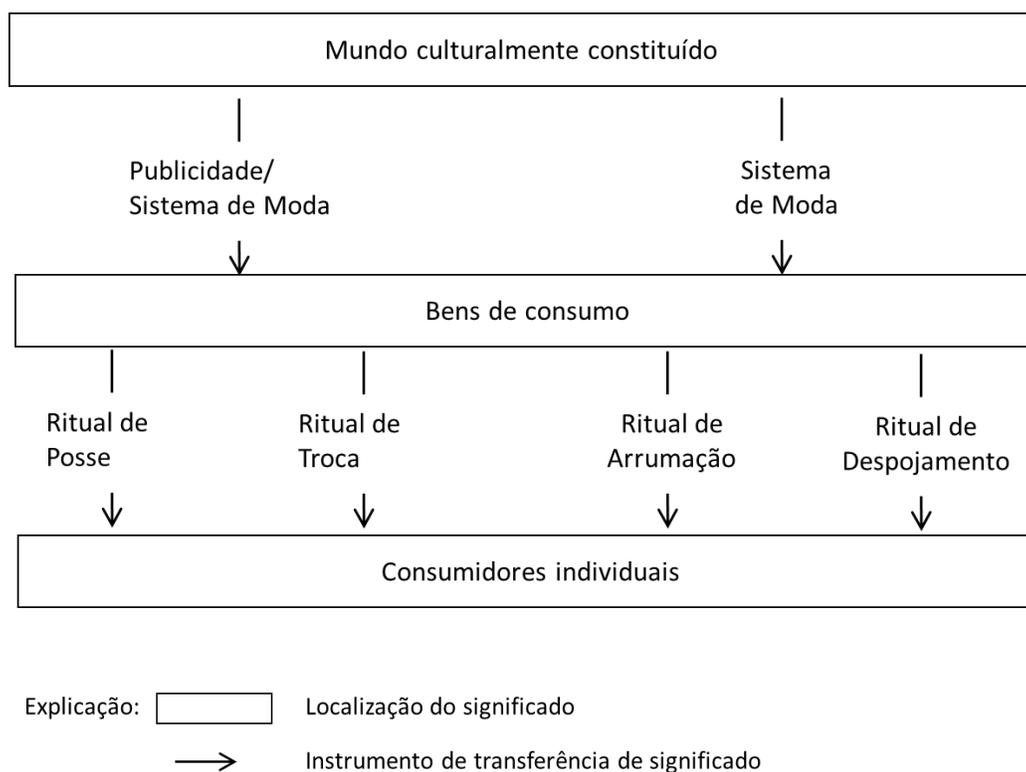


Figura 3 - Modelo de Transferência de Significados
Fonte: McCracken, 2003, p. 100

2.1.3 As Metáforas de Holt

Holt (1995) percebe o consumo como um ato social que ocorre de diferentes maneiras. A partir de estudos que consideravam o consumo sob dois aspectos – utilidade dos bens de consumo e simbolismo dos bens de consumo – o autor apresentou quatro características que evidenciam a maneira como o consumidor consome com base na estrutura da ação – ações objetivas ou ações interpessoais – e no propósito da ação – autotélicas ou instrumentais. Assim, o consumo é praticado dos seguintes modos, segundo Holt (1995): consumo como experiência, consumo como integração, consumo como classificação e consumo como teatralização (Figura 4).

		PROPÓSITO DA AÇÃO	
		Ações Autotélicas	Ações Instrumentais
ESTRUTURA DA AÇÃO	Ações Objetivas	CONSUMO COMO EXPERIÊNCIA	CONSUMO COMO INTEGRAÇÃO
	Ações Interpessoais	CONSUMO COMO TEATRALIZAÇÃO	CONSUMO COMO CLASSIFICAÇÃO

Figura 4 - Metáforas para o consumo

Fonte: HOLT, 1995, p. 3

Os estudos que caracterizam o consumo como experiência referem-se aos aspectos hedônicos do consumo, ou seja, como os objetos de consumo provocam reações subjetivas no consumidor. Hirschman e Holbrook (1982) são os precursores do movimento que caracteriza o ponto de vista da experiência no consumo.

A junção dos significados dos objetos de consumo à própria identidade refere-se às pesquisas do consumo como integração. O conceito de identidade estendida de

Belk (1988) contribuiu para a compreensão da relação do consumidor com a posse de objetos de consumo vistos como uma extensão de si próprio.

O consumo como classificação evidencia de que maneira os objetos de consumo são utilizados pelos consumidores como forma de se distinguir. Dessa forma, as práticas de consumo pautadas na classificação desempenham o papel de auxiliar na filiação a grupos ou de reforçar as diferenças.

Por fim, o consumo como teatralização diz respeito ao uso de objetos de consumo como instrumentos auxiliares na interação com outros consumidores. A teatralização ocorre por meio da comunhão ou socialização dos objetos de consumo (HOLT, 1995).

2.2 Classes Sociais e Consumo

2.2.1 Classe social e Marketing

Classe social não é um conceito novo em Marketing, mas ainda é considerada um tópico complexo entre os pesquisadores sobre o assunto. Entretanto é um conceito muito importante para o Marketing, sobretudo para o campo de Comportamento do Consumidor. O tema vem ganhando destaque devido ao desenvolvimento econômico e crescimento dos mercados emergentes, sobretudo pelo aumento do poder de compra da classe média (KAMAKURA e MAZZON, 2013).

Compreender a posição socioeconômica de uma família em um sistema estratificado socialmente manifesta as circunstâncias nas quais ocorre o consumo. Dessa forma, a classificação social é o parâmetro frequentemente utilizado pelas empresas para definir estratégias e segmentação de mercado. Classe social consiste em uma forma de hierarquia na qual grupos de indivíduos se diferenciam segundo seus comportamentos, hábitos e atitudes (COLEMAN, 1983; SIVADAS, 1997).

Segundo Burgess e Steenkamp (2006), os mercados emergentes, em comparação aos mercados desenvolvidos, apresentam características específicas, dentre elas a forte cultura hierárquica e a presença de grupos sociais que possuem hábitos, objetivos e comportamento em comum que reflete uma estratificação mais acentuada entre as classes sociais. Dessa forma, a definição socioeconômica tem papel relevante em países emergentes, como é o caso do Brasil.

2.2.2 Conceituação e classificação de classe social

O Brasil vivenciou o fenômeno da ascensão de milhares de pessoas nas últimas décadas. Com a estabilização econômica e a implementação de programas sociais, um novo contingente populacional passou a ocupar estratos sociais superiores da pirâmide brasileira. Com isso, governo e empresas iniciaram esforços para a implementação de um novo critério para a definição de classes no Brasil.

O Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB), comumente denominado “Critério Brasil”, foi um dos instrumentos de segmentação por estrato social mais utilizado pelos profissionais de marketing no Brasil nos últimos anos. O modelo, originalmente criado em 1970, e desde 1997 é desenvolvido pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP), além de ser pautado em um sistema de pontuação de bens e de segmentação da população (ABEP, 2015; MATTOSO e ROCHA, 2005).

Ano após ano o Critério sofreu alterações, entretanto sutis, mantendo a essência desde a sua criação. O modelo, que buscava prever o poder de compra dos indivíduos, não possuía a intenção de estratificar a população em termos de “classes sociais”. Dessa forma, a sociedade era definida em termos de “classes econômicas”, atribuindo-se pontos à posse de bens no domicílio, ao grau de instrução do chefe de família e ao nível de renda. O modelo dividia a população brasileira em cinco classes econômicas que se subdividiam em mais oito subclasses, a saber, A1, A2, B1, B2, C1, C2, D e E (ABEP, 2015).

Todavia, o critério foi alvo de muitas críticas, dentre elas a ineficácia de aplicação do método às pesquisas qualitativas e a ausência de fatores psicográficos além da redução da vida útil dos bens utilizados no modelo que levavam ao baixo poder discriminatório (PONTE e MATTOSO, 2013; MATTOSO, 2010).

Em março de 2012, a Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE) estabeleceu um novo critério para a definição de classes sociais no Brasil, principalmente da classe média. Os esforços para a determinação de um novo critério foram induzidos pela ascensão de indivíduos de uma classe para outra, uma vez que governantes e grupos empresariais desconheciam os integrantes que passaram a compor a classe média brasileira (BRASIL. SAE/PR, 2012).

O critério de classe social definido pela SAE possui como variável somente a renda familiar per capita e utiliza a base de dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) realizada pelo IBGE. O modelo subdivide a população brasileira em oito estratos socioeconômicos (BRASIL. SAE/PR, 2012):

- Extremamente pobre;
- Pobre, mas não extremamente pobre;
- Vulnerável;
- Baixa classe média;
- Média classe média;
- Alta classe média;
- Baixa classe alta;
- Alta classe alta.

No entanto, o critério definido pela SAE também não mostrava ser suficiente para a medição da estratificação social. Assim como o critério Brasil, o critério SAE utilizava em sua metodologia a Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios (PNAD), a qual é baseada na renda corrente declarada e não na renda permanente (ABEP, 2015).

A renda corrente declarada reflete apenas a posição atual do indivíduo na sociedade, ou seja, não reflete os recursos financeiros disponíveis ao indivíduo, como o acesso ao crédito e a poupança. A renda permanente complementa o conceito de renda corrente. Além de considerar os ganhos absorvidos no passado, ela também considera as expectativas de ganhos futuros. Com isso, a renda permanente é o principal determinante do comportamento do consumo e não a renda corrente devido ser mal correlacionada com o consumo (KAMAKURA e MAZZON, 2013).

Com isso, em janeiro de 2015, passou a vigorar o chamado “Novo Critério Brasil” elaborado pelos professores Wagner Kamakura e José Afonso Mazzon. A metodologia do “Novo Critério Brasil” considera variáveis-chave indicadoras de renda permanente tais como: educação, ocupação, posse de bens, condições de moradia, acesso a serviços públicos, renda corrente e ativos financeiros e não financeiros. No total são 35 variáveis que servem para estratificar a população. Além

disso, a metodologia é baseada nos dados da Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF), também realizada pelo IBGE. Ao contrário da PNAD, os dados da POF são comprovados e não apenas declarados pelos entrevistados. Outra mudança relevante é que a avaliação passou a ser nacional, enquanto anteriormente eram avaliadas somente nove regiões metropolitanas do Brasil, onde até então se concentrava a maior parte das relações de consumo (KAMAKURA e MAZZON, 2013; ABEP, 2015).

Por ocasião do lançamento do Novo Critério Brasil, 68% da população pertencia às classes C, D e E. Somente um terço da população brasileira pertencia às classes A e B (ESPM, 2014).

Os estudos sobre o consumo e marketing na base da pirâmide começaram de fato durante os anos de 1960 nos Estados Unidos, com David Caplovitz sendo um dos pioneiros sobre o assunto. A partir da década de 2000, o tema passou a ser novamente explorado, sobretudo devido às publicações de Prahalad, Hammond e Hart. A possibilidade de obter lucro na “base da pirâmide” e a contribuição para a redução da pobreza levaram pesquisadores e grupos empresariais a enxergarem nessa parcela da população uma oportunidade de negócio (ROCHA, E.P.G. *et al.*, 2013).

A apatia pelo tema é devida, sobretudo, pelo desinteresse das empresas por esses consumidores e também pelo desinteresse da academia em estudá-los (ROCHA e SILVA, 2008). Poucos são os estudos, mas não menos importantes, que iniciaram as discussões acerca do assunto sob a ótica do marketing (MATTOSO e ROCHA, 2005; SILVA e PARENTE, 2007; CASTILHOS, 2007; CHAUVEL e SUAREZ, 2009; CASOTTI-et al., 2009; BARBOSA-et al., 2009). Além disso, poucas foram as empresas que enxergaram nos consumidores pobres a oportunidade de negócios, como a pioneira Casas Bahia (HAMMOND e PRAHALAD, 2009). Apesar disso, o tema cada vez mais toma espaço nas discussões econômicas e políticas.

Um estudo mais recente, de Ponte e Mattoso (2013), pesquisou a relação entre produtos culturais de mulheres pertencentes ao grupo da nova classe média com o consumo de *status*. As autoras constataram que o nível de capital cultural está relacionado ao consumo de produtos culturais e, conseqüentemente, de *status*. Rocha A. R. C. et al (2014) abordaram o consumo de cruzeiros marítimos, fenômeno que surgiu no Brasil após a mobilidade social que deu origem à nova classe média. Os

autores constataram que os indivíduos que consomem cruzeiros marítimos o utilizam tanto como prática classificatória quanto como prática discriminatória.

2.3. Consumo de Educação

2.3.1 A sociologia da educação de Bourdieu

Pierre Bourdieu contribuiu para uma nova forma de pensar sobre o papel da educação como elemento transformador do indivíduo. Até a primeira metade do século XX, predominava entre os cientistas sociais uma visão “otimista” quanto ao papel da educação. A escola era concebida como uma instituição neutra que, baseada na racionalidade, funcionaria como instrumento de acesso da sociedade a oportunidades iguais. Dessa forma, ofereceria aos indivíduos uma competição equitativa, fundamentada na meritocracia, em que se sobressairiam aqueles que se destacassem por seus dons e esforços individuais. A partir dos anos 1960, Bourdieu, entre outros estudiosos, se opõe ao paradigma funcionalista, de uma escola justa e meritocrática, reivindicando que, na verdade, a escola é uma das principais instituições por meio da qual se legitimam os privilégios sociais. Bourdieu alega que a escola seria a responsável pela conservação das desigualdades sociais, uma vez que não considera em suas práticas pedagógicas as desigualdades existentes entre os indivíduos de diferentes classes sociais, além do sistema de ensino ser estruturado em torno dos valores das classes dominantes (NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2002).

Para Bourdieu, somente os recursos financeiros (capital econômico) não explicavam porque os filhos das classes dominantes tinham mais acesso às universidades do que os filhos das classes inferiores. Para ele, é a herança cultural (capital cultural) no campo familiar o responsável por essa diferença. Dessa forma, a escola pautada em um sistema de igualdade de oportunidades para todos, por meio da educação, seria um disfarce para a perpetuação da desigualdade social (OJALA, 2008).

“Com efeito, para que sejam favorecidos os mais favorecidos e desfavorecidos os mais desfavorecidos, é necessário e suficiente que a escola ignore, no âmbito dos conteúdos do ensino que transmite, dos métodos e técnicas de transmissão e dos critérios de avaliação, as desigualdades culturais entre as crianças de

diferentes classes sociais. Em outras palavras, tratando todos os educandos, por mais desiguais que sejam eles de fato, como iguais em direitos e deveres, o sistema escolar é levado a dar a sua sanção às desigualdades iniciais diante da cultura” (BOURDIEU, 2015a, p. 59).

O trabalho de Bourdieu é marcado pela extensão e densidade de suas obras, tornando algumas vezes árdua a compreensão. Para fins deste trabalho, será abordado uma pequena parte da vasta obra de Bourdieu, mas que compõe os conceitos-chaves do autor. Esses conceitos-chave são o *habitus*, o campo e os diferentes tipos de capital. É importante ressaltar que os conceitos associados à tríade *habitus* - campo - capital estão interligados e, portanto, nenhum pode ser explicado adequadamente sem o outro (GRENFELL, 2008).

2.3.1.1 O conceito de *Habitus*

Um dos conceitos-chave de Bourdieu, o *habitus*, já vem sendo há algum tempo empregado na literatura de comportamento do consumidor. Entretanto, o conceito ainda é mal interpretado e mal utilizado, segundo alguns autores. Dessa maneira, faz-se necessário esclarecer o seu significado (GRENFELL, 2008; VASCONCELLOS, 2002).

Para Vasconcellos (2002, p. 79), o *habitus* corresponde a uma “matriz, determinada pela posição social do indivíduo que lhe permite pensar, ver e agir nas mais variadas situações” e “traduz, dessa forma, estilos de vida, julgamentos políticos, morais e estéticos”. *Habitus* possui como características a fluidez, a individualidade e a inconsciência. Ele é fluido porque pode mudar gradativamente com o tempo, individual porque é único para cada indivíduo, e determina as ações dos indivíduos de forma inconsciente, ou seja, suas ações são moldadas pelo *habitus* sem que o indivíduo pense conscientemente a respeito.

Já Sant’anna e Souza (2012, p. 31) o definem como “um sistema de disposições que os indivíduos adquirem no processo de socialização, ou seja, são modos de agir, fazer, perceber, sentir e pensar, interiorizados pelos indivíduos como resultado das condições de sua existência.”

Conforme definição própria, Bourdieu destaca *habitus* como um:

“Sistema de disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes” (BOURDIEU, 2007, p. 191).

Segundo Maton (2008), as disposições constituem uma predisposição ou tendência referente ao estado habitual. Elas são mutáveis e transponíveis, ou seja, são tanto moldadas por eventos e estruturas passadas quanto moldam práticas e estruturas presentes. É uma estrutura por conter em si um sistema composto por essas disposições que geram práticas. É estruturada no sentido de que sofre influência de fatos passados e presentes como base familiar, educação etc. E é estruturante no sentido de que irá moldar as ações presentes e futuras. Os agentes sociais podem ser indivíduos, instituições, ou grupos.

Basicamente, o *habitus* refere-se aos costumes, valores e crenças que envolvem a forma de agir, pensar e de ser. Ele é fruto de experiências passadas que tiveram origem na infância. Essas experiências passadas, por sua vez, determinam as escolhas atuais e influenciam as escolhas futuras. A posição atual em que um indivíduo se encontra é resultado de diversas circunstâncias ocorridas ao longo do tempo (BOURDIEU, 2007).

O *habitus* explica os diferentes comportamentos empregados em diferentes campos sociais e por que os gostos e padrões estéticos são distintos para indivíduos pertencentes a classes distintas. Por exemplo, indivíduos das classes de elite apreciam arte porque foram expostos e treinados desde cedo, enquanto que indivíduos de classes trabalhadoras em geral não têm acesso à arte e por isso não desenvolvem esse gosto (BOURDIEU, 2013).

O conceito de *habitus* está relacionado também à contradição existente entre social *versus* individual e objetivo *versus* subjetivo. O comportamento individual, por mais pessoal que seja, faz parte de uma estrutura social já definida baseada em categorias como gênero, idade, classe social, região geográfica etc. Dessa maneira, a forma de agir do indivíduo está relacionada à estrutura social muito antes do aspecto pessoal. Já a relação entre objetivo *versus* subjetivo refere-se à internalização da estrutura social, o objetivo (externo) é incorporado pelo subjetivo (interno) (MATON, 2008).

2.3.1.2 O conceito de Campo

Bourdieu define campo como:

“[...] um espaço multidimensional de posições tal que qualquer posição atual pode ser definida em função de um sistema multidimensional de coordenadas cujos valores correspondem aos valores de diferentes variáveis pertinentes: os agentes distribuem-se assim nele, na primeira dimensão, segundo o volume global do capital que possuem e, na segunda dimensão, segundo a composição do seu capital – quer dizer, segundo o peso relativo das diferentes espécies no conjunto das duas posses” (BOURDIEU, 2004, p. 135).

O conceito de campo refere-se ao espaço social onde os agentes sociais ocupam posições específicas e atuam no sentido de melhorarem as suas posições. Entretanto, vale lembrar que somente o conceito de campo não é suficiente para análise social, é preciso considerar *habitus* e capital.

Thomson (2008) explica o conceito com base em três analogias: campo de um jogo de futebol, campo na ficção científica e campo de forças físicas. Cada campo possui uma característica que auxilia na compreensão do conceito de campo de Bourdieu. A primeira analogia consiste no conceito de campo de futebol. Bourdieu apresenta a vida (espaço social) como um jogo de futebol competitivo, onde cada jogador busca a “vitória”. Entretanto, a partida não começa de forma igualitária para todos os jogadores, pois há agentes sociais mais providos de algum tipo de capital – cultural, social, econômico ou simbólico – e isso irá permitir iniciar o jogo em vantagem quando comparado aos demais agentes sociais desprovidos ou com menos capital. Para os indivíduos providos de capital, as condições do campo se apresentam de forma mais favoráveis.

A segunda analogia de campo de Bourdieu refere-se ao campo da ficção científica, onde o universo se divide entre o que ocorre dentro do campo e fora do campo. O campo é instituído de forma a proteger quem faz parte dele, como a tripulação de uma nave espacial. Há uma hierarquia, onde existem os dominantes e os dominados. Além disso, os movimentos que ocorrem no campo são regulados,

previsíveis e reafirmados conforme a *doxa*³ presente em cada campo. Bourdieu denominou como campo de poder os diferentes campos sociais que podem ser ocupados simultaneamente. Já a terceira analogia refere-se ao campo social como um campo de forças físicas, onde cada força, por meio de um vetor, atua sobre a outra (THOMSON, 2008).

Bourdieu via o mundo social como sendo dividido em arenas distintas ou campos tais como arte, religião, educação etc., cada um com um conjunto único de regras, normas, conhecimentos, e composição de diferentes tipos de capital. Cada campo é marcado por agentes sociais de mesmos *habitus*, que compartilham interesses e capitais comuns, e competem pela distribuição de diferentes tipos de capital (BOURDIEU, 2013).

2.3.1.3 O conceito de Capital

Bourdieu observa:

“É de fato impossível explicar a estrutura e funcionamento do mundo social a não ser que reintroduza o capital em todas as suas formas e não apenas na única forma reconhecida pela teoria econômica. A teoria econômica permitiu lançar a definição de economia das práticas que é invenção histórica do capitalismo; e pela redução do universo de trocas para troca mercantil, que é objetivamente e subjetivamente orientada para a maximização do lucro, ou seja, para o interesse próprio; isso tem implicitamente definido outras formas de trocas, não econômicas, e, portanto, desinteressadas. Em particular, são definidas como desinteressadas aquelas formas de troca que asseguram a transubstanciação pela qual os tipos mais relevantes de capital – aqueles que são econômicos no sentido restrito – podem apresentar-se sob a forma imaterial de capital cultural ou capital social e vice-versa” (BOURDIEU, 1986, p. 46).

Bourdieu ampliou o conceito de capital, até então restrito à sua forma econômica, para o campo social, nas formas de capital social e cultural. Esse conceito ampliado de capital surge da limitação do capital econômico em explicar as relações entre nível socioeconômico e bom desempenho educacional (CAZELLI, 2010).

Bourdieu identifica e define quatro tipos de capital que são interdependentes e associados ao *habitus*: econômico, cultural, social e simbólico. Esse conjunto de

³ *Doxa* consiste no conjunto de conhecimentos e crenças adquiridos com base na experiência e de maneira inconsciente (DEER, 2008).

capitais é utilizado pelos agentes sociais dentro de um campo social na luta por dominância e poder.

O capital econômico representa o conceito original e marxista de capital, oriundo da remuneração assalariada, de ativos e propriedades, os quais podem auxiliar ou prejudicar o acesso aos bens e serviços, como a educação de qualidade, por exemplo (BOURDIEU, 1986)

Quanto ao capital social, Bourdieu destaca que:

É o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-conhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por ligações permanentes e úteis (BOURDIEU, 2015c, p. 75).

Dessa maneira, o capital social pode ser representado pelas relações de um indivíduo, tais como amigos, grupos, família etc. Um indivíduo possui mais ou menos capital social conforme o tamanho da rede de relações a qual ele pertença, além da sua capacidade de mobilização do capital alheio, seja ele econômico, cultural ou simbólico. Bourdieu ainda afirma que o capital social, apesar de distinto, não é independente do capital econômico e cultural, uma vez que é preciso haver o “mínimo de homogeneidade ‘objetiva’” entre os detentores do próprio capital social (BOURDIEU, 2015c, p.75).

O conceito de capital cultural de Bourdieu surgiu do interesse em compreender as desigualdades de desempenho escolar de crianças oriundas de diferentes classes sociais. Tal conceito contrapõe a teoria do capital humano, onde fracassos e sucessos estão relacionados a “aptidão” individual. O capital cultural existe de três formas: no estado incorporado, no estado objetivado e no estado institucionalizado (BOURDIEU, 2015b).

No estado incorporado, o capital cultural “está ligado ao corpo e pressupõe sua incorporação”. Ele é acumulado ao longo do tempo por meio da “inculcação e assimilação”, e não de forma instantânea. O sujeito adquire propriedades que irão integrar o seu *habitus*. Além disso, o capital cultural incorporado não é passível de

transmissão e o seu detentor o possui até o final de sua vida (BOURDIEU, 2015b, p.82).

O capital cultural no estado objetivado “detém um certo número de propriedades que se definem apenas em sua relação com capital cultural em sua forma incorporada”. Consiste na materialidade dos bens culturais como livros, pinturas, esculturas etc. A transmissão de propriedades materiais, que caracteriza o capital cultural objetivado, pode ser efetivada pela obtenção do capital econômico. Entretanto, a apropriação simbólica desses bens somente ocorre caso o indivíduo possua o capital cultural no estado incorporado (BOURDIEU, 2015b, p.85).

Por fim, o capital cultural no estado institucionalizado é adquirido por meio da educação formal, baseada nos diplomas e títulos acadêmicos. O título acadêmico possibilita a comparação entre os graduados, a substituição dos mesmos e também determina o valor econômico do título, ou seja, a conversão entre o capital econômico e o capital cultural. Os “benefícios materiais e simbólicos” dos títulos acadêmicos irão depender do quão raros eles são. Além disso, o retorno do título acadêmico irá depender da facilidade ou dificuldade do acesso a ele, o que Bourdieu denomina de “inflação de títulos” (BOURDIEU, 2015b, p.87).

Finalmente, há também o capital simbólico, o qual Bourdieu define da seguinte forma:

O capital simbólico – outro nome da distinção – não é outra coisa senão o capital, qualquer que seja a sua espécie, quando percebido por um agente dotado de categorias de percepção resultantes da incorporação da estrutura da sua distribuição, quer dizer, quando conhecido e reconhecido como algo óbvio (BOURDIEU, 2004, p. 145).

O capital simbólico consiste no poder derivado do status, prestígio, honra, autoridade e reconhecimento de qualquer tipo de capital, o qual determinado indivíduo possui na sociedade. O capital simbólico confere ao seu detentor respeito por parte da sociedade que atesta e confere os seus ideais (BOURDIEU, 2004).

Cada indivíduo carrega uma bagagem socialmente herdada, representada pela composição e quantidade relativa dos diferentes tipos de capital. Para Bourdieu (2013), o capital cultural seria o elemento dessa bagagem herdada que teria o maior impacto sobre o destino escolar.

Bourdieu se destacou por ter diminuído o peso do capital econômico em favor do cultural na explicação das desigualdades escolares. A herança cultural, transmitida pela família, facilitaria o aprendizado escolar em crianças oriundas de meios culturalmente favorecidos. O capital social e o econômico atuariam como auxiliares e reforçadores do capital cultural: a posse de capital econômico permitiria acesso a instituições mais caras, de maior prestígio, acesso a bens culturais etc., e o capital social, na forma das redes de relações, permitiria uma troca mais intensa de informações, sobretudo no melhor entendimento sobre os mecanismos de funcionamento do sistema educacional (NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2002).

2.3.2 A educação como forma de consumo

Nogueira e Nogueira (2002) discorrem sobre as diferentes estratégias de investimento escolar adotadas pelas famílias de acordo com a classe social, propostas por Bourdieu. As classes populares, carentes sobretudo em capital econômico e cultural, tenderiam a investir menos na educação dos filhos, dada a percepção, por experiência acumulada, de que as chances de sucesso são reduzidas. Além disso, essas famílias estariam menos propensas a suportar o longo prazo necessário para o retorno desse investimento. Aqui, o custo de oportunidade é alto, considerando-se o adiamento da entrada da prole no mercado de trabalho. Ou seja, para essa classe, o risco é alto e o retorno é incerto e demorado. Diante desse cenário, as famílias de classes inferiores tenderiam a privilegiar carreiras escolares mais curtas, que permitem uma entrada mais precoce no mercado de trabalho (BOURDIEU, 2013).

Em contraste, as famílias da classe média tenderiam a investir pesadamente em educação, já que dispõem de capitais em volume suficiente para investir na educação da prole, diminuindo os riscos frente aos custos de oportunidade (remuneração imediata da entrada antecipada no mercado de trabalho dos filhos). Essas famílias, muitas delas originárias das camadas populares, nutrem-se do sonho de ascender às elites, contribuindo assim para a propensão em investir mais acentuadamente na escolarização dos filhos. Esse esforço, segundo Bourdieu, seria caracterizado por três componentes: o ascetismo (renúncia dos prazeres imediatos em benefício do projeto de futuro), malthusianismo (propensão ao controle de fecundidade como estratégia

inconsciente de concentração de investimentos), e a boa vontade cultural (reconhecimento da cultura legítima e esforço para adquirí-la) (BOURDIEU, 2013).

De certa forma, as famílias pertencentes a classes mais favorecidas tendem a investir solidamente em educação, entretanto, esse hábito não é percebido como algo preocupante, pois o fracasso escolar seria bastante improvável diante da posse de capitais em todas as suas formas. Além disso, essas famílias não precisam lutar por ascensão social, pois já ocupam posições dominantes na sociedade (NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2002).

Outra perspectiva da valorização da escola por diferentes classes sociais refere-se à finalidade da educação, que pode ser simbólica ou instrumental. Dentro dessa perspectiva, os estudantes das camadas sociais mais favorecidas encaram a educação como uma forma mais simbólica de realização pessoal. Por outro lado, as classes populares valorizariam a educação sob uma ótica mais instrumental, como um meio de alcançar melhores posições no mercado de trabalho. “Se para os primeiros a ideia é de vocação central, para os outros, o que importa é a utilidade prática que possam ter os saberes adquiridos na disputa por melhores posições no mercado de trabalho” (BARBOSA e SANT’ANNA, 2010, p. 156).

3. Método

Nesta seção é apresentada a metodologia utilizada para o trabalho. O estudo, baseado em uma abordagem qualitativa, é de natureza interpretativa, utilizando entrevistas em profundidade.

3.1 Perspectiva adotada

Muito se discutiu sobre a legitimidade da abordagem qualitativa de pesquisa como alternativa de investigação acadêmica, e com isso, a abordagem positivista foi e continua sendo a mais adotada por pesquisadores em Marketing. Entretanto, algumas características da pesquisa qualitativa mostram a adequação da abordagem adotada ao objeto de estudo, destacando-se a adequação da abordagem qualitativa a temas de pesquisa emergentes e, em particular, a adequação da perspectiva interpretativa à investigação de significados atribuídos pelos participantes à educação, objeto do presente estudo (CRESWELL, 2010).

Além disso, o campo teórico que embasa esta dissertação, os estudos da *Consumer Culture Theory* (CCT), contribuíram para essa mudança de paradigma de investigações acadêmicas em marketing, uma vez que a teoria da CCT é fundamentada nos aspectos subjetivos do comportamento do consumidor que não podem ser explicados somente por meio da abordagem positivista (ARNOULD e THOMPSON, 2005).

O estudo de natureza interpretativa busca, então, compreender os significados atribuídos à aquisição de educação privada por famílias emergentes. Dessa forma, os sujeitos da investigação são famílias pertencentes à nova classe média, com filhos em escolas privadas.

3.2 Perguntas de Pesquisas

A pergunta de pesquisa consiste em:

Quais os significados relacionados ao acesso a uma escola privada entre pais consumidores emergentes, que optaram por matricular seus filhos na rede de ensino privada?

Secundariamente, espera-se responder à seguinte pergunta:

Quais são os fatores e os critérios utilizados pelas famílias que interferem na decisão de matricular os filhos em escolas privadas?

Primeiramente foram conduzidas pesquisas exploratórias e em seguida o aprofundamento na revisão de literatura sobre marketing e consumidor emergente, com foco em comportamento do consumidor. No campo da Administração, sobretudo em Marketing, constatou-se a escassez de estudos ligados ao tema educação privada no país, e em especial junto à classe emergente. Dessa forma, as motivações e os aspectos simbólicos que levam os pais a trocarem a educação pública pela educação particular ainda não foram exploradas.

3.3 Unidade de análise: a Família

Há três camadas de análise social: individual, microssocial e macrossocial. A camada macrossocial refere-se aos estudos que envolvem gerações, cultura, gênero e classes sociais. A camada microssocial, envolve estudos referentes a grupos de indivíduos. Já a camada individual refere-se aos estudos sobre percepções e motivações individuais (DESJEUX, 1996 *apud* COVA e COVA, 2002). O estudo focou em famílias cujos pais são qualificados como consumidores emergentes.

O problema de pesquisa emergiu da observação do aumento do fluxo de estudantes com uniformes de escolas particulares em uma comunidade do Rio de Janeiro, onde reside a pesquisadora. O mesmo fenômeno foi observado em outras comunidades similares da cidade do Rio de Janeiro. Tais observações foram relevantes para a escolha do tema de pesquisa.

3.4 Seleção dos entrevistados

No período de novembro de 2014 a abril de 2015, foram entrevistadas 14 unidades familiares, compondo 24 entrevistas em profundidade, totalizando mais de

17 horas de gravações. Os informantes são pais e mães que possuem filhos em escolas privadas e possuem o perfil da nova classe média. Foram selecionados por conveniência da pesquisadora e são moradores de comunidades da região metropolitana do Rio de Janeiro.

O conjunto de pessoas entrevistadas é composto de homens e mulheres na faixa de 26 a 44 anos, com renda domiciliar per capita de R\$ 500,00 a R\$ 2.333,00, considerada a renda familiar per capita a mais adequada para a definição de classes (NERI, 2010). De acordo com as características de cada família e baseado no Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB, 2015), as famílias entrevistadas possuem de 18 a 27 pontos. Os cortes de pontos do CCEB são de 17 a 22, classe C2, e de 23 a 28 pontos, classe C1. São dez famílias da classe C2 e quatro famílias pertencentes a classe C1. As entrevistas duraram em média quarenta minutos, e depois foram transcritas e em seguida analisadas sob a ótica interpretativista. Os dados foram agrupados e categorizados, respeitando o referencial teórico e os temas abordados nas entrevistas.

O perfil resumido dos entrevistados encontra-se detalhado no capítulo 4. Todas as informações foram dadas pelos próprios informantes, que estavam a par do propósito do estudo e consentiram em participar do mesmo. Os nomes apresentados, tanto dos indivíduos quanto das famílias, são fictícios, para preservar a identidade dos entrevistados.

3.5 Análise de Dados

Os dados coletados por meio das entrevistas foram transcritos e submetidos à análise de conteúdo qualitativa. A análise de conteúdo qualitativa propõe ir além da contagem de padrões que emergem das entrevistas em profundidade. Ela considera o contexto e as individualidades que são inerentes ao mundo e que são difíceis de serem mensuradas e categorizadas. Além disso, na análise de conteúdo qualitativa, o pesquisador possui papel relevante na construção do significado (KOHLBACHER, 2006). Em seguida, os dados foram agrupados, respeitando o referencial teórico e os temas abordados nas entrevistas

3.6 Limitações do Estudo

Além da limitação inerente ao método qualitativo, que não permite generalização dos achados, a presente pesquisa apresenta outra limitação que decorre também da análise interpretativa-qualitativa, relacionada à subjetividade na interpretação dos resultados (ROCHA e SILVA, 2008).

Uma questão adicional que deve ser considerada, pelos seus impactos potenciais, positivos e negativos, na interpretação dos resultados, decorre do fato de a pesquisadora pertencer ao mesmo grupo social dos entrevistados e viver em uma das comunidades em que realizou a pesquisa de campo. De um lado, a tradição etnográfica, vinculada à perspectiva interpretativa, advoga que o pesquisador deve ser estranho ao grupo social que estuda, pois, desta forma, estaria mais apto a tornar o que lhe é estranho, familiar, e utilizar o processo de estranhamento como forma de entender o universo do “outro”. De outro lado, tem sido proposto, em “um movimento um tanto heterodoxo para os padrões tradicionais”, que o pesquisador possa estudar também “o próximo, o vizinho, o amigo”, o que torna necessário “lidar com a problemática da familiaridade e do estranhamento” (VELHO, 2003, p. 15). Cabe salientar ainda que a pesquisadora, embora residindo em comunidade similar à da maioria de seus entrevistados, e pertencendo à mesma classe média ascendente, não tem filhos, nem, portanto, lidou com a questão específica da educação pública *versus* privada de crianças em suas decisões. Finalmente, a proximidade da pesquisadora com os informantes facilitou o acesso aos mesmos e, possivelmente, reduziu o viés de aprovação social enfrentado por pesquisadores que não fossem percebidos pelos informantes como sendo “seus iguais”. É possível, porém, que a proximidade tenha influenciado, ou limitado, de alguma forma, a interpretação dos resultados, o que foi mitigado pela discussão das próprias interpretações com colegas e professores do Departamento de Administração da PUC-Rio.

4. Resultados

4.1 Descrição das Famílias

Todos os entrevistados são oriundos de comunidades da região metropolitana do Rio de Janeiro: cinco famílias da comunidade do Santa Marta, quatro famílias da Rocinha, quatro famílias da Gardênia Azul e uma família da comunidade do Rio das Pedras. Grande parte dos entrevistados possui o ensino médio completo, total de oito pessoas, cinco, o ensino médio incompleto. Duas pessoas possuem nível superior incompleto e três, nível superior completo. Quanto ao ensino fundamental, quatro pessoas completaram e duas pessoas não completaram.

Todos os entrevistados realizaram o ciclo básico (nível fundamental e médio) em escolas públicas. Entretanto, em algum momento da vida, seis estudaram em escolas privadas, incluindo escolas de ensino de jovens e adultos.

Em relação aos antecedentes familiares, ou seja, os avós das crianças cujas famílias foram entrevistadas, nenhum possui ensino superior, além de grande parte atuar em atividades de menor cunho intelectual. Das 24 avós, 17 foram, ao longo da vida, “do lar”.

O perfil detalhado de cada família é apresentado no quadro 2 a seguir.

Quadro 2 – Informações dos Entrevistados

Família	Pontos CCEB	Entrevistado	Idade	Localidade	Grau de Instrução	Profissão	Filhos
Oliveira	27	Raiane (mãe solteira)	30	Santa Marta	Ensino médio completo	Caixa de loja de roupa feminina	1 (4)
Ribeiro	22	Raíssa	30	Santa Marta	Fundamental incompleto (6º ano)	Do lar	1 (11)
		Adilson	34		Superior incompleto (em andamento)	Técnico Judiciário do TRE	
Araújo	23	Eloísa	28	Rio das Pedras	Ensino médio completo	Do lar	1 (7)
		Mário	35		Superior incompleto (em andamento)	Maitre de Eventos	
Dias	22	Rebeca	32	Santa Marta	Ensino médio incompleto (2º ano)	Do lar	3 (0,1) (3) (10)
		Túlio	32		Ensino médio completo	Garçom	
Santos	22	Paula	26	Rocinha	Ensino médio completo	Do lar	1 (5)
		Ricardo	32		Ensino médio completo	Técnico de Segurança do Trabalho	
Azevedo	21	Elenice	37	Rocinha	Ensino médio completo	Assistente administrativa	1 (4)
		Luiz	36		Ensino médio incompleto (2º ano)	Professor de Tênis	
Silva	22	Karla Rafaela	38	Rocinha	Superior completo	Assistente administrativa	2 (4) (7)
		Carlos	35		Ensino médio completo	Representante Comercial	
Vieira	27	Andréia	36	Rocinha	8º ano fundamental	Cabeleireira	1 (17)
		José	44		8º ano fundamental	Vendedor	
Pereira	21	Estela (mãe solteira)	29	Santa Marta	Ensino médio incompleto (2º ano)	Agente Sesi de Cidadania	3 (2) (5) (7)
Souza	18	Sueli (mãe solteira)	28	Santa Marta	Ensino médio incompleto (1º ano)	Monitora de van escolar	2 (3) (6)
Costa	21	Gabriela	35	Gardênia Azul	Pós-graduação	Analista Administrativa	1 (12)
		Fausto	37		Ensino médio incompleto (2º ano)	Vendedor das Casas Bahia	
Paiva	25	Gisele	37	Gardênia Azul	Superior completo	Comerciante	1 (9)
		Alberto	42		Ensino médio completo	Agente Patrimonial (Segurança)	
Nascimento	20	Elisabete	35	Gardênia Azul	8º ano fundamental	Doméstica	1 (5)
		Joaquim	40		Fundamental incompleto	Caseiro	
Lima	18	Emília (mãe solteira)	41	Gardênia Azul	8º ano fundamental	Doméstica	1 (3)

Família (continuação)	Educação filhos	Renda média	Renda familiar	Residentes no domicílio	Renda familiar per capita
Oliveira	Pré-escola	1.400,00	5.400,00	6	900,00
Ribeiro	6° ano do fundamental	-	4.052,96	3	1.350,99
		4.052,96	4.052,96	3	1.350,99
Araújo	1° ano do fundamental	-	4.000,00	3	1.333,33
		4.000,00	4.000,00	3	1.333,33
Dias	Creche/Pré-escola/5° ano do fundamental	-	3.500,00	5	700,00
		3.500,00	3.500,00	5	700,00
Santos	Pré-escola	-	2.500,00	3	833,33
		2.500,00	2.500,00	3	833,33
Azevedo	Pré-escola	1.500,00	4.500,00	3	1.500,00
		3.000,00	4.500,00	3	1.500,00
Silva	Pré-escola / 2° ano do fundamental	1.200,00	4.200,00	4	1.050,00
		3.000,00	4.200,00	4	1.050,00
Vieira	3° ano do ensino médio	4.000,00	7.000,00	3	2.333,33
		3.000,00	7.000,00	3	2.333,33
Pereira	Creche/Pré-escola/2° ano do Fundamental	1.500,00	3.700,00	6	616,67
Souza	Creche/Pré-escola	980,00	2.000,00	4	500,00
Costa	7° ano do fundamental	4.200,00	6.200,00	3	2.066,67
		2.000,00	6.200,00	3	2.066,67
Paiva	4° ano do fundamental	1.500,00	3.700,00	3	1.233,33
		2.200,00	3.700,00	3	1.233,33
Nascimento	Pré-escola	1.200,00	3.000,00	3	1.000,00
		1.800,00	3.000,00	3	1.000,00
Lima	Creche	2.500,00	2.500,00	2	1.250,00

Família (continuação)	Escola do pai/mãe	Profissão do Avô	Profissão da Avó	Colégio dos filhos	Mensalidade
Oliveira	Pública	Cozinheiro	Servente	Centro Educacional Berenice Barra (Botafogo)	560,00
Ribeiro	Pública	Camelô	Do Lar	Colégio Santo Inácio (Botafogo)	900,00 ^[1]
	Pública	Comerciante	Do Lar		
Araújo	Pública	Trabalhador da roça	Lavadeira	Danielle Mattos (Rio das Pedras)	380,00
	Pública	Encanador	Babá		
Dias	Pública	Cozinheiro	Do Lar	Colégio Adventista (Botafogo)	465,00
	Particular / Pública	Funcionário público	Do Lar		
Santos	Pública	Dedetizador	Faxineira	Colégio Metodista (Rocinha)	230,00
	Pública	Porteiro	Do Lar		
Azevedo	Pública	Vigia	Do Lar	Colégio Metodista (Rocinha)	180,00
	Pública	Carpinteiro	Do Lar		
Silva	Particular / Pública	Servidor público de Portos	Do Lar	Colégio Lápis de Cor (Rocinha) / Colégio Moranguinho (Rocinha)	640,00 ^[2]
	Pública	Cozinheiro	Do Lar		
Vieira	Pública / Particular	Pedreiro	Do Lar	Colégio Teresiano (Gávea)	311,00 ^[3]
	Pública	Porteiro	Do Lar		
Pereira	Pública	n/a	Cozinheira	Creche Santa Marta (Botafogo) / Educandário da Misericórdia (Botafogo)	420,00 ^[3]
Souza	Pública	Cozinheiro	Empregada doméstica	Colégio Rebeca (Botafogo)	537,80
Costa	Pública	Comerciante	Do Lar	Nossa Senhora Rainha dos Corações (Jacarepaguá)	- ^[5]
	Particular / Pública	Projetista	Do Lar		
Paiva	Pública	Comerciante	Do Lar	CEEVA - Centro Educacional Evangélico Vieira Aguiar (Gardênia)	524,00
	Pública / Particular	Comerciante	Do Lar		
Nascimento	Pública	Trabalhador da roça (analfabeto)	Trabalhador da roça (analfabeto)	CEEVA - Centro Educacional Evangélico Vieira Aguiar (Gardênia)	280,00 ^[6]
	Pública	n/a	Do Lar		
Lima	Pública / Particular	Pedreiro	Do Lar	Creche Escola Paraíso da Criança (Gardênia)	420,00

Nota:

[1] Possui bolsa de 50%.

[2] A mensalidade da escola do filho mais novo é de 340,00 reais e do filho mais velho é de 300,00 reais.

[3] Possui bolsa de 90%.

[4] A creche em que o filho mais novo fica é gratuita, já a mensalidade das duas filhas é de 210,00 reais para cada.

[5] O filho possui bolsa de 100%, mas os pais pagam o transporte entre Gardênia e Jacarepaguá no valor de 280,00 reais mensais. A renda da mãe é composta por 3.000 reais de salário e 1.200 reais de rendimentos de aluguéis de duas casas na região onde mora.

[6] Além da mensalidade de 280,00 reais, os pais pagam 200,00 reais para uma vizinha cuidar do filho diariamente na parte da manhã.
n/a Não souberam dizer ou não lembram em que o pai/mãe trabalhavam.

4.2 Histórias das Famílias

Inicialmente faz-se uma breve apresentação das famílias estudadas, sob a perspectiva de sua história de vida, incluindo os aspectos relacionados à educação. Embora não se pretenda, neste estudo, vincular as histórias de vida aos significados atribuídos à educação, tal perspectiva é necessária ao entendimento das famílias estudadas em seu contexto.

Salienta-se que a composição das famílias apresenta algumas variações: algumas famílias são constituídas por casais, outras apenas pela mãe, ou ainda por parentes que compartilham o domicílio.

4.2.1 Família Oliveira

A família Oliveira é constituída por Raiane, 30 anos e uma filha, Bruna, de quatro anos. Raiane é mãe solteira e mora em uma casa considerada grande para uma comunidade, apesar de ser uma casa ainda na alvenaria, sem emboço. É uma casa de três andares, onde o irmão mais velho, 32 anos, mora no primeiro andar, seus pais e o irmão mais novo, 18 anos, moram no segundo, e Raiane mora no terceiro andar com a filha. Raiane tem um namorado, Ivo, com quem faz planos para o futuro. Na família Oliveira, apenas Raiane foi entrevistada.

Raiane mora na comunidade Santa Marta em Botafogo desde que nasceu. Possui o ensino médio completo e trabalha como caixa em uma loja de roupas femininas em Copacabana. Seus pais são de origem muito humilde e vieram do Ceará. Seu pai e sua mãe estudaram até a segunda e terceira série do ensino fundamental, respectivamente. O pai é cozinheiro e a mãe é do lar. O irmão mais velho é porteiro, completou o ensino médio e fez curso técnico de administração. Já o irmão mais novo acabou de repetir o ano escolar e vai fazer novamente o segundo ano do ensino médio.

Sobre sua infância, Raiane fala de seus pais com muito carinho, mas lamenta por eles não terem sido mais rígidos com ela. Ela lembra que seus pais nunca foram preocupados em impor limites, sempre deixaram os filhos “à vontade”. Além disso, reclama da pouca atenção recebida durante a infância: “Meu pai [...] nunca chegou

assim para perguntar: ‘está com algum problema na escola, está com algum problema na vida?’ [...] Minha mãe também, sempre muito calada, na dela.” Sobre a infância na comunidade, Raiane fala a respeito dos tiroteios na comunidade onde mora até hoje:

“Tinha muito tiro quando eu era criança. Minha casa era de madeira, o único cômodo que tinha de tijolo era o banheiro. E eu lembro muito disso, quando tinha tiroteio a gente entrava dentro do banheiro, ficava a família toda lá dentro: meu pai, minha mãe e o meu irmão. Ficava todo mundo lá dentro, esperava amenizar um pouco e aí voltava.” (Raiane)

Aos 25 anos, engravidar não fazia parte dos planos de Raiane, que ia bem na vida profissional. Desde o momento da gravidez até o nascimento da criança, Raiane passou por muitas situações de desgaste emocional com o pai de sua filha – que foi o seu primeiro namorado – finalmente culminando em separação definitiva.

“Meu sonho era ficar junto com ele. Eu achava que nós íamos ficar juntos porque tinha ida e volta, e acho que um filho ia melhorar, ficar certo. Porque eu sou muito certinha, para mim tem que ser tudo certinho.” (Raiane)

Durante o ensino médio, Raiane conseguiu o seu primeiro emprego, como caixa de uma loja. Ela relata que sempre quis trabalhar. Já no segundo emprego, também como caixa, passou por duas promoções: caixa responsável e inspetora de caixa. A gravidez foi um marco na vida de Raiane: “mudou tudo, tudo mudou, até minha cabeça mudou”. Após seis anos trabalhando nessa loja, Raiane deixou o emprego, pois não havia conseguido creche para a filha. Sua mãe, que nunca havia trabalhado, naquele ano tinha conseguido um emprego como servente, do qual estava gostando muito. Raiane não teve coragem de pedir à mãe que largasse o trabalho para ficar com a neta. Somente quando a filha fez um ano e quatro meses é que Raiane conseguiu vaga em uma creche próxima de casa. Em seguida, ela conseguiu novamente um emprego como caixa em outra loja, em que permaneceu até a ocasião da entrevista.

Raiane se lembra de uma professora que teve na escola fundamental porque “tinha um pulso firme” e “não dava mole”. Revela que sempre teve medo e que se sente intimidada em relação a professores até hoje: “Eu tenho um bloqueio muito

grande com professor. Para mim, ele é ... sabe aquela coisa muito grande, que você enxerga lá no alto?! Que você não pode ter amizade?!”

No ensino médio, teve a oportunidade de conhecer pessoas diferentes, o que não acontecera durante o ensino fundamental, pois a proximidade da escola com a comunidade não possibilitava conhecer pessoas de outros lugares, uma vez que grande parte dos alunos morava na comunidade. Já no ensino médio encontrava pessoas de outras áreas da cidade, fazendo novas amizades. Ela cita um episódio em que alguns alunos, na época do vestibular, foram à procura de isenção para a faculdade pública e ela não foi. Além disso, para Raiane, a ideia de cursar uma faculdade era algo muito distante.

“Longe de não conseguir entrar numa faculdade [...] Não sei, eu nunca tentei, mas eu achava que eu nunca ia conseguir. Sabe aquela coisa: ‘ah, não vou tentar, porque aquilo ali não é o meu mundo não, não vou entrar, não’ [...] Eu não sei, para mim, eu vou chegar lá e eu não vou conseguir, porque eu acho que eu não tive um estudo muito forte e eu também não me dedicava tanto aos estudos. Eu estudava o que tinha que estudar, eu nunca fui uma pessoa estudiosa, ‘Ah, final de semana vou estudar’. Eu estudava quando tinha prova [...] Então, para mim, eu ia ficar lá [na faculdade], iria me atrasar, eu não ia conseguir ter o andamento dos estudos.” (Raiane)

Pensa em voltar a estudar e fazer uma faculdade, mas imagina que será um processo muito difícil:

“Eu sei que, se eu quisesse fazer faculdade, eu ia conseguir, mas eu tenho um bloqueio, não sei. Eu acho que se eu for fazer a faculdade, ou eu não vou passar, ou vou ficar repetindo todo ano. Nunca me aprofundei para saber como é que são as matérias da faculdade. Só sei que, se repetir, você pode fazer a outra matéria no outro ano. Eu fico com medo de me embolar com isso e eu acho que eu não vou conseguir. E quando eu vejo uma pessoa perto, fazendo, ‘Gente, eu posso!’. Mas eu não consigo ter aquela coisa de ir.” (Raiane)

Embora, quando criança, ouvisse frequentemente dos adultos que deveria estudar, à época ela não conseguia ver razão para isso:

“Sempre escutava falar que tem que estudar para ter um emprego bom, mas nunca teve alguém explicando o porquê de você ter que estudar. Hoje em dia,

que eu tenho uma filha, eu entendo porque as pessoas têm que estudar, para trabalhar, ter um emprego bom. Hoje em dia eu dou valor a isso.” (Raiane)

Raiane pretende dar a sua filha uma educação “diferente” da que teve. Segundo ela, a história se repete em sua casa com o irmão mais novo, Júlio, que lamenta que seus pais “não estão nem aí” por ele ter repetido o ano. Raiane pretende “ficar em cima” da filha em relação aos estudos, participar e cobrar, diferentemente do que ocorreu com ela no passado e hoje com o irmão. Ela incentiva a filha a ir à creche explicando que lá estará com os amiguinhos e aprenderá coisas novas. Inclusive, a ocasião da entrevista coincidiu com a semana em que as crianças na creche estavam aprendendo sobre a vida e a obra de Dorival Caymmi, o que a entusiasmou:

“Porque, bem ou mal, ela mexe com massinha, mexe com tinta, em casa não faz essas coisas. Tem um conhecimento. Ela já vai aprender a história do Dorival Caymmi! As músicas, de vez em quando ela canta umas musiquinhas em casa. Eu acho isso maravilhoso!” (Raiane)

Durante o período da entrevista, Raiane estava no processo de matrícula da filha em uma escola particular, tendo já feito o pagamento de uma taxa referente à pré-matrícula. A decisão de colocar em escola particular e não pública é vista como muito importante. Para Raiane, há diferenciais que só podem ser obtidos na escola particular:

“Eu acho que [no colégio particular] a educação é diferente. Eu tento criar a minha filha com muita educação, com muito respeito. Às vezes eu fico até impressionada com o jeito dela. Por exemplo, se eu estiver com a perna esticada, ela pede licença para passar. Tem criança que sai empurrando. E eu não quero que ela seja assim, eu quero que ela seja uma criança educada. E eu gosto muito quando as pessoas falam da educação dela para mim. [...] Eu não quero que a minha filha seja melhor que ninguém. Não é. [...] Mas eu fico vendo as crianças saindo de lá [da escola pública]. Eu não sei... são umas crianças sem educação, tudo falando alto, gritando, escutando funk... [...] Eu tenho medo dela se contaminar. Dela esquecer a educação que ela teve e ser daquela forma. Eu não quero a minha filha assim.” (Raiane)

Raiane acha que a falta de interesse de seus pais em motivar os filhos para o estudo se deve a sua baixa escolarização. Na verdade, o pai de Rachel foi contra a decisão de colocar a neta no colégio particular. Para ele, não faz sentido pagar um

colégio particular, se tem a escola pública perto de casa “é uma besteira, para quê ficar pagando colégio caro?”. Entre os motivos que levaram Raiane a decidir colocar a filha em escola particular, encontra-se acreditar que os professores nessas escolas “são mais dedicados”, além de oferecer atividades extras, que considera importantes:

“Lá tem atividades extras também. Não é só escolar, não. Ela vai estudar e ela também vai fazer dança, vai fazer natação, que é uma coisa que eu não sei nadar até hoje. É uma coisa que eu quero que ela aprenda porque eu não quero que ela seja igual a mim. [...] E tinha balé, tinha dança.” (Raiane)

A mensalidade da escola é tratada com muita seriedade:

“Eu nunca tive uma conta. Essa é séria, para pagar. Por exemplo, a conta de luz lá de casa, se eu não tiver dinheiro, meu pai paga. ‘Pai, nesse mês não vai dar para eu pagar’. Ele paga. Agora o colégio, não, o colégio eu não posso contar com ele.” (Raiane)

Raiane lamenta não ter se empenhado mais e não ter pensado no futuro durante os tempos de escola. Claramente, não deseja que a filha tenha a mesma atitude. Para Raiane, as amigas na escola irão implicar no interesse pelos estudos:

“Tem gente que acha que isso é besteira. De estudar, de estudar, de estudar. Igual a mim, eu era assim. Eu achava que era besteira ficar estudando, estudando. [...] Então, eu acredito que essas crianças [da escola pública] saem da escola, ‘ai meu Deus, graças a Deus, saí da escola vou para a minha casa, acabou, graças a Deus’. Acham que a escola é só ali. E eu pensava assim. [...] Achava que para estudar, era só estar dentro da escola. [...] Eu acho que os amigos influenciam muito.” (Raiane)

O maior desejo de Raiane é mostrar à filha que ela “pode” ser “o que ela quiser”, e contar com seu apoio. Ela menciona, com orgulho, que a filha já fala em ser médica e que, apesar de saber que é difícil passar em um vestibular de medicina, procura não passar para a filha essa percepção. Raiane não deseja que a filha passe pelas mesmas situações por que passou, mas que estude sem se preocupar com trabalho e – o mais importante – que tenha apoio para isso. Quer dar à filha o que ela não teve, como ir ao teatro, cinema e exposições:

“E eu acabo vivendo também, que é meio um refúgio para eu viver também, porque aquilo ali é uma coisa que eu não vivi [...] Fico emocionada, porque eu nunca tive isso. E ela [filha] lá na maior satisfação, porque para ela é normal. [...] Eu não quero que ela chegue num lugar e a criança fale que fez isso e aquilo e ela [filha] fale ‘ué, mas o que é isso?’ Eu quero que ela [diga]: ‘eu também fui.’” (Raiane)

4.2.2 Família Ribeiro

A família Ribeiro é constituída por Raíssa de 30 anos, Adilson, de 34 anos, e Laura de 11 anos. Eles moram na comunidade Santa Marta, em uma casa pequena de dois andares em um dos lugares mais alvoroçados da comunidade, conhecido como “pé da escada”, uma das vias principais da comunidade por onde passam os moradores. A família é muito caseira, não tendo o costume de frequentar “becos” e festas.

Tanto Raíssa quanto Adilson nasceram e foram criados na comunidade Santa Marta. Raíssa morava com seus pais e mais dois irmãos. Os pais de Raíssa têm baixa escolaridade (na verdade, Raíssa não sabe precisar seu grau de instrução). O pai sempre trabalhou como vendedor nas ruas da cidade e a mãe como empregada doméstica. Os irmãos de Raíssa também não concluíram os estudos; a irmã mais velha é do lar e o irmão está desempregado. O pai de Adilson estudou até a quinta série do ensino fundamental, e a mãe até a segunda série. O pai foi comerciante na região (era proprietário de uma lanchonete) e atualmente “vive de renda”, oriunda de imóveis alugados na comunidade. A mãe auxiliava na lanchonete e está atualmente aposentada. Adilson tem um irmão mais novo e uma irmã já falecida.

Raíssa afirma ter sido “um pouco bagunceira” na época de escola e que não gostava de estudar, tendo interrompido os estudos na sexta série do ensino fundamental. Raíssa nunca levou a escola “a sério”; para ela, escola era sinônimo de “zoar” e “ficar” com os garotos. Lembra que, quando seus pais recebiam o boletim, ficavam indignados com suas notas. Revela que “matava” as aulas, “não prestava atenção em nada”, só “queria saber de ir arrumadinha, de sainha” para o colégio, a fim de namorar. Raíssa abandonou o colégio por uma série de motivos. O principal era não gostar de estudar. Depois, começou a namorar o marido e também a trabalhar.

Ela ainda tentou dar continuidade aos estudos, refez a sexta série em uma escola particular no turno da noite, mas não voltou para concluir a sétima série. Acredita ter algum tipo de dificuldade no aprendizado que, à época, era difícil de identificar e tratar, diferente de hoje. Lembra que chegou a falar com a mãe – “mãe, eu acho que tenho dificuldade” – mas a mãe achava que era “besteira”, o que Raíssa atribui a “características das pessoas de antigamente”. Lamenta por seus pais não terem tido “pulso firme” com ela. A mãe lhe falava para estudar, mas, quando deixou a escola, aos 14 anos, não houve nenhuma cobrança em casa para que retornasse aos estudos.

Já Adilson faz faculdade, estando matriculado no segundo semestre do curso de Administração de Empresas. Além disso, há pouco tempo passou em um concurso público muito concorrido. Ao contrário de Raíssa, Adilson sempre foi bom aluno, ouvia dos professores que iria longe. Ele menciona que a relação de seus pais com a escola era a mínima possível, pois eles não tinham instrução para direcioná-lo. Lembra que foi ele quem foi atrás do ensino médio; os pais só iam à escola para assinar documentos. Considera que não tinha incentivo em casa para estudar e que a motivação para prosseguir partiu dele mesmo, ao perceber que alguns amigos já estavam na faculdade: “[...] eu me inspirava em pessoas mesmo, via a pessoa bem. Devido às condições, que eu não tinha. Porque só agora que eu estou fazendo faculdade. Realmente, se eu tivesse incentivo dos meus pais eu já teria me formado, há muito tempo”. Antes de passar no concurso, Adilson trabalhava como assistente de escritório e hoje recebe um salário de um pouco mais de cinco mil reais.

Raíssa pensa em voltar a estudar. Arrepende-se de ter deixado os estudos e hoje vê a filha na mesma série em que ela parou e o marido cursando a faculdade. O marido é um dos maiores incentivadores para que ela volte a estudar.

Laura, a filha, está no sexto ano do Colégio Santo Inácio, em Botafogo, um dos mais requisitados da cidade. Os pais conseguiram uma bolsa nesse colégio por meio de um convênio entre a creche localizada na comunidade e o Colégio. A creche, administrada pelo Colégio, encaminhava os alunos para fazerem uma prova de acesso e concedia bolsas aos melhores colocados. Os pais nunca pensaram em colocar Laura em uma escola pública, por julgarem o ensino “fraco” e por terem “condições de pagar” (“estava no nosso orçamento esse valor”). Antes de conseguir a bolsa, Laura

estudou por um ano em outra escola particular, por não ter a idade exigida para ingressar no Colégio Santo Inácio. Além disso, os pais não estão satisfeitos com o ensino público atual: “o colégio público, ele era mais sério do que é atualmente”, diz Adilson.

“Eu lembro perfeitamente que a Escola México era uma das mais disputadas para conseguir uma vaga lá, de tão boa que ela era. [...] Hoje, um dia sim e outro não, não tem aula. As crianças acordam de manhã, vão até a escola e voltam porque não tem aula, não avisam. Simplesmente chegam lá, não tem aula. E os pais que trabalham. As crianças ficam todas soltas...” (Raíssa)

Laura também faz curso de inglês, natação, balé e tem aula de reforço. A mãe diz que ela é alvo de inveja pelo fato de estudar no Colégio Santo Inácio e não se “misturar” com outras meninas da comunidade. Laura é uma menina “extremamente dedicada” na escola, Raíssa diz só ouvir elogios sobre o desempenho da filha, que estuda muito “o dia todo, todos os dias” e que também “não é de bagunça”. Os pais não precisam cobrar para que estude: “é automático”. Segundo os pais, ela chega da escola, “tira os sapatos e vai estudar, fazer todos os deveres de casa”, antes das demais atividades extras do dia. Ainda segundo os depoimentos do casal, Laura quer se formar e ganhar bastante dinheiro.

Há porém uma preocupação: por conta do aumento no salário de Adilson, a partir do ano de 2015, a mensalidade da Laura passou para 950 reais, e a bolsa passou de 100% para 50%. Durante o processo de alteração do percentual da bolsa, Laura teria ficado “apavorada”. Segundo Raíssa, a filha pediu aos pais que fizessem um esforço para continuar pagando a escola, pois ela gostaria de ver, um dia, sua foto nos quadros de ex-alunos expostos nas paredes do colégio.

4.2.3 Família Araújo

A família Araújo é constituída por Mário de 35 anos, Eloísa, de 27 anos, e Jaqueline de sete anos. A família reside em um condomínio popular no Itanhangá, próximo à comunidade Rio das Pedras, na Barra da Tijuca. Até pouco tempo eram moradores da comunidade da Rocinha. Hoje moram em um apartamento de dois quartos, sala, cozinha e banheiro.

Mário nasceu e foi criado na Rocinha, onde vivia com os pais e o irmão antes de se casar. Seus pais sempre trabalharam, ele só os via à noite. Mário conta que teve uma infância tranquila, apesar dos tiroteios que frequentemente interferiam nas suas brincadeiras pelos becos da comunidade “a gente tinha que voltar para casa, essa era a parte ruim...”. Os pais de Mário não chegaram a completar o quarto ano do ensino fundamental. O pai trabalhou em obras como encanador e a mãe em casas de família, como babá. Hoje ela borda e vende panos de prato na entrada da comunidade da Rocinha.

Já Eloísa é do interior da Bahia, de uma localidade chamada Caatinga do Moura, localizada no município de Jacobina. O pai, lavrador, estudou até a terceira série e a mãe, lavadeira, é analfabeta. Além dela, há mais sete irmãos, sendo cinco mulheres e dois homens. O pai morreu quando ela tinha oito anos, de câncer de pulmão. Um dos momentos mais difíceis para Eloísa foi a ida do pai para São Paulo, para tratamento da doença. Foi um momento de muita precariedade, em que ela, a mãe e os irmãos tiveram que contar com a ajuda de pessoas da região para sobreviver e também para custear as despesas com o pai em São Paulo: “O pessoal na época fez até um bingo para arrecadar o dinheiro, o que mãe ganhava era mixaria. Ela só lavava, e ia lavar roupa no rio”. Durante o período em que viveu em Jacobina, Eloísa estudou até o primeiro ano de ensino médio, trabalhando como faxineira.

Eloísa e Mário se conheceram durante uma visita de Mário a uma tia na Bahia. Desde então, os dois ficaram namorando à distância. Depois de dois anos, casaram-se e ela foi morar com Mário no estado do Rio de Janeiro, na comunidade da Rocinha. Em meados de 2013 a família Araújo mudou-se para um apartamento alugado, no Itanhangá, Zona Oeste do Rio de Janeiro. A situação era vista como temporária, pois esperavam em um ano ter os recursos necessários para adquirir um imóvel.

A mudança assume um significado muito importante para o casal: eles saíram de lá por conta da violência. Moravam em uma das piores áreas da comunidade, conhecida como “Roupa Suja”, região de muitos becos e, por isso, sempre suscetível a confrontos entre policiais e traficantes, além do lixo a céu aberto presente nesta área. Assim que Jaqueline nasceu, decidiram não criar a filha naquele ambiente. Mudaram-se, então, para o condomínio, fora da comunidade de Rio das Pedras,

apesar de estar localizado ao lado. Grande parte dos moradores desse condomínio é composta por pessoas que melhoraram de condição econômica e têm sua origem nas comunidades próximas.

Por ocasião da entrevista, o casal relatou detalhes ocorridos com a mudança: acesso a pessoas “diferentes”; facilidade na logística de compras em supermercado “o carrinho vem dentro da cozinha”; e endereço postal formal, conferindo maior segurança para o recebimento de correspondência e encomenda. Os dois últimos aspectos eram particularmente diferentes do cenário da comunidade, onde receber uma correspondência ou uma encomenda é contar com a sorte e subir o morro com sacolas de supermercados pode ser considerado uma “maratona”.

Mário trabalha como maître de eventos em um hotel de luxo localizado na Barra da Tijuca. Trabalha muitas horas por dia “tem dias que nem vejo a filha acordada” e por conta disso consegue obter um rendimento bastante satisfatório, que vem, sobretudo, das gorjetas. Por sua vez, Eloísa passa muito tempo sozinha, já que o marido trabalha muito, e ainda tem poucas amigas no condomínio onde moram.

Mário pensa em um futuro melhor baseado na educação. Está no último período de um curso universitário a distância de Gestão de Turismo. Escolheu esse curso, pois está inserido nesse ramo e busca crescer profissionalmente, mas “pra isso é preciso ter estudo”. Além disso, Mário faz curso de inglês e já realizou outros cursos voltados para sua área (por exemplo, curso de vinhos e curso de bares). Além da necessidade profissional, Mário voltou a estudar para que a filha pudesse ter uma nova visão da educação, diferente da que recebeu:

“Às vezes entravam pessoas com apenas experiência, com menos qualidade de trabalho, mas com um grau de estudo mais avançado e sempre conseguiam as melhores vagas. Aí eu pensei, ‘pô, se eu tiver o mesmo nível de instrução escolar que essa pessoa que tem menos experiência do que eu, a minha chance de crescer vai ser bem maior’. Então foi esse um dos motivos que me fez voltar a estudar, além de exemplo para a minha filha, que eu tenho uma filha de sete anos e eu queria deixar isso para ela. Meus pais não me deixaram legado praticamente nenhum a não ser o afetivo. Nada de concreto, material, só aquele carinho de pai e mãe mesmo, mas eu queria deixar algo mais, um exemplo, não tive muitos exemplos. Então eu queria deixar isso para ela. Então foi por isso que eu voltei a estudar, além do crescimento profissional também.” (Mário)

Quando Eloísa iniciou o primeiro ano do ensino médio na Bahia, fazia o magistério. Em sua opinião, o ensino local era bastante precário. A escola não tinha infraestrutura adequada e somente um professor para ministrar todas as matérias. Apesar da precariedade do sistema de ensino, para Eloísa e seus irmãos a educação sempre foi um valor arraigado na família. Os pais de Eloísa “sempre colocaram em primeiro lugar a educação”, embora tivessem baixa ou nenhuma escolaridade. Apesar de todas as dificuldades, Eloísa e os irmãos estudaram e ainda têm interesse de dar continuidade aos estudos.

“[...] sempre estudei em escola pública [...] era bem humilde mesmo, bem precário, bem humilde, não faltava professor, mas faltava lanche, essas coisas. E assim, com o tempo foi melhorando. Tinha época que não tinha luz lá. Depois foi colocada, eu estudei um ano no colégio, estudava durante o dia e o colégio ainda não tinha luz. Depois de três anos que colocaram energia lá, Minha irmã mais velha foi morar lá na cidade [...] sempre trabalhou em casa de família, estudou e fez faculdade de Contabilidade, é formada [...] Meu irmão mais velho acabou de concluir o segundo grau agora [...] tenho dois irmãos na Bahia. Um mora em Jacobina e outro mora no interior com a minha mãe. E ele está trabalhando como professor [...] Ele agora está fazendo Administração. É professor e está fazendo faculdade em outra área”. (Eloísa)

Ao chegar ao Rio de Janeiro, Eloísa tinha grande interesse em fazer o ensino médio na mesma modalidade, mas não conseguiu vaga e concluiu o ensino médio normal. Já tentou o exame de acesso às universidades (ENEM) por duas vezes, mas não obteve sucesso. Ela tem o sonho do emprego público, sonho esse compartilhado por Mário. Mário se preocupa com o futuro, não sabe até quando irá ter forças e saúde para trabalhar no ritmo atual, já que quanto mais trabalha, mais ganha. A fim de que, no futuro, a família não dependa somente dele, gostaria que Eloísa tivesse um emprego estável e que pagasse bem. A família vê na esfera pública o emprego ideal. Além disso, Eloísa mostra preocupação em acompanhar o progresso do marido:

“Eu tenho vontade de estudar porque ficar parada... O tempo passa. Você fica parada, a pessoa vai crescendo do seu lado e você vai ficando para trás? Fazer um curso técnico, uma coisa pra você se atualizar também... Você tem que, pelo menos, tentar alcançar, pra não ficar muito pra trás, porque a pessoa vai ficando muito submissa, se a pessoa ficar só parada, não estudar.” (Eloísa)

Jaqueline estuda em uma escola particular, que pode ser vista da varanda do apartamento e que fica dentro da comunidade do Rio das Pedras. Ela está no primeiro ano do curso fundamental. Os pais nunca pensaram em colocar a filha em uma escola pública, apesar de Eloísa confessar que não teria problemas com isso. No entanto, Mário considera que, na escola particular, por serem menos alunos por professor, a filha terá uma atenção maior, o que irá contribuir para o seu desenvolvimento. Além disso, eles podem pagar, como destacou Mário. Eloísa cita isso como o primeiro motivador para colocar a filha em escola particular: “A preferência dele [Mário] era ficar em particular porque, graças a Deus, ele trabalha e tem condições de pagar”. Outro ponto importante para o casal é que a escola particular oferece atividades extra curriculares: “Lá no colégio tem curso de inglês, tem balé, jazz, têm várias outras atividades que podem manter ela na escola. Isso é uma coisa boa, porque mantém ela mais tempo na escola, coisas produtivas, isso eu acho legal”, relata Mário.

Além de aulas de inglês no colégio, Jaqueline faz um curso particular de inglês, que é totalmente custeado pelo pai. A profissão de Mário exige contato com estrangeiros a todo momento e, por isso, ele está aprendendo o idioma. Revela ser tamanha a sua preocupação para que Jaqueline aprenda inglês, que ele matriculou a filha no curso de idiomas antes mesmo de ter sido alfabetizada em português.

Para Mário, a escola pública (com tudo que a compõe) não desperta na criança a possibilidade de um futuro melhor, sendo esse mais um dos motivos para não ter matriculado a filha em uma escola pública:

“E outra coisa também, às vezes a convivência. Normalmente, você convive com as pessoas da escola pública, muitas meninas, 14, 15 anos, muitos rapazes também. Você pergunta: ‘Ah, o que você quer fazer daqui a pouco? O que você vai fazer quando acabar?’ ‘Não, só quero acabar, só quero acabar!’. E a convivência com as pessoas que estão na escola particular já é diferente, porque as meninas da escola particular falam: ‘Ah, você quer fazer o quê quando acabar?’ ‘Ah, quero fazer, sei lá, Administração, quero fazer Veterinária, quero ser...’. Eu acho que a perspectiva é maior, eu via, quando eu estudava na escola pública, as pessoas, os amigos: ‘Ah, só quero acabar, só quero terminar’. ‘Quero terminar o segundo grau’. E eu acho que a convivência também, com as outras pessoas, acho que vai fazer ela crescer. Esse é um dos motivos.” (Mário)

“É uma coisa que eu vejo de diferente, nas amiguinhas dela da escola. Apesar de serem crianças, falam de uma profissão, falam de uma faculdade, isso eu não

tinha quando eu estudava. Nunca eu falava ‘ah, vou fazer medicina, vou fazer vestibular’. Eram poucos, eu lembro só de uma menina, que era da minha sala do terceiro ano, que já fazia preparatório para a universidade. Essa menina eu lembro. E eu não lembro de mais nenhum outro no terceiro ano se preparando para entrar na faculdade.” (Mário)

4.2.4 Família Dias

A família Dias é constituída por Rebeca, 32 anos, Túlio, 32, Jorge, dez anos, Jairo, três anos, e João, com um mês de vida. A família mora na comunidade Santa Marta há pouco tempo. Rebeca está desempregada e Túlio trabalha como garçom em um clube na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro.

Rebeca nasceu e se criou na comunidade Santa Marta, onde morava com seus pais e mais quatro irmãs. Rebeca e as irmãs foram criadas pela mãe, que tomava conta da casa e delas, enquanto o pai trabalhava como cozinheiro. Segundo Rebeca, sua infância com as irmãs foi muito boa, “brincava muito de boneca”. Rebeca só lamenta os confrontos que havia na comunidade na época:

“Santa Marta, ah era pesado, era tiroteio, você descia pra escola, maior tiroteio, tinha que desviar dos corpos que estavam no chão. Morávamos lá em cima, então era lá em cima que acontecia tudo. Quando saía tiroteio, sempre tinha algum corpo atirado no chão.” (Rebeca)

Os pais de Rebeca têm pouca escolaridade; ela não tem certeza quanto ao grau de instrução deles, mas acha que não passaram da quarta série do ensino fundamental. Sua mãe antes de engravidar trabalhava como doméstica, hoje é do lar. O pai sempre trabalhou como cozinheiro, atualmente é aposentado, mas continua trabalhando. Todas as irmãs de Rebeca concluíram o ensino médio, menos Rebeca, que estudou apenas até o segundo ano do ensino médio. Uma das irmãs é enfermeira e atua dentro da comunidade, na Clínica da Família.

Túlio nasceu e se criou na comunidade Pavão-Pavãozinho, localizada no bairro de Copacabana, na cidade do Rio de Janeiro. Com cinco anos seus pais se separaram e Túlio ficou morando com a mãe, a avó, dois tios e uma prima, em uma casa pequena na comunidade. Túlio fala que quem o criou mesmo foi a avó. A separação dos pais marcou muito a infância de Túlio, que lamenta não ter crescido com a

convivência dos dois. Somente agora, “depois de velho” é que “dá para juntar” o pai e a mãe em um mesmo ambiente. A mãe de Túlio tem o ensino fundamental completo e trabalhou como recepcionista durante muito tempo, mas atualmente está desempregada. Já o pai completou o ensino médio e trabalha em uma empresa pública, onde começou como *office boy*. Segundo Túlio, o pai “trabalha num emprego bacana” e “hoje ele ganha bem”. O pai de Túlio também é pastor em uma igreja evangélica e possui mais três filhos do segundo casamento.

Rebeca e Túlio estão casados oficialmente há menos de um ano, mas estão juntos há mais de dez. Pouco tempo depois de começarem a namorar, Rebeca engravidou de seu primeiro filho, Jorge. Depois de um tempo tiveram Jairo e, recentemente, João. Rebeca parou no segundo ano do ensino médio devido à primeira gravidez. Quando conseguiu um “bom” emprego, Rebeca engravidou novamente, e foi forçada a deixar o trabalho, pois não tinha com quem deixar o filho mais novo. E quando pensou novamente em retornar ao mercado de trabalho, engravidou do terceiro filho.

Durante nove anos, Rebeca e Túlio ficaram perambulando de casa em casa de parentes. Quando engravidou de Jorge, Rebeca foi morar com Túlio na comunidade Pavão-Pavãozinho, mas a casa era muito pequena para a quantidade de pessoas que lá moravam. Depois tentaram morar na casa de outra avó de Túlio, que fica em outra comunidade, Chapéu Mangueira, no bairro do Leme, mas não deu muito certo. Em seguida, retornaram ao Pavão Pavãozinho e tentaram “morar de aluguel”, mas só contando com a renda de Túlio ficou difícil sustentar o aluguel e demais despesas, e com isso tiveram que retornar ao Chapéu Mangueira. Há pouco tempo, Rebeca e Túlio conseguiram adquirir uma casa própria. Um tio de Rebeca, que morava na parte baixa da comunidade Santa Marta, em uma casa de madeira, faleceu. Rebeca e Túlio compraram a casa, com a ajuda da família, e construíram uma nova casa de alvenaria no terreno. Túlio, Rebeca, Jorge e João ainda moraram com o pai de Túlio no Rio Comprido até a casa no Santa Marta ficar pronta. Rebeca queixou-se que, na época, se sentia muito desconfortável com essa situação, pois como ela não trabalhava fora de casa e tomava conta dos filhos, a família a fazia de empregada, exigindo e cobrando dela a organização da casa.

Em relação aos estudos, Rebeca repetiu muitos anos, nunca gostou de estudar. Quando engravidou do seu primeiro filho, com 22 anos, estava cursando ainda o ensino médio. Apesar dos conselhos de seus pais para estudar, Rebeca confessa que só ia à escola porque era “obrigada”. Diferente de Rebeca, Túlio concluiu o ensino médio e já tentou duas vezes cursar a faculdade de Administração de Empresas. Na primeira vez em que tentou, foi quando Rebeca engravidou. Túlio ganhava um salário mínimo na época e contava com a ajuda das avós para pagar a faculdade particular. Além disso, usava uma bicicleta para ir ao trabalho, resevando o dinheiro do transporte para ir e voltar da faculdade. Túlio largou a faculdade no terceiro período, pois o valor da mensalidade estava muito alto e ele precisava trabalhar por causa do filho que estava por vir. Dessa forma, foi trabalhar como cumin e depois como garçom. A segunda tentativa de Túlio de fazer um curso superior foi por meio de uma bolsa obtida quando trabalhou por curto período de tempo como auxiliar administrativo, mas só ficou três meses na faculdade, porque havia perdido a bolsa. Apesar de tudo, Túlio tem interesse em concluir o curso de Administração de Empresas, com o intuito de futuramente prestar concurso público. Rebeca afirma que pretende terminar o ensino médio, mas sente que para ela é “muito mais difícil”:

“Eu pretendo voltar a trabalhar, mas pra mim hoje em dia já é muito mais difícil. É mais difícil pra eu voltar trabalhar e ter três crianças. É que o pai deles às vezes me recrimina, fala que sou “parada, que isso, que aquilo”, mas pra ele já é mais fácil chegar pra mim e falar, “ah, vou estudar, ah, vou trabalhar”. Pra mim já não é, pra eu pensar em estudar, tem que pensar várias coisas antes. Pensar em quem vai olhar, quem vai buscar, quem vai ficar até eu chegar [com as crianças]. Com três crianças, pra mim já é muito mais difícil.” (Rebeca)

Túlio chegou a estudar em escola particular quando estava no ensino fundamental por interesse do pai. Já tentou outras profissões, que exigem um pouco mais de qualificação do que a de cumin e garçom, como o trabalho de assistente administrativo num escritório, mas o salário era muito baixo para sustentar uma família. O emprego de garçom proporciona bom retorno financeiro devido às gorjetas, mas ele percebe que não há futuro. Túlio é um homem com sonhos, com perspectivas maiores, mas o fato de ter uma família totalmente dependente dele o impede de alçar voos mais altos.

A família mostra ter grande preocupação com a educação dos filhos, principalmente com a de Jorge, que está em idade escolar. No dia da entrevista, Túlio estava levando o filho mais velho para fazer uma prova a fim de conseguir uma bolsa de estudos integral em uma escola particular. Túlio gostaria de proporcionar outras atividades para o filho, como o curso de inglês. Jorge já pediu várias vezes para o pai o colocar no curso, mas o orçamento familiar não permite pagar um curso de inglês e a escola ao mesmo tempo. Rebeca confessa que a escola onde Jorge estuda é boa e fraca ao mesmo tempo, como mostra o diálogo a seguir, entre a pesquisadora e Rebeca:

“R: Eu acho um colégio bom, só não acho um ensinamento tão forte [...] Porque as vezes eu pego a prova dele e vejo que é coisinha boba, porque na idade dele tá no quinto ano, você pega a prova dele, você vê coisa que é meio infantil [...]É coisinha de marcar, “xizinho”, figurinha, acho meio fraquinho.

E: Você acha o colégio bom? Porque você acha bom?

R: A educação mesmo. Eles prezam muito a educação das crianças.

E: Mas educação que você fala é o quê? O ensinamento?

R: [...] É comportamento da criança. Não é a questão de ensinamento escolar. O pessoal [escola] não aceita xingamento lá, criança que xinga, briguinha, essas coisas de briguinha, essas coisas, nada disso.”

Rebeca e Túlio não gostariam de colocar Jorge em uma escola pública, exceto se fosse uma escola pública de qualidade, como o Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CAP-UFRJ) e o Colégio Pedro II. Eles temem que o filho adquira o mesmo comportamento e atitudes que eles consideram próprias dos alunos de escola pública. Dessa forma, o casal pretende colocar o filho em uma escola pública de qualidade ou, de preferência, em uma escola privada com bolsa integral, a fim de que possam utilizar uma parcela do orçamento para proporcionar outras experiências aos filhos, como curso de inglês e viagens.

4.2.5 Família Santos

A família Santos é constituída por Paula, 26 anos, Ricardo, 32, e Iara, cinco anos. O casal está junto há dez anos. Moram em um apartamento grande que fica em um prédio bem localizado na comunidade da Rocinha, na Estrada da Gávea.

Paula morava com a mãe e a irmã em Duque de Caxias, Baixada Fluminense. Seus pais se separaram quando ela tinha três anos de idade. Paula morava em uma casa com um grande “quintal”, compartilhado com a casa de outros familiares. Uma lembrança ruim de sua infância é a precária infraestrutura da região onde morava, que não tinha ruas asfaltadas e enfrentava recorrente falta de água. Paula considera que teve uma infância diferente das crianças dos dias atuais:

“Eu não vejo as crianças brincando de elástico por aqui na Rocinha. Na minha idade eu brinquei até os 14 anos, eu brincava antes de começar a namorar, até quando namorava mesmo a gente brincava de queimado, elástico, pique-bandeira, pique-pega, tudo isso. Aqui eu não vejo as crianças brincando disso. Eu vejo muitas crianças andando pelas ruas, indo sozinha pros lugares e lá não tinha isso. Mesmo sendo um lugar pacato, as mães levavam na escola, essa preocupação elas tinham. Aqui eu não vejo muito essa preocupação, passou de dez anos já fazem tudo sozinhas.” (Paula)

A mãe de Paula teve pouco estudo e trabalha até hoje como faxineira. Seu pai terminou o ensino médio e é dedetizador, mas participou pouco da infância de Paula e sua irmã. Antes de se mudar para a Rocinha, Paula acompanhava a mãe nas faxinas, ajudando-a e trabalhava com uma tia montando cenários de festas. Hoje sua irmã, mais nova, está terminando o curso de enfermagem.

Já Ricardo é morador da Rocinha desde quando nasceu. Seus pais também tiveram pouco estudo, sendo o pai porteiro e a mãe dona de casa. Ricardo morava com os pais e mais dois irmãos em uma localidade diferente da que moram hoje. Ele diz já ter passado por muitas situações ruins na Rocinha, quando era pequeno, por conta da violência, que, segundo ele, está cada vez pior:

“Tenho lembranças ruins sim, ter visto certas situações quando criança que guardo até hoje, duas cenas de pessoas mortas perto de casa. [...] Eu acho que com o tempo piorou, piorou, o armamento que se tem, não é mais o mesmo que se tinha nos anos 80. [...] Havia um respeito até da própria parte dos traficantes,

se tinha um respeito, se passasse a mãe das crianças, eles escondiam as armas, não ficavam ostentando, como ficam hoje em dia. Tinha aquela falsa impressão de respeito, tinha a situação dele [traficante], mas se convivia normal. Hoje em dia você passa e continuam na tua frente, não tem essa diferença ‘a família tá passando, não quero que veja’”. (Ricardo)

Paula se mudou para a comunidade da Rocinha, ainda com 16 anos, para morar com Ricardo. Pouco tempo depois se casaram e tiveram a Iara. O casal se conheceu em Duque de Caxias, em uma das visitas de Ricardo a parentes da região. Ricardo lembra que durante o período em que namorou Paula, a Rocinha estava passando por confrontos entre policiais e bandidos:

“Porque na época que eu tava namorando, a Rocinha estava em guerra. Foi na época que mataram o chefe que tinha aqui. Tava aquele tiroteio danado, e vira e mexe eu ia pra lá [Caxias], tinha acontecido tiroteios, se via na televisão. Ninguém acreditava que eu tava indo lá porque eu tava namorando, achavam que eu tava indo lá pra me esconder, que eu tava fugindo, era isso que se passava, chegavam a falar “não acredito que você vem lá da Rocinha pra namorar a Paula, e na hora do tiroteio tu vem pra cá”. “Não é porque lá tá tendo tiroteio que eu sou bandido não, pô, eu sempre trabalhei, são eles lá, não sou eu, não tem como eu evitar essa situação”. (Ricardo)

Ricardo concluiu o ensino médio e trabalhava na parte administrativa de um supermercado, quando se deu conta de que seu trabalho era pouco valorizado. Decidiu, então, voltar a estudar e fez um curso profissionalizante de técnico em segurança do trabalho. O interesse por esse curso, especificamente, surgiu após a entrada do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC)⁴ na Rocinha. Ele teve conhecimento da profissão ao observar os trabalhadores na comunidade e fazer amizade com alguns deles, percebendo que a profissão de técnico de segurança do trabalho era uma excelente oportunidade para ser reconhecido e ganhar um pouco mais no futuro. Já faz quatro anos que atua na profissão e se diz muito satisfeito.

Paula, apesar de ter concluído o ensino médio e de gostar de estudar, não deu continuidade aos estudos e hoje não trabalha fora de casa. Suas responsabilidades são cuidar da casa e a criação e acompanhamento da filha, enquanto o pai trabalha. Ela

⁴ O Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) foi criado em 2007 com o objetivo de executar grandes obras de infraestrutura social, urbana, logística e energética do Brasil (PAC, 2015).

iniciou os estudos em Duque de Caxias e concluiu na Rocinha o oitavo ano e o ensino médio. Tem interesse em continuar os estudos e fazer um curso técnico de cabeleireira. Paula afirma ter sido sempre boa aluna “nunca fui de faltar aula, nunca fui de reprovar”, mas, quando foi estudar nas escolas próximas à Rocinha, percebeu que o ensino no município de Duque de Caxias era “fraco”:

“Eu achava que tinha aprendido. Eu não faltava aula, eu nunca fui de fazer bagunça na escola. Sempre fui uma aluna direitinha. E passava sempre. Aí eu cheguei aqui e falei, ‘gente, eu estudei tanto, como é que eu não sei essas coisas? Tipo assim, eu nunca perdi matéria no colégio’. A professora daqui [Rocinha] me falou que ‘os professores de lá [Caxias] não te ensinaram isso’.” (Paula)

Segundo Paula, a questão dos estudos parece ter um significado diferente quando se trata de Caxias e Rocinha:

“Não sei se você já ouviu falar, mas para o lado de lá [Duque de Caxias] as pessoas começam a trabalhar muito cedo. Esse negócio de estudo, as pessoas deixam um pouco de lado. Eles acham, assim, que falar em trabalhar, ‘estudar pra trabalhar e trabalhar’. Começa a ficar adolescente começa a gastar mais, ‘ah tem que trabalhar pra conseguir...’. [...] Meu tio mais novo, que tá com 35 anos, ele era o único que incentivava, até hoje ele fala. Ele sempre falou, ‘ah, tem que estudar, não tem que abandonar os estudos não’. Ele sempre falou isso pra mim, ele é o único, o mais lúcido, de cabeça um pouquinho mais aberta.” (Paula)

Ricardo lembra que era sua mãe a grande incentivadora dos seus estudos:

“Minha mãe, era ela quem ensinava as matérias pra gente, o dever de casa, devido a ela ter mais escolaridade [...] Meu pai foi até a sexta, minha mãe terminou o primeiro grau [...] Tinha até, em comparação aos meus tios, à família toda em geral, aos mais velhos, ela era a que tinha mais estudo.” (Ricardo)

O casal é muito preocupado com o bem estar e a educação da filha, Iara. E, por causa disso, a filha não tem contato com outras crianças da comunidade, exceto primos:

“Você vê, tem crianças da idade dela que já tá com esse funk, esse tipo de música, de apologia. Você pega ônibus no horário escolar, você escuta as crianças pequenas [de escolas públicas] falando absurdos. Na minha idade, não minha época, isso não tinha. E eu não quero que ela escute isso, eu sei que um dia ela vai escutar, mas aí vai ser aquele negócio, quando estiver maior, quiser escutar, eu não posso proibir, mas, por enquanto, enquanto estiver sob o meu domínio, não quero que ela conviva.” (Ricardo)

O casal acredita que a filha, por estar iniciando os estudos em uma escola privada, estará mais bem preparada para o futuro, mesmo que tenha que estudar em uma escola pública, o que o casal não deseja:

“A gente entrou de comum acordo, porque a primeira escola é a base. Você quer colocar ela numa base forte, pra que ela tenha um conhecimento melhor, pra quando ela começar a crescer, ela já tenha um horizonte tranquilo em alguma coisa. A gente sempre quer o melhor para os nossos filhos: se você foi até aqui, você quer que eles possam ir um pouco à frente, que ela melhore, ‘vou botar ela lá [escola particular], talvez o ensino seja melhor, mais forte’. Como você tá pagando, você pode cobrar”. (Ricardo)

Para Paula e Ricardo, o fato de eles terem uma filha só demonstra o quanto eles se preocupam em oferecer o melhor:

“Tem muita gente, na minha idade mesmo, que têm quatro, cinco filhos... Aí não tem como dar educação pra todo mundo. Se a pessoa tivesse uma, no máximo dois, a pessoa podia dar um ensinamento melhor. Aí são muitos filhos, a criança não tem educação. Ela sendo filha única, a gente tenta dar o melhor possível pra ela... Tanto que ela, perto de outras crianças, é até um pouco retraída, ela não sabe as brincadeiras das crianças que são criadas mais soltas”. (Ricardo)

“Como ali [escola particular] as crianças geralmente não têm muitos irmãos, as famílias não são muito grandes, então a mãe e o pai tem tempo de ensinar ‘filha, faz isso, não faz aquilo’. São filhos únicos, ou com dois filhos no máximo. Aí eu acho que a educação é melhor. Já na prefeitura as crianças têm três, quatro irmãos. Aí eu acho que as crianças são um pouco mais sem educação ali [escola pública]”. (Paula)

4.2.6 Família Azevedo

A família Azevedo é constituída por Elenice, 37 anos, Luiz, 36 anos e uma filha, Joana, de quatro anos. A família mora em um prédio alugado na comunidade da Rocinha.

Elenice nasceu no Ceará e viveu com a avó, quando seus pais foram para o estado do Rio de Janeiro em busca de emprego. Com quatro anos, Elenice foi morar com os pais e a irmã recém-nascida no Rio de Janeiro, na comunidade da Rocinha. Os pais de Elenice possuem somente o ensino fundamental, ela não sabe especificar até que série cursaram. O pai trabalhou como vigia, hoje está aposentado e a mãe é do lar. A irmã se formou em Direito e exerce a profissão. Já Elenice concluiu até o ensino médio técnico em secretariado e trabalha como assistente administrativa. Elenice lembra que, por conta da violência na época, ela e sua irmã quase não saíam de casa:

“Meu pai não deixava a gente sair na rua com medo de acontecer alguma coisa, da violência, do tráfico. A gente ficava em casa, ficava muito presa. Só saía quando a minha mãe podia levar, ou o meu pai. Não era por maldade, mas por conta de medo mesmo de que acontecesse alguma coisa. [...] Ficava muito presa, me sentia muito presa”. (Elenice)

Luiz vive na Rocinha desde criança, embora antes morasse no município de Caxias, com os pais e mais quatro irmãos. Crê que sua mãe tenha estudado até a sétima série do ensino fundamental e o pai até a quinta série. O pai é carpinteiro e marceneiro e a mãe não trabalha fora de casa. Luiz é professor de tênis, começou como boleiro os 12 anos. Desde então, se apaixonou pelo esporte e fez dele a sua profissão. Tornou-se professor após ter feito diversos cursos na área e praticado a atividade.

Elenice e Luiz se conheceram na Rocinha. O casal demorou bastante até ter a filha, Joana. Elenice cita três vezes, ao longo da entrevista, que a filha é “mimada”, atribuindo ao longo tempo sem filhos. O apartamento em que moram é pequeno: um quarto, uma sala, um banheiro e uma cozinha. A casa denuncia que ali mora uma criança, pelas paredes rabiscadas e muitos brinquedos espalhados.

Elenice sempre estudou em escola pública. Ela relata que sempre gostou de estudar e que só tem boas lembranças das escolas pelas quais passou. Fez vários cursos, incluindo secretariado e inglês, mas lamenta não ter feito faculdade. Ela observa que gostaria muito de ter feito curso superior, mas o momento em que surgiu a oportunidade coincidiu com a decisão de engravidar e, entre prosseguir com os estudos e ter um filho, ela optou pela segunda alternativa. Para Elenice, depois de ter a criança, “ficou muito mais difícil fazer uma faculdade”. Ela deixa transparecer certo desapontamento em relação à situação em que se encontra, uma vez que “estudou tanto”. Hoje, seus esforços são direcionados para a educação da filha.

Elenice acha que a educação pública foi melhor durante sua época de escola e que os alunos respeitavam mais os professores (“existia o respeito”). Apesar disso, acredita que os professores das escolas públicas ainda são mais bem preparados, quando comparados aos professores das escolas particulares:

“Eu acho até que os professores das escolas públicas são mais bem preparados. Porque eles fizeram prova, eles fizeram um monte de coisa pra estar ali. Eles estão preparados, acabaram a faculdade, fizeram uma prova muito difícil com não sei quantas mil pessoas. Às vezes, nas escolinhas da comunidade, nem sempre eles têm faculdade. Eles ensinam ali o básico. A Joana, quando ela estiver saindo assim da escolinha, eu não quero deixar ela lá.” (Elenice)

Elenice lamenta que durante a sua infância não teve “incentivo” dos pais para estudar, possivelmente por serem eles “despreparados”:

“Pelo que eu vejo hoje, eu não sei nem como eu passava de série! (Risos). A tia mandava estudar, mas a minha mãe não perguntava: ‘você fez o dever, você fez isso?’ É totalmente diferente de hoje, com a Joana. Eu fico pensando: ‘como é que eu passei de ano?’ [...] Então faltou incentivo do meu pai e da minha mãe. De ter uma visão do futuro: ‘Isso lá na frente você vai precisar, pra você ter um emprego melhor’, ‘você vai estar na frente das outras pessoas’. Isso que eu vou passar pra Joana. Pra ela ter essa percepção, que eu não tinha antes.” (Elenice)

Já Luiz, devido à dedicação à profissão, não completou o ensino médio: ficou difícil conciliar os horários do tênis com os horários das aulas. Para Luiz, há diferenças na estrutura familiar de uma criança que estuda em escola pública para uma criança que estuda em escola particular: “Geralmente uma criança de uma escola

particular, os pais têm uma família um pouco mais estruturada, tem uma organização, tem uma vida mais certinha, e acabam tendo condições de pagar pro filho”.

Apesar de considerar os professores das escolas públicas melhores do que os das escolas particulares, Elenice não pensa em colocar a filha em uma escola municipal. Seu maior receio é quanto à segurança e não com relação ao ensino. Elenice foi uma das poucas entrevistadas que considerou que talvez as escolas particulares não fossem tão boas em qualidade de ensino. No entanto, ela considera mais fácil resolver qualquer tipo de conflito na escola particular:

“A Joana é muito mimada e eu tenho medo dessa parte da violência, das outras crianças maiores do que ela [...] Na escola particular, os pais que colocam lá, têm um pouco mais de cuidado, nessa parte. Ficava com medo de alguém bater nela, e ir lá [escola pública] reclamar e ter confusão. [...] No meu ver, é muito mais fácil eu ir reclamar lá na escola dela [particular]. Você vai lá [na escola pública] às vezes e vê que tem briga, aquelas mães lá brigando umas com as outras, um barraco só! Não tô disposta a isso”. (Elenice)

Para Elenice e Luiz, escola pública para a filha só se for o Colégio Pedro II ou o Colégio de Aplicação (CAP) da UFRJ. O casal já faz planos para quando a filha estiver em idade de ingressar no ensino fundamental: “A Joana, quando ela estiver saindo da escolinha, eu não quero deixar ela lá [escola particular]. Porque eu acho que o ensino é fraco. Eu tenho que tentar botar ela no Pedro II, ou no CAP. Ver onde der pra inscrever ela”. (Elenice)

4.2.7 Família Silva

A família Silva é constituída por Karla, 38 anos, Carlos, 35 anos, Jonas, de sete anos e Paulo, de quatro anos. A família reside na comunidade da Rocinha em uma casa pequena, mas bem dividida.

Carlos é muito extrovertido “eu gosto muito de falar”. Vem de uma família numerosa, com quatro irmãos, todos nascidos e criados na Rocinha. Além disso, uma avó e tios também moraram com eles por um tempo, durante a infância. O pai, cozinheiro, é do Espírito Santo e estudou até o quinto ano do ensino fundamental. Já a mãe, dona de casa, é do Ceará e estudou até o quarto ano do ensino fundamental.

Carlos e a família moram em uma casa construída em cima da casa dos pais. Carlos lembra que a infância foi muito restritiva e as poucas coisas que possuía eram divididas entre os irmãos:

“Eu não tive um brinquedo, não tive um videogame, tinha vontade de ter e não tinha, tinha que jogar fliperama, tinha que ficar na janela olhando um desenho na casa dos outros, então hoje, eu poder ver o que eu posso dar para os meus filhos é muito, muito gratificante”. (Carlos)

Considera que teve uma infância mais “solta”, pois acredita que antigamente a comunidade da Rocinha era menos perigosa:

“Por que hoje eu vejo que é mais perigoso do que na minha época, na época que a gente era moleque, o cara que fumava maconha ou usava uma droga, ele tinha vergonha que os outros soubessem que ele fumava, que ele cheirava [...] O próprio vendedor de droga era entocado, você via aquele pessoal passando armado, mas não era exageradamente, frequentemente. Os anos foram passando e tudo foi evoluindo também, a droga ficou mais descarada, a arma mais evoluída [...] Quem mora para dentro vê muita coisa, muitos absurdos que acontecem dentro de uma comunidade.” (Carlos)

Quando serviu o exército, Carlos teve interesse em permanecer, mas foi dispensado. Começou então a trabalhar como estoquista em uma loja de produtos naturais. A partir daí foram surgindo oportunidades nesse ramo e hoje é representante comercial de produtos naturais. Carlos se orgulha muito do seu trabalho e dos resultados alcançados. No decorrer da entrevista, mostrou diversos utensílios domésticos (forno de micro-ondas, televisão, liquidificador, etc.), que ganhou por ter atingido as metas de venda da empresa: “hoje eu sou o melhor vendedor da empresa”. Lamenta, porém, não poder ir mais longe. Ele se sente inseguro e confessa que poderia trabalhar com outros tipos de produtos que poderiam lhe proporcionar comissões maiores: “Eu me cobro muito porque eu poderia ir mais à frente no meu trabalho, eu sinto que no meu trabalho as oportunidades elas aparecem muito claras para todos lá, só que só vão ser agarradas por quem estiver preparado”.

Por ser muito eloquente, ele crê que certamente estaria em melhor colocação no mercado se tivesse levado os estudos com seriedade. Os irmãos de Carlos concluíram os estudos e dois estão fazendo faculdade.

Já Karla nasceu no município de São Gonçalo, estado do Rio de Janeiro, e com cinco anos mudou-se, com os pais e mais quatro irmãos, para a Ilha do Governador, na cidade do Rio de Janeiro. Karla relembra sua infância como “muito boa”, indicando que o pai sempre proporcionou o melhor para ela e os irmãos. O pai de Karla é do interior do estado do Sergipe. Proveniente de família numerosa, conseguiu entrar na faculdade de Ciências Contábeis, mas não terminou. Mesmo assim foi aprovado em concurso público. Ele é um exemplo de superação para Karla, que relata dificuldades que o pai passou quando chegou no estado do Rio de Janeiro, inclusive por ser negro. A mãe era dona de casa e estudou até a quarta série do ensino fundamental. Duas irmãs de Karla também fizeram faculdade.

Karla e Carlos se conheceram no trabalho, namoraram por um tempo e depois se casaram, estando juntos há 15 anos. Karla e Carlos são de origens diferentes, enquanto Carlos é nascido e criado na comunidade da Rocinha, Karla nunca havia morado em uma comunidade. Outra circunstância que os diferencia é em relação aos estudos. Karla é graduada em Turismo e Hotelaria, mas não trabalha na área, atuando como assistente administrativa. Apesar de ter estudado mais do que Carlos, ganha menos do que ele. Ela incentiva Carlos a retornar aos estudos e cursar uma faculdade. O casal se mostra muito empenhado na educação dos filhos.

Carlos se diz frustrado por não ter aproveitado o tempo em que poderia ter estudado. Lembra que faltava muito às aulas, e que até atrapalhava quem queria estudar, tendo repetido muitas vezes os anos escolares. Apesar disso, conseguiu concluir o ensino médio. Lamenta não ter dado valor à educação:

“Se hoje eu estou bem, estou razoavelmente ganhando bem, pelo meu potencial poderia estar bem mesmo [...] Para mim faltou o meu estudo, faltou o detalhe de eu esquecer a brincadeira [...] Sempre fui descontraído, eu nunca levei as coisas a sério. Depois do relacionamento, depois do filho, eu vejo tudo diferente [...] Isso para mim é triste, eu falar do meu estudo, mas eu não dei valor, não dei valor.” (Carlos)

Os pais nunca o pressionaram para estudar, possivelmente, em sua visão, porque o pai trabalhava muito e não tinha tempo para ficar com os filhos. Já a mãe também nunca exerceu uma cobrança forte “ela sempre deixou a gente à vontade”. Os irmãos de Carlos levaram os estudos com mais seriedade “os meus irmãos não tiveram tantas dificuldades como eu tive [...] Eu não sei se porque só eu era o bagunceiro”. A questão da educação é algo tão marcante para Carlos que ele diz exercer uma pressão muito grande sobre os filhos, principalmente o mais velho, que já se encontra em idade escolar. Além disso, é Carlos quem vai às reuniões e acompanha o desenvolvimento dos sobrinhos nas escolas, apesar das críticas:

“ ‘Tu repetiu cinco vezes, quatro vezes, tu quer cobrar o quê dos teus filhos? Pô, tu era bagunceiro’. Eu sempre escuto dos meus irmãos, isso magoa, mas eu tenho que escutar, eu era isso, mas eu não quero isso para eles [os filhos]. De jeito algum isso vai acontecer. Posso errar, mas eles não vão errar, isso aí você pode ter certeza”. (Carlos)

“O Jonas, graças a Deus, ele já lê, já escreve, mas por quê? Eu tenho uma troca com o meu filho. Ele quer brincar no videogame? Vai brincar no videogame, mas primeiro vamos fazer um ditado. É errado pressionar um filho? É, mas vai ser para ele, não vai ser para mim, ele vai estar preparado para alguma coisa futuramente”. (Carlos)

A educação tem um papel muito importante na vida de Karla e está muito relacionada ao pai “o que mais me marcou na infância foi que meu pai cobrava muito da gente”.

“Ele foi um grande exemplo para a gente, acho que a maior riqueza que ele deixou foi ele contar a vida dele, a história de vida dele, porque não foi fácil. [...] Ele tentava mostrar com a história dele que a gente tinha que ser superior a tudo isso, e não tentar ser uma vítima por conta da cor da pele: ‘Você é brasileiro, você vai tentar e você vai ser o que você quiser’. Foi isso que ele sempre botou na nossa cabeça, porque ele estudava na escolinha lá [interior do Sergipe] e ele não podia entrar [...] Ele era muito inteligente, ele pegava papel de pão, carvão e ficava lá na janela tentando aprender, e as professoras fechavam as janelas na cara dele. É triste ouvir ele contando”. (Karla)

Em comparação com os irmãos, Karla era a mais desinteressada em relação aos estudos, e esse comportamento ocasionou muitos conflitos entre ela e o pai. Karla

gostaria de ter feito o ensino médio técnico, mas o pai queria que ela ingressasse na universidade, temendo que, ao fazer o ensino médio técnico, ela perdesse o interesse em continuar os estudos. Dessa forma, para cursar o ensino médio, o pai a matriculou em uma escola particular preparatória para o vestibular:

“Eu saí do público para o particular e tem uma diferença muito grande [...] No público, eles davam o básico, já lá não, no particular era além do básico, então eu senti muita diferença. Do segundo ano em diante eu consegui me encaixar [...] Eu tive aula particular no primeiro ano, mesmo assim não consegui passar, repeti, aí no segundo primeiro ano eu já fui acompanhando mais”. (Karla)

Quando terminou o ensino médio, Karla não obteve aprovação em nenhum vestibular e foi trabalhar, a contragosto do pai, pois queria ter independência financeira. Após alguns anos trabalhando no comércio, ingressou na faculdade de Turismo. O sonho era estudar Farmácia, mas o curso em uma instituição particular era muito caro e ela não havia conseguido aprovação em uma universidade pública. Apesar de nunca ter atuado na área de turismo, Karla não se arrepende do curso que escolheu e diz utilizar muito do que aprendeu no atual trabalho.

Carlos sustenta que o que ele puder dar de melhor para cada um dos seus filhos, ele irá proporcionar. Os filhos, Jonas e Paulo, têm roupas de “marcas”, videogames modernos, brinquedos caros etc. Os dois estudam na Rocinha, em escolas particulares: o mais velho está matriculado em um colégio e o mais novo em uma creche. A escolha foi pautada por razões de praticidade:

“A escolha de uma [colégio] particular, são várias coisas. É o fato de ter aula todos os dias, de que, mesmo que a professora falte, vai ter alguém para estar lá repondo a aula, ou então fazendo algum tipo de recreação com a criança. Esse é uns dos fatos principais, porque a gente trabalha e não tem com quem deixar”. (Karla)

O casal afirma que não haveria problemas em colocar os filhos em escolas públicas. Mesmo assim as colocações feitas mostram certa ambiguidade. Karla relata que, quando estava à procura de creche para o filho mais velho, havia uma creche pública na Rocinha, mas não a considerou porque era longe. Os pais então matricularam o filho em uma creche próxima a sua residência, já sabendo que a

creche não tinha bons antecedentes “não é muito bom”. Após o filho ter passado por diversos problemas respiratórios, foi tirado da creche para ficar com a avó. Quando completou dois anos, a criança foi matriculada em uma creche particular em outro bairro, distante da residência.

Em relação à atual escola do filho mais velho, o casal mostra muita insatisfação. Para o casal, “não há uma troca” e “falta parceria”:

“Tem uma reunião no mês, uma vez ou duas vezes a cada seis meses, mas mais para pedir dinheiro do que para falar do próprio aluno. Fala muito pouco, poderia falar mais, desenvolver mais [...] Como eu cobro muito, eu esperava muito mais da escola [...] Hoje eu vejo a escola voltada ao dinheiro.” (Carlos)

Karla reclama que falta apoio da escola para que o filho Jonas pare de chupar o dedo. Na escola antiga, a psicóloga e as professoras a auxiliavam nesse processo. Além disso, a escola de Jonas não promove a interação entre as mães. Karla reclama que não conhece nenhuma mãe da nova escola do filho. Apesar do descontentamento, a escola é a mais adequada logisticamente, pois fica na Rocinha, próxima à residência. Alguns meses antes da entrevista, o casal procurou outras escolas para matricular Jonas. Nas escolas particulares pleitearam bolsa e só foram a escolas públicas-reconhecidas pela qualidade, como CAP e Pedro II:

“A gente tentou, mas aí a gente fez as contas e ia sair muito mais caro do que aqui, e é do outro lado da favela, então a gente pensou na logística, se tiver tiroteio, como é que ele vai? A gente ia ter que ir por baixo, por São Conrado, naquele trânsito todo, ia ser complicado, ia ser um dia de aula perdido. A gente pensou em toda a logística, tanto no dinheiro, quanto na logística de levar e de trazer, e a gente resolveu manter ele aqui por não ter conseguido”. (Karla)

Sem sucesso, o casal ainda planeja para o próximo ano buscar uma nova escola para o filho mais velho. O casal é unânime ao afirmar que a educação não depende só da escola, depende muito do aluno e também da família.

4.2.8 Família Vieira

A família Vieira é constituída por Andréia, 36 anos, José, 44, e José Pedro, de 18 anos. A família mora na comunidade da Rocinha em uma boa casa.

Andréia não se recorda há quanto tempo mora na Rocinha, mas acredita que é entre 22 ou 25 anos. Ela veio do estado do Ceará para o do Rio de Janeiro quando criança, com os pais e mais seis irmãos, mas também morou no estado de Mato Grosso e depois retornou para o Ceará. O pai trabalhava como pedreiro e viajava para diferentes estados com a família, em busca de emprego. Andréia não sabe o grau de instrução do pai, mas diz que ele era alfabetizado e sabia “assinar o nome”. Já a mãe estudou até o quinto ano do ensino fundamental. Considera que teve uma infância difícil: “você tem vontade de ter as coisas e não tem dinheiro [...] e nós éramos sete irmãos e só o meu pai trabalhava”.

Já José nasceu e foi criado na comunidade da Rocinha, onde morava com os pais e mais seis irmãos. Os pais vieram do estado da Paraíba. O pai era analfabeto e trabalhava como porteiro, já a mãe era do lar e teve pouco estudo. José também teve uma infância marcada por muitas restrições:

“Era o básico mesmo que meu pai botava dentro de casa [...] Não que a gente tenha passado fome. Necessidade, nós nunca passamos, mas querer uma coisa melhor e não poder ter [...] Lá em casa a gente só comia carne mesmo umas duas vezes no mês, que era no final do mês e no dia da quinzena, quando ele [pai] pegava o [pagamento]. De resto a gente se virava com o que tinha.” (José)

Assim como outros entrevistados da mesma comunidade, José acredita que a comunidade da Rocinha era menos perigosa em sua infância:

“Onde eu jogava bola tinha uns camaradas que eram metidos. Meu pai tinha uma preocupação de deixar a gente ali, que era um lugar um pouco ‘fácil de se perder’, mas era o único lugar que tinha pra gente jogar bola. [...] Os bandidos respeitavam, eles eram um pouco mais conscientes. Eu lembro, quando era criança, e quando tinha um bandido, se algum de nós estivesse perto de algum deles, eles mandavam a gente sair [...] Muita coisa melhorou, mas essa questão só piorou. Não é que bandido antes era bonzinho, não é isso, os caras que são envolvidos com isso, estão todos errados, tanto hoje quanto antes, mas era diferente. Os caras, pelo menos, eram mais conscientes, faziam escondidos, não deixavam as crianças verem.” (José)

Para José, “antes” era mais fácil educar os filhos em uma comunidade:

“Antes as crianças respeitavam mais os pais, apesar de sempre ter existido a questão do tráfico, de levar as crianças. Mas antes era mais fácil você controlar isso, hoje não. Hoje em dia você perde fácil uma criança aí, é só deixar solta”.
(José)

Andréia e José se conheceram na Rocinha, estão juntos há mais de 20 anos e têm um filho. José observa que “a opção de ter um filho só foi poder dar uma coisa um pouco melhor. Não é exatamente o que eu gostaria, mas um pouco melhor do que a gente teve”.

Andréia trabalhou durante muito tempo como manicure, em salões de beleza, mas sempre quis trabalhar com cabelos. Como nunca teve essa oportunidade nos salões pelos quais passou, resolveu sair do trabalho e abrir um salão de beleza, com a cunhada, em sua comunidade. Ela, José e a cunhada se mobilizaram para comprar o local onde hoje funciona o salão. José, por sua vez, trabalha como vendedor de produtos odontológicos e seu salário é comissionado.

Andréia afirma que nunca gostou de estudar e é muito grata por José Pedro ser bastante diferente nesse aspecto. Não se lembra da primeira escola em que estudou, somente da última, onde concluiu o ensino fundamental. Na ocasião, fazia curso supletivo e estava grávida. Apesar da pouca instrução dos pais, Andréia relata que eles sempre cobravam dela e dos irmãos que estudassem. Ela já fez diversos cursos relacionados a sua profissão. José também só completou o ensino fundamental. A primeira escola em que estudou era pública, dentro da comunidade.

Para José, só o fato de existir uma escola dentro da comunidade na época, já era um ganho enorme: “apesar de ser escola pública, os professores eram bons, na medida do possível. O ensino não era lá essas coisas, mas no momento ali era o que se apresentava pra gente”. Sobre a estrutura da escola, José considera que “até que, naquela época, para atender a gente, eu acho que funcionava, porque tinha merendeiras... Apesar do ensino não ser altamente de qualidade, funcionava, eu não tenho do que reclamar”. José parou de estudar na sexta série para trabalhar:

“Eu queria trabalhar mais, pra ganhar mais, até pra ajudar meu pai [...] Como eu já era maiorzinho, tinha uns 15 e 16 anos, eu via ele reclamando muito que queria que a gente ajudasse em casa. E eu sempre tive isso na cabeça de querer ajudar, aí eu comecei a trabalhar [...]” (José)

Posteriormente, José retornou aos estudos, à noite, em uma escola pública:

“Aí foi quando eu me atrasei na escola porque eu não consegui conciliar o trabalho com a escola à noite, eu não conseguia me adaptar. Até terminei a oitava série, mas foi difícil, alguns anos eu desisti, eu parava de ir, mas ainda assim eu consegui, foi difícil, mas eu consegui terminar a oitava série”. (José)

José lembra dos incentivos dos pais para que ele e os irmãos estudassem, mas do jeito deles: “sempre falavam que tinha que ir pra escola, sempre incentivaram. Só que não falavam de faculdade porque eles não tinham preparo pra isso, então nem se falava disso”. Para ele, a escola pública não é boa e “nunca foi ideal”. Apesar das facilidades de aprendizado, ele ressalta que algumas coisas ainda não melhoraram:

“Não adianta você ter ferramentas e não ter o ideal, que é o professor [...] Eles mereciam ganhar melhor. Eles lidam com situações difíceis, porque hoje em dia, apesar de ter estruturas melhores, ensinar ainda é mais difícil porque as crianças já vêm de casa sem educação, então quer dizer, transfere isso para a sala. Então o professor tem uma missão árdua de ensinar, de educar, aí não dá, não tem professor que aguenta uma carga dessa”. (José)

Para José, a educação pode exercer um papel fundamental, abrindo novos caminhos e oportunidades para os jovens da comunidade:

“Educação em qualquer lugar é importante, ainda mais aqui dentro [na Rocinha], seria melhor ainda, seria o mais importante. Eu acho que, aqui dentro, a educação pra mim seria a salvação de tantas crianças, tantos jovens que estão perdidos deixando isso de lado. Eu mesmo sinto falta de não ter estudado mais. Há umas dificuldades que eu tenho que, através de um estudo, eu não teria. Se eu tivesse estudado mais, eu não teria essas dificuldades que eu tenho hoje. Estou estabilizado hoje, a gente vence também através do trabalho, mas quando chega lá na frente, a gente vê o que ficou pra trás, vê que a educação é importante, a gente vê que da educação nunca se pode abrir mão.” (José)

Andréia afirma que nunca teve interesse em colocar o filho em escola pública: “eu acho que não tem um bom ensino”. A primeira escola dele foi uma instituição particular, localizada na comunidade. Em seguida, ela conseguiu uma bolsa em uma escola particular no bairro do Leblon, por meio de uma ex-patroa. O ensino médio também foi em uma instituição privada, onde José Pedro conseguiu uma bolsa. Andréia e José relatam que o filho sempre foi muito independente, buscando as informações por ele mesmo. Faz o ensino médio em uma escola tradicional, considerada uma das melhores da cidade do Rio de Janeiro, localizada próxima à comunidade onde moram. Andréia lembra que o filho comentava, quando passava em frente ao colégio: “mãe, quero estudar aí”. José Pedro tentou diversos processos seletivos para ingressar em uma escola onde pudesse fazer o ensino médio, inclusive obteve aprovação em uma escola pública federal considerada também uma das melhores, o Colégio Pedro II, mas era a escola privada perto da comunidade onde sempre quis estudar. Dessa forma, a família fez a matrícula dele na esperança de conseguir uma bolsa.

José ingressou no colégio em que sempre quis estudar, pagando 10% da mensalidade. Para Andréia é gratificante realizar os desejos do filho. Para José, o valor da mensalidade da escola de José Pedro não é um valor significativo “numa escolinha qualquer você tá pagando esse valor, pra gente não ficou tão pesado, porque nós dois trabalhamos”. No entanto, outros gastos preocupam o casal. Por exemplo, no período da entrevista, os colegas da escola estavam organizando uma viagem para o exterior e José Pedro “queria muito ir”, mas Andréia e José estavam “apertados”, pois haviam acabado de adquirir o salão de beleza:

“Às vezes ele pede pra fazer algo, como viajar, ou mais dinheiro pra sair e não dá, se eu pudesse fazia mais. Hoje, por exemplo, ele foi pra praia com os amigos, são 40 reais. Ele quer ir em boates no final de semana, e tudo boate cara, só pra entrar, 50 reais, dou mais 20 reais pra ele se virar. E ainda anda com o cartão de crédito que o pai controla. A gente tem que ficar ali, em cima dele, para controlar”. (Andréia)

“Tudo bem pagar 10% [...] A gente busca o melhor para ele, porque o que mais pega são essas coisas que acompanham a escola e a convivência com os amigos, ele que ir para os mesmos lugares. A escola apresenta algumas coisas

como passeios, viagens para fora do país pela escola. A gente se esforça mesmo pra poder ajudar, pra poder servir à ele nisso, aí a gente se aperta pra poder dar pra ele essas coisas que vão além do colégio. A gente quer que ele participe destas coisas também, que tenha essa convivência com os amigos.” (José)

José lembra do intercâmbio para os Estados Unidos que o filho fez pelo colégio:

“Parcelamos a passagem várias vezes, até no máximo que podia, porque era um valor muito alto. Então nós nos apertamos e conseguimos enviar ele, porque pra gente era uma coisa mais difícil de conseguir, mas nós dois nos esforçamos e conseguimos mandar ele”. (José)

Os pais costumam custear aulas extras. O filho informa os pais quando necessita de aulas extras. O filho tem poucos relacionamentos na comunidade, somente com a família. Seus amigos são de fora da comunidade. A mãe comenta que, quando era pequeno, até tinha alguns amigos, mas “agora é que ele não tem mesmo”. Para a mãe, o filho não tem as características de um adolescente de comunidade:

“Ele sempre foi bem diferente [...] em educação, bom gosto, estilo. Ou seja, tem gente que olha pra ele e diz ‘nem parece que mora aqui na Rocinha’. É dele, o estilo é dele, ele nasceu assim. Minha cunhada diz que tem que ter cuidado, porque se olhar acham que ele não mora aqui e tá vindo comprar droga”. (Andréia)

“A gente vê hoje aqui, são muito jovens perdidos e ele, por exemplo, ele não gosta daqui. Ele sai com os amigos dele lá de fora. Aqui dentro ele não participa nem de baile, coisa assim, aqui dentro ele não gosta, não gosta de nada disso”. (José)

Andréia é categórica quanto ao futuro de José Pedro: “Em nome de Jesus, um advogado famoso, honesto, trabalhador! Isso é o que eu quero. Se Deus quiser!” José e Andréia ressaltam que há diferenças sim entre o ensino público e privado, mas o fator mais relevante na criação de filhos é a família, é a “educação que vem de berço”.

4.2.9 Família Pereira

A família Pereira é constituída por Estela, 29 anos, Rute com sete, Paola com cinco, e Tadeu, de dois anos. Estela é mãe solteira e mora em uma casa de aluguel que divide com a mãe, o padrasto e os três filhos na comunidade Santa Marta. Estela. Cresceu junto à família da mãe que é bastante numerosa, sem contato com o pai:

“Minha mãe engravidou de mim e quando veio embora da maternidade, descobriu uma traição dele, botou ele pra ir embora e não deixou ele me registrar. E aí eu cresci com essa separação, meu irmão até hoje tem o nome do meu pai e eu não tenho, somos filhos do mesmo pai. Não sou muito chegada a ele, trato bem por educação, porque é meu pai, também não vou maltratar”. (Estela)

A mãe de Estela e suas tias são evangélicas. Dessa forma, Estela foi criada de forma muito “presa”. Acredita que, por este motivo, foi muito rebelde na juventude: “talvez hoje eu possa ser ou já fui até a ovelha negra da família, mas tenho certeza que, por outro lado, eu vim pra quebrar regras”. Ela explica:

“Eu tive uma infância que a mãe não sentava pra falar o que é sexo. [...] Fui descobrir tudo na rua, fui descobrir o que era namorado, primeira vez, o que era camisinha, o que era ser mãe. [...] Eu já usei droga, eu experimentei um pouco de tudo da vida”. (Estela)

“Eu tive muita amizade com bandido, tive amizade com o ‘frente do morro’⁵. Na época em que eu tinha essas amizades, quando eu ganhei minha filha mais velha, o ‘dono do morro’ veio me visitar, e aí ficou vizinho olhando, minha família meio que chocada. A gente não podia ouvir um funk, não podia beber uma cerveja aqui dentro, e hoje em dia, a gente bebe a cerveja, a gente curte um funk. A minha mãe faz um “furducinho” [festa] na laje. Eu mostrei pra eles que tem como viver respeitando cada um os seus gostos, cada um as suas coisas. Ninguém na família fuma, eu fumo”. (Estela)

Cada filho de Estela é de um pai diferente. A paternidade da filha mais velha ainda está em litígio. O pai do filho mais novo morreu quando ela estava grávida. O pai da filha do meio ficou com Estela por um tempo, inclusive quando ela ainda

⁵ “Frente do morro”, também conhecido como “dono do morro” termo que designa o chefe do tráfico de drogas local que exerce o poder de mando e desmando sobre a comunidade.

estava grávida da primeira filha. A mãe de Estela já fez “um pouco de tudo na vida, hoje cozinha e vende quentinhas⁶”. O padrasto é açougueiro e o irmão é casado e mora em um subúrbio do Rio de Janeiro. A mãe de Estela e o padrasto têm baixa escolaridade. Já o irmão fez faculdade de jornalismo.

Estela relembra que costumava ser boa aluna no ensino fundamental, mas ao chegar ao ensino médio foi perdendo o interesse pelos estudos. Estudava à noite, pois fazia um curso técnico durante o dia:

“No primeiro ano foi beleza, passei direto. Ah.. minha filha, quando chegou no segundo, namorar.., perdi o foco dos estudos, e não quis saber mais de estudar e aí abandonei os estudos, abandonei a escola, no segundo ano repeti e aí eu não voltei mais, parei de estudar”. (Estela)

Sobre a importância dos estudos “escutei de muitas pessoas, mas em casa não, em casa foi sempre muito fechado”. Ainda assim, Estela tem interesse em voltar a estudar e terminar os estudos, sonha em cursar a faculdade de Jornalismo ou Psicologia. Com relação ao ensino público e privado, expressou a seguinte opinião:

“A escola pública já foi boa. Hoje está aos trancos e barrancos. Por isso optei por tirar a Rute, pois acompanhei de perto a diferença da educação que a Paola vinha tendo. O que salvou é que a Rute é muito esforçada e dedicada. Acho a educação importantíssima. Sem ela não somos e nem seremos nada. Torço muito para que elas possam usufruir de tudo que tenham direito. Aprendam tudo que puderem aprender”. (Estela)

As duas filhas de Estela estudam em uma escola católica particular em horário integral, no bairro de Botafogo, onde fica a comunidade. O filho mais novo frequenta uma creche na comunidade. A filha do meio foi estudar no colégio particular por interesse da família do pai, cujas mulheres já estudaram nesse mesmo colégio. A filha mais velha estudava, até os seis anos, em escola pública, a mesma em que Estela estudou quando criança. Antes de colocá-la nessa escola, Estela pleiteou uma bolsa de estudos em um tradicional colégio religioso do Rio de Janeiro, mas não obteve sucesso.

⁶ Refeições vendidas em embalagens de alumínio prontas para o consumo.

“Uma das que eu fiquei decepcionada foi com esse colégio, que a inscrição na época era online. Quando eu fui fazer a inscrição, precisava do CPF do pai e da mãe e eu botei o meu CPF alegando que ela não tinha pai, desde o início da inscrição, e eu não pude pular a etapa, não pude concluir a inscrição porque tinha essa barreira. Tem que ter, lá não pode ser registrado só pela mãe [...] Eu achei aquilo uma humilhação, um constrangimento e preferi deixar pra lá e acabei desistindo.” (Estela)

Estela nunca se sentiu à vontade tendo uma filha em escola particular e outra em escola pública. A mensalidade da filha do meio é o pai quem paga, já a da filha mais velha, só recentemente Estela teve condições de pagar:

“Graças a Deus eu consegui um trabalho que dá pra viver bem com eles. E as parcelas lá não são tão pesadas, para um colégio que fica o dia todo, e a minha alegria é ver elas duas estudando no mesmo lugar, pra não crescerem com diferenças”. (Estela)

Sobre o comportamento da filha mais velha que mudou de uma escola pública para uma particular, Estela esclarece que “melhorou muito”, “porque lá [escola particular] ela está vivendo com regras”.

4.2.10 Família Souza

A família Souza é constituída por Sueli, 28 anos, Lúcia, seis anos e Vivian, três anos. Sueli é mãe solteira e mora com as filhas e mais duas irmãs na comunidade Santa Marta.

Sueli nasceu na cidade de Niterói, localizada no estado do Rio de Janeiro. Ainda criança mudou-se com os pais para o Santa Marta, após o pai comprar uma casa com a ajuda de um ex-patrão. No entanto, o pai “começou a beber, se envolver com drogas”, causando sofrimento à família. Os pais se separaram muitos anos depois, quando sua filha Lúcia nasceu.

Sueli divide a casa onde mora com duas irmãs mais novas. Embora a casa original fosse de madeira, com muitos buracos por onde “passavam ratos”, há hoje uma construção de alvenaria. As irmãs são evangélicas e auxiliam na criação das sobrinhas. Sueli se separou do pai das crianças, que é músico – toca cavaquinho.

Os pais de Sueli não têm muito estudo, apesar de ela não lembrar bem. Acha que só o pai estudou até a terceira série do ensino fundamental, tendo seguido a profissão de cozinheiro. A mãe trabalhou grande parte da vida como empregada. Sueli trabalha como monitora de van escolar.

Sueli diz que teve dificuldades nos estudos “porque as matérias são muito difíceis e eu sou péssima em todas as matérias. Todas as matérias não, só português que eu gosto [...] matemática, geografia, história, é tudo chato”. Ela concluiu o primeiro ano do ensino médio, quando engravidou. Na ocasião, estudava à noite, pois já trabalhava como monitora de van escolar:

“Eu sempre tive dificuldade em aprender as coisas, eu preferia bater papo com as pessoas e deixar o estudo de lado, aí minha mãe sempre era chamada na escola por reclamação minha, mas a minha mãe sempre era uma mãe presente na escola [...] Meu pai nunca foi no colégio”. (Sueli)

Sueli e as irmãs foram crescendo na ausência do pai e perderam a mãe ainda jovens. Entretanto, Sueli lembra que a mãe sempre falava sobre a importância dos estudos:

“A minha mãe sempre falava que a gente tinha que estudar pra gente ter uma profissão legal, ser alguém na vida, não ser que nem essas garotas que terminavam e paravam de estudar, que foi o meu caso, e não ter uma profissão legal. Meus tios também, sempre apoiaram a gente. Davam a maior força pra gente também: ‘olha, termina os estudos de vocês também pra que vocês sejam alguém na vida’”. (Sueli)

A filha mais velha estuda em uma escola particular localizada em Botafogo. A decisão de matricular a filha mais velha em escola particular foi tomada em conjunto com o pai: os dois não queriam que a filha estudasse em escola pública. Já a filha mais nova frequenta uma creche localizada na comunidade Santa Marta. Sueli pesquisou várias escolas particulares no bairro em que se insere a comunidade (Botafogo), mas todas as outras foram desconsideradas, pois a mensalidade era além do orçamento dos pais. Outro motivo que fez com que Sueli gostasse dessa escola foi a quantidade de alunos por turma: “na sala da Lúcia só tem seis crianças, e eu acho que, com poucas crianças, a professora dá uma atenção melhor”. Sueli divide com o

pai da filha a mensalidade da escola. Além disso, as irmãs já se prontificaram a ajudar, caso precise de dinheiro para pagar a escola. A mensalidade da escola equivale a 55% do salário de Sueli.

“Eu não queria que a minha filha estudasse em colégio público e nem foi por motivo do ensino, eu que estudei em colégio público, o ensino não é mal, mas é que eu queria uma coisa melhor para a minha filha, eu queria que ela estudasse em um colégio particular, não queria que ela fosse que nem a mãe”. (Sueli)

Apesar de considerar que o ensino público não é ruim, Sueli acha que o ensino privado é mais exigente:

“Porque eu acho que o ensino não é igual ao ensino de um colégio particular, é mais puxado, as coisas são muito mais puxadas, as atividades, as matérias. Eu acho que no colégio público as matérias não são muito mais puxadas”. (Sueli)

Em sua opinião, o ensino público decaiu em termos de qualidade:

“Eu escuto de colegas e amigas minhas que têm filhos em colégios públicos, e o ensino já não é muito bom como era antes. Tem professoras que faltam muito em colégio público. Eu sei que eles têm a dificuldade deles por várias coisas, mas eles matam muito o trabalho, faltam muita aula, e eles falam que não é mais tão bom como antes [...] A Lúcia tem dever de casa todos os dias. Hoje, por exemplo, veio dever de casa, e eu acho que o colégio público não tem. Acho que é dois ou três dias que eles dão dever de casa”. (Sueli)

Para Sueli, o principal motivo para colocar a filha em uma escola pública é que ela “tenha uma educação melhor”. “Eu não quero que a minha filha seja monitora de van escolar! Eu quero que a minha filha termine os estudos dela, faça a faculdade dela.”

4.2.11 Família Costa

A família Costa é constituída por Gabriela, 35 anos, Fausto, 36 e Gilson, 12. Gabriela é administradora de empresas e trabalha em uma empresa pública. Já Fausto trabalha como vendedor em uma loja de eletrodomésticos. A família reside na

Gardênia Azul, comunidade plana localizada na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, em uma casa que construíram há pouco tempo.

Os pais de Gabriela são do estado do Maranhão, mas ela e a irmã nasceram no estado do Piauí. O pai foi sozinho para o Rio de Janeiro, em busca de emprego na construção civil, e depois levou a família. A família foi morar na comunidade da Gardênia Azul, em um período em que havia traficantes. Sua família sofreu extorsão do tráfico local:

“Meu pai sempre foi uma pessoa que foi longe demais, sempre trabalhou muito. Sempre deu muito duro. Na época meu pai tinha caminhão em sociedade com outra pessoa. Aí acho que ficaram falando, no bar, uma pessoa soube, e aí foram na nossa casa e queriam pedir dinheiro. Meu pai falou que iria pegar e que no dia seguinte daria. Aí ele se mudou. Aí a gente foi morar na Taquara, de aluguel”. (Gabriela)

Quando tinha cinco anos de idade, com a inserção de milicianos na comunidade, o pai comprou uma casa e voltou a morar na Gardênia Azul. Gabriela conta que a questão do tráfico e da milícia na região a afetou muito pouco, mas acredita que a irmã e a mãe sofreram mais:

“Minha irmã sempre teve muita vergonha de morar aqui [...] Minha mãe veio pra cá e ficou de mau humor quando voltou. Durante anos reclamando que morava aqui e não gostava. Eu não sei se é porque eu era mais tranquila, por que minha irmã também sempre foi mais ambiciosa, então acho que ela já se sentia um pouco pior do que eu, porque ela tinha contato com outras pessoas lá fora.” (Gabriela)

“Acho que eu me senti sempre tão privilegiada... Meus pais sempre trabalharam muito, então eu não me sentia pobre. É engraçado, eu sempre morei aqui, mas pra mim eu era a rainha daqui. Eu achava que eu tinha os melhores brinquedos, as melhores coisas.” (Gabriela)

Os pais de Gabriela são proprietários de um armarinho no local. Anteriormente, a mãe “sempre se virou”, fazia sacolé para vender, costurava, passava roupas, “dava um jeito”. O pai trabalhava como pedreiro, ainda faz “uns bicos”. O valor do trabalho era frequentemente reforçado pelos pais: “Meus pais sempre falavam que tem que trabalhar pra ter as coisas, trabalhar muito”. Gabriela é pós-graduada em

Administração e a irmã concluiu a faculdade (Turismo) e também fez pós-graduação. Quanto à escolaridade dos pais:

“Minha mãe nunca pisou numa escola. Meu pai estudou muito pouco, mas eu sempre cresci com essa referência ‘Meu pai é muito inteligente’. Hoje, cada vez menos. Você passa a ter mais conhecimento e você vê que a pessoa não é tão assim. Mas eu acho que ele é até um potencial perdido.” (Gabriela)

Fausto nasceu e cresceu no bairro de Realengo, região da Baixada Fluminense, no estado do Rio de Janeiro. Ele tem uma história de vida um pouco conturbada. A mãe biológica o teve ainda muito nova e, sem condições de criá-lo, foi adotado por um casal. Fausto tem mais oito irmãos, quatro da mãe adotiva e quatro da mãe biológica. A mãe adotiva não trabalhava fora de casa e o pai era projetista, trabalhava com arquitetura. Fausto lembra que houve um período de dificuldades financeiras:

“Meu pai tinha uma condição financeira não muito boa, mas na época que era mais difícil, meu pai já ganhava bem porque ele era projetista, arquiteto [...] E o governo não estava incentivando mais [...] Eles ficaram um tempo sem investir, então quem era do meio da engenharia, arquitetura, tiveram até que mudar de profissão na época, então foi um período muito difícil. Meu pai teve uma época que ele vendia até panela na rua.” (Fausto)

Fausto começou a trabalhar aos 13 anos de idade. Foi nesse período que abandonou a escola “trabalhava pra eu ter dinheiro pra comprar minha linha, minha pipa”. Ele começou vendendo sacolé, picolé e chocolate pelas ruas, e depois trabalhou em uma serralheria. Aos 17 anos de idade foi trabalhar como estoquista em loja de roupas, onde teve a oportunidade de fazer um curso de vendas e se apaixonou pela profissão de vendedor. Atualmente trabalha em uma loja de eletrodomésticos.

Pouco tempo depois de se conhecerem e iniciarem o namoro, Gabriela engravidou. “Ela descobriu que estava grávida e eu desempregado”, relata Fausto. Gabriela tinha 23 anos e também ficou desempregada. Com o dinheiro da rescisão dos dois, fizeram um quarto na casa dos pais dela e montaram uma lanchonete na comunidade da Gardênia, mas o negócio não deu certo. Quando Gilson nasceu, eles estavam desempregados, tendo que contar com a ajuda dos pais de Gabriela por algum tempo, até Fausto conseguir um emprego. Posteriormente, construíram três

apartamentos, residindo, por ocasião da entrevista, em um deles. Há forte disparidade no que se refere ao nível educacional do casal: enquanto Gabriela possui pós-graduação, Fausto estudou até o segundo ano do ensino médio.

Gabriela lembra da escola pública onde concluiu todo o ensino fundamental:

“Eu aprendi a ler de uma forma muito dinâmica. Era uma história, cada letra tinha um personagem, e eu esperava o dia seguinte, pra saber o que ia acontecer com aquele personagem. Cada letra tinha um nome e foram se juntando. E tudo fazia tanto sentido na minha cabeça que eu aprendi a ler muito rápido. Talvez para as outras crianças não tenha sido, mas pra mim foi tudo tão certinho, tudo tão natural, que eu aprendi a ler muito rápido, com cinco anos ainda.”
(Gabriela)

“Eu gostava de lá, eu gostava muito [...] acho que a única parte ruim, é que talvez eu não tivesse professores que me incentivassem. E também eu só fui perceber isso depois. Na época que eu tava lá, pra mim era um excelente local.”
(Gabriela)

Gabriela se lembra com detalhes do ensino fundamental, inclusive nomes de professores, rotinas etc., e diz: “sempre fui boa aluna”. Em relação ao ensino médio, lamenta não ter sido tão bom quanto o ensino fundamental, e considera que não recebeu incentivos para estudar:

“Eu tinha um professor de português que dava aula para o Pedro II. Ele falava, ‘Ah, eu dou aula para os alunos do Pedro II, lá eles são estudiosos, eles vão conseguir isso, conseguir aquilo e aqui, vocês...’, sempre botando a gente para baixo. Eu me sentia como se ele estivesse me botando para baixo. Talvez a intenção fosse falar: vocês precisam estudar mais do que eles, porque aqui é pior. Mas eu não entendia isso. Eu entendia assim: ‘Ah, você estuda aqui, você está fadado a ser fracassado, sua vida vai ser uma merda, nem faz prova que você não vai passar’. Eu entendia isso, então pra mim não foi um ensino médio bom. Não me senti incentivada em momento algum a fazer nada. E talvez ali eu já não fosse tão boa aluna quanto eu tinha sido no passado.” (Gabriela)

Gabriela lembra que a mãe estava presente em todas as reuniões e “ouvia tudo e levava aquilo ali muito a sério”, além de incentivar a filha a estudar:

“Lá onde eu estudava era um lugar baixo e se chovesse muito, enchia. Minha mãe fazia eu ir pra escola na enchente. Botava bota e ia lá. Aí chegava lá, ‘Não tem aula’. Porque a escola estava inundada. No ano seguinte minha mãe fazia de novo eu ir pra escola na enchente. Eu não podia faltar. É uma coisa que até hoje, se eu faltar, minha consciência dói. Se eu deixar meu filho faltar um dia, pra mim aquilo é um absurdo.” (Gabriela)

“As vezes [minha mãe] passava umas roupas pra uma pessoa, aí ela sempre mostrava ‘Viu? O filho dela é isso, o filho dela é aquilo, é engenheiro’ sempre falava assim: ‘Vocês têm que ser assim, não podem depender de homem, tem que estudar, tem que ter sua profissão’. Nunca falou ‘você tem que casar com uma pessoa que tenha dinheiro’. Nunca falou isso.” (Gabriela)

Apesar dos estímulos da mãe, Gabriela reconhece que os pais não podiam fazer muito mais:

“‘Tem que estudar, tem que ter sua profissão’. Ela [mãe] não sabia dizer o quê, coitada, ela não tinha muita instrução [...] Por isso que eu acho que a escola ficou devendo essa parte. Porque ela não tinha conhecimento nenhum, meu pai também não. Então, se a escola tivesse suprido essa parte, eu acho que eu fiquei batendo muita cabeça.” (Gabriela)

Ela acha que foi principalmente nesse ponto que a escola falhou, pois além da falta de incentivos, deveria orientar os alunos sobre perspectivas futuras. O sentimento de incapacidade, gerado principalmente durante o ensino médio, acompanhou sua vida desde então:

“Era uma coisa pra mim tão distante, de conseguir passar pra uma faculdade pública, porque eu carregava aquele sentimento ‘eu vim da escola pública, porque o ensino é precário, porque isso, porque aquilo’. Eu carregava aquilo tão forte que, mesmo quando eu fiz o simulado lá no curso [pré-vestibular], que eu fiquei entre as melhores (eu acho que eu fiquei em terceiro lugar), mesmo assim aquilo não me fazia acreditar que eu poderia passar. Eu pensei ‘se eu estou entre os três melhores só deve ter gente horrível aqui’.” (Gabriela)

Após os seis meses em que estudou no curso pré-vestibular, Gabriela não conseguiu aprovação em uma universidade pública, que era o seu interesse. Então foi trabalhar e se matriculou no curso de Letras em uma faculdade particular:

“Comecei a trabalhar com telemarketing e eu conseguia pagar com o dinheiro do ticket que eu recebia e vendia, eu conseguia pagar. Pra você ver que era barato. Eu conseguia pagar a mensalidade. Aí eu fiquei estudando, mas nunca foi uma coisa que eu acreditasse.” (Gabriela)

Gabriela escolheu esse curso de forma “aleatória”: como fazia curso de inglês, achava que iria gostar da faculdade de Letras, mas não foi isso que aconteceu. Ao final de três períodos, saiu da faculdade e ficou só trabalhando, e então engravidou. O sonho de Gabriela sempre foi estudar em uma faculdade de prestígio, renomada, “porque só assim eu sou alguém”. Ela lembra de uma amiga moradora da comunidade Cidade de Deus que conseguiu ter uma espécie de acompanhamento para estudar em uma escola pública reconhecida pela excelência (CEFET), ainda quando estava no ensino fundamental:

“Não sabia nem que essa escola existia. E eu, com quatorze anos, eu não tinha essa iniciativa, ‘o que eu posso fazer para também ir pra lá?’ Eu não tinha. Eu achava que ela ganhou na loteria. Acharam ela, que era muito dedicada – como eu era também nessa época – e por isso ela teve sorte e foi pra lá. Eu não achava que pudesse ser uma coisa que eu pudesse mudar, que eu pudesse ir lá e fazer.” (Gabriela)

Antes de fazer o curso pré-vestibular particular, Gabriela conta que havia tentado entrar em um curso pré-vestibular comunitário na comunidade, mas não conseguiu vaga, pois havia pessoas em piores condições:

“Quando o Gilson fez um ano, eu me inscrevi nesse pré [comunitário], já que agora eu era pobre o suficiente para entrar no pré, porque agora eu tinha um filho. Antes não. Eu era filha da minha mãe, que se esforçava e pagava as coisas. Com dezoito anos, eu tirei habilitação e andava com o carro do meu pai. Então, dentro da comunidade, isso era muito. Eu não era uma necessitada. Apesar de faltar muita instrução, de faltar um monte de coisa, mas se você for parar e comparar com o restante ali, eu não era. Eu era a ‘patricinha’ dentro da comunidade.” (Gabriela)

Gabriela lembra que no pré-vestibular comunitário, o discurso era bastante diferente do que ela havia escutado até então:

“Dentro do pré-vestibular, eu acho que teve meio que uma lavagem cerebral. Porque eles falavam justamente o contrário de tudo que eu já tinha escutado ‘Você é capaz, todo mundo é capaz!’. E como eu via muitos exemplos, de pessoas que tinham conseguido, aí eu achei ‘Claro que eu sou capaz! Todo mundo conseguiu!’.” (Gabriela)

“Eu fiz com fé, com um filhinho já no colo de um ano, que ele dormia e eu estudava. Eu tinha hora certinha. Eu acho que o lado bom que o Gilson me ajudou foi isso, ele tinha um ano, aí eu tinha que ficar com ele, acordar, fazer as coisas todas com ele. Aí Quando ele dormia, à tarde, eu falava, ‘É agora!’. Eu tinha aquele horário certinho pra estudar, então eu acabei me organizando de uma forma forçada. E eu estudei tanto que eu falei: ‘Esse ano eu vou passar pra onde eu quiser’. Eu já estudava com fé. E foi isso mesmo. Aconteceu que eu passei na UFF, na UERJ, na PUC⁷.” (Gabriela)

Todavia, passar para a PUC-Rio não trouxe somente alegrias, mas também preocupações. Ela diz ter sido um período difícil:

“Se, por um lado, aqui [Gardênia Azul] eu me sentia a rainha, lá [PUC-Rio] eu me sentia um cocô. Por eu ter filho, eu me sentia mais pobre e não tinha coragem de pedir as coisas para os meus pais: ‘Me dá dinheiro que eu quero comprar uma roupa, tô precisando de uma roupa’. Não, eu dependia do Fausto [...] Eu estava sem trabalhar e não tinha dinheiro para comprar roupas, essas coisas. E eu, com filho, fiz cartão de crédito na época, até estourou, porque eu não tinha nem como pagar, só para ter uma roupa para ir para a faculdade. Não quis nem saber se meu nome iria ficar sujo, mas tinha que ter roupa pra usar no dia a dia.” (Gabriela)

Gabriela já havia decidido fazer mestrado enquanto cursava a graduação, assim que apresentou sua monografia, que foi muito elogiada. Naquele momento, pensou ‘Vou fazer mestrado!’, sentimento esse que abriga em relação ao doutorado: ‘eu tenho quase certeza que eu volto’.

Considerando o estado da educação pública no Brasil, na atualidade, Gabriela tece as seguintes considerações:

“Se o que eu estudei já não era perfeito e já falavam pra mim, ‘você não vai ter isso porque você estudou no colégio público’. Se já me passavam essa ideia,

⁷ Universidade Federal Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

imagina hoje, que é muito pior. Na verdade, eu acho que isso é até errado. Acho que o certo era todo mundo botar o filho no colégio público e ir lá exigir um colégio bom. Eu acho que esse era o certo. [...] Todo mundo que é pobre, que é mais ou menos, que tem muita dificuldade para pagar uma escola, deveria colocar seus filhos numa escola pública e exigir que o ensino melhorasse, pra que tudo funcionasse como devesse. Agora, todo mundo mais ou menos paga uma escola particular. A escola pública, ela fica para as piores pessoas, pessoas mais ignorantes, com menos condições [...] Tende a piorar porque as pessoas não sabem nem questionar, não sabem nem se tá bom, se tá ruim. Deu uma mochila lá pro seu filho, tá recebendo Bolsa Família todo mês, ‘tá bom!’. A pessoa não vai nem questionar o ensino.” (Gabriela)

Para Gabriela, “a educação liberta as pessoas. Se é importante pra todo mundo, imagina pra quem já tá numa situação de desvantagem? Eu acho que é mais importante ainda”.

Fausto sempre estudou em escola particular, até o pai não poder mais pagar. A questão da educação parece ser um trauma na vida de Fausto, que sempre teve “uma dificuldade muito grande na escola”. Ele acredita que tinha algum tipo de problema:

“Só que, na época, minha mãe não detectava isso, e muito menos os professores, não eram muito estudadas essas doenças, não era tão esclarecido como hoje. Hoje é mais fácil, você tem fonoaudiólogo. Eu vim saber que existia fonoaudiólogo agora por causa do meu filho, e na nossa época não tinha essa informação. Até tinha, mas pra quem era mais instruído. A minha família não tinha essa instrução toda [...] Quando falaram que precisava me levar num neurologista, ela pensava que a professora estava me chamando de maluco, ela chamava a professora de maluca: ‘Meu filho não é maluco, tu que é maluca’. Minha mãe não aceitava. De repente, se ela tivesse aceitado fazer essas coisas...” (Fausto)

Ele conta que a irmã mais velha o incentivava a estudar e nesse momento se compara à esposa:

“Ela falava ‘tu vai sentir falta dos teus estudos’. Meu pai sempre soube que sou um zero à esquerda, ele não tinha aquele... Gabriela, se não falar nada, ela vai estudar. Eu? Me dê mil reais, que eu não vou querer estudar. É o gostar.” (Fausto)

Fausto estudou até a sétima série do ensino fundamental e parou porque tinha começado a trabalhar. Depois de muito tempo voltou e concluiu a oitava série em

uma escola particular que ele mesmo pagava, estudando no período da noite. Depois, ingressou em uma escola particular para fazer o ensino médio, concluiu até o segundo ano e largou os estudos. Novamente voltou para terminar o ensino médio, descobriu que a escola anterior tinha sido extinta, e por causa disso não conseguiu reaver a documentação que comprovava ter concluído o segundo ano. Fausto conta que recorreu ao MEC, mas não obteve sucesso. Pensou até em refazer o ensino médio, mas desistiu de vez de estudar. Em relação ao ensino público, Fausto fala com pesar:

“Infelizmente, pela educação que a gente tem hoje, do colégio público... Acho, na realidade, que quem tá mandando na pirâmide do nosso país, de governo, não quer o povo inteligente, não é vantagem pra eles terem as nossas crianças inteligentes pra lutar contra eles amanhã.” (Fausto)

Para Fausto, a realidade das crianças de colégio público é muito diferente, o “horizonte” é limitado e para o professor é “muito complexo” incentivar os alunos a irem mais longe nos estudos. Lamenta não ter terminado os estudos, mas admira a força de vontade de Gabriela para estudar. Para Fausto, essa força de vontade independe do tipo de escola.

“Não vejo que a criança que nasceu dentro de uma comunidade, que seja empecilho pra ela chegar e falar ‘eu não estudei por causa disso’. Não é mesmo. Eu acho que ela vai precisar ter uma força de vontade bem maior, vão aparecer várias dificuldades, ela vai ter mais dificuldades. Ela vai ter menos acesso, então a força de vontade dela tem que suprir isso tudo.” (Fausto)

Quando Gilson estava com idade escolar, a família enfrentava dificuldades financeiras. Dessa forma, a primeira opção foi uma escola pública próxima. Os pais fizeram inscrição para conseguir uma vaga. “Graças a Deus eu não fui chamada”, confessa Gabriela, que não queria que o filho estudasse em escola pública, pois não gostaria que ele passasse pelos mesmos problemas por que ela passou:

“Tem tanta gente pobre fazendo tanto esforço para pagar uma escola particular, que eu acho que esse não é o caminho, eu acho que essas pessoas têm que estar com o filho na escola pública, inclusive eu, tá com o filho na escola pública e estar lá reclamando disso, reclamando daquilo, para as coisas melhorarem. Só que você tem um filho, a vida não é tão longa assim, você não vai pagar esse

preço. Então, por isso, eu prefiro nem colocar. Mas eu não acho que isso seja o certo.” (Gabriela)

Gabriela passou então a pesquisar uma escola particular que coubesse no orçamento da família. Ela relutou em colocar o filho em uma escola dentro da comunidade onde mora, mesmo que fosse particular, pois desejava “algo melhor” para o filho. Entretanto, devido à proximidade da escola e à mensalidade caber no orçamento da família, eles decidiram colocá-lo em uma escola particular dentro da comunidade onde conseguiram um desconto:

“A gente passava uns apertos, porque nessas histórias que a gente morava lá na mãe dela era difícil para pagar, difícil, muito difícil mesmo, porque eu não estava trabalhando. Aí, muitas vezes a Gabriela trabalhava na lojinha da mãe dela e era com aquele dinheiro que a gente conseguia pagar.” (Fausto)

Gilson ficou nessa escola até o quarto ano, mas os pais estavam insatisfeitos, e buscaram outra escola particular. Resolveram colocá-lo em uma que havia sido aberta há pouco tempo na comunidade: Fausto lembra do quanto tiveram que desembolsar no momento da pré-matrícula:

“Gastamos um dinheirão, quase dois mil reais, compramos material e tudo, aí fizemos um embolo do caramba, compramos no cheque, compramos no cartão, compramos no dinheiro... Dei cheque parcelado, parcelamos no cartão em três vezes, no dia em que fomos pagar os livros passamos no cartão”. (Fausto)

Gilson foi aprovado no processo seletivo da escola, com bolsa integral. Gabriela lembra do que o filho disse no primeiro dia na escola: ‘Mãe, os meus amigos lá têm muito mais a ver comigo’. Atualmente, Gilson está no sétimo ano do ensino fundamental e estuda nesse colégio há dois anos. Gabriela destaca:

“Eu, conversando com uma menina daqui, perguntei o que ela queria fazer quando ela crescesse ‘Ah, quero trabalhar arrumando casa, igual a minha mãe’. Aí eu fico pensando que uma criança que pensa assim, qual o sentido que ela tem pra estudar? Qual a vontade que ela tem pra estudar? Nenhuma! Nenhuma, igual a ela tem muitas aí.” (Gabriela)

“Ele [Gilson] já consegue enxergar o futuro, o que vai fazer, as possibilidades [...] Eu acho que tem a ver, principalmente, comigo, que sou a mãe dele e falo as coisas pra ele. Eu acho que o resto é até consequência disso. Acho que o colégio também ajuda, por ele conhecer pessoas diferentes, com pensamentos diferentes, principalmente agora que ele foi pra essa escola mais longe. Não é que as pessoas de lá têm dinheiro, têm uma vida muito melhor que a minha, nem acho que seja isso, acho que as pessoas têm uma profissão. Os pais dos amigos dele daqui eram empregados domésticos, mesmo da escola particular, era subemprego. E os pais dos amigos de lá não, já são professores, advogados. Já têm profissão. Então eu acho que já é diferente.” (Gabriela)

Ela acha que o fato de o filho estudar em uma escola renomada e fora da comunidade o faz ser diferente e ansiar por coisas como *games*, viajar para o exterior e, sobretudo, sair da comunidade:

“Tem uma menina, que ele até gosta dela. Não sei se ainda gosta. E no começo, quando [o transporte escolar] pegava as meninas e passava para pegar ele aqui, ele morria de vergonha de morar aqui [...] Então elas viam que ele morava aqui. E ele tinha vergonha, ele falava [...] E na hora de voltar, a van levava a menina primeiro e depois ele vinha. Então ele via onde ela morava, que era um condomínio legal. Ele até chegou a falar: ‘Mãe, eu quero morar no condomínio tal’.” (Gabriela)

Gabriela e Fausto têm a mesma aspiração que o filho e tentam de alguma forma reconfortá-lo:

“Eu explico muito pra ele, que eu não quero ser escrava, do dinheiro, da vida... Não quero mesmo. Eu tenho pavor disso. Eu explico pra ele, que eu estou construindo, que eu tô fazendo isso pra gente ter uma independência financeira e a partir daí eu vou morar num lugar melhor, isso é uma coisa que é fato que vai acontecer, mas que a gente tem que ter paciência, que não adianta nada sair daqui e passar dificuldade e ter uma vida pior, uma qualidade de vida muito pior, só pra dizer ‘eu saí daqui’. Isso eu não quero.” (Gabriela)

O casal comenta que Gilson é alvo de “muita gozação” na escola. Gabriela relata um episódio em que dois alunos quebraram o celular dele no colégio, alegando que o celular “nunca prestou”, “porcaria”. Ela lembra que chegou a oferecer o celular dela para ele levar ao colégio, mas o filho não quis, por receio de passar vergonha novamente, já que o celular dos outros alunos é um iPhone. Apesar dos problemas,

Gilson não tem interesse de sair de lá. Os pais já lhe ofereceram essa possibilidade, mas ele não quis:

“Eu acho é que lá ele se encontrou, lá é a turma dele, os nerdzinhos com que ele gosta de conversar, a galera. Aqui não, aqui quando ele vinha da escola, a molecada ia jogar bola, ia correr e ele não, ele ia pra dentro de casa, para o computador. Lá não, lá a galera se interessa pelas mesmas coisas.” (Fausto)

Apesar de a família não pagar mensalidade, eles têm custo com transporte e material. Segundo Gabriela, se o filho perdesse a bolsa integral, eles só o manteriam na escola se fosse para pagar 50% do valor da mensalidade (em torno de 1.000 reais), pois acredita que há escolas melhores próximas pelo mesmo valor, ou até menos:

“Gilson chegou falando da aula de ciências dele, como é que foi a professora contando sobre a evolução das espécies. Tinha uma freira na porta porque a professora de ciências dava aula e falava ‘mas só que a gente não acredita nisso, por que a gente acredita no criacionismo’. Toda hora ela tinha que dar ênfase que eles acreditavam no criacionismo. Eu não acho isso certo. Principalmente em ter uma freira vigiando uma aula. Parece até ditadura pra mim. São coisas com que eu não concordo”. (Gabriela)

Gabriela deseja que o filho seja “financeiramente independente”, não importando a profissão que escolha, mas que ele “consiga viver satisfeito com aquilo que escolher”. Ela acha que ele irá ter sucesso profissional por estar estudando em uma escola particular, mas acredita que se fosse em uma instituição pública, talvez não:

“Eu acho que, por ele não ser disciplinado, por ele não ser uma criança que se encaixe nos padrões, a dificuldade ia ser muito maior. Quando você estuda numa escola pública, você pode empurrar com a barriga, estuda um pouquinho, passou. Eu acho que se você for disciplinado e correr atrás você vai conseguir as coisas; se você não for, isso não vai acontecer. Você vai ficar esperando a sorte de ter um filho que corra atrás e se esforce muito. Eu não conto, eu não gostaria de contar com isso, mas algumas pessoas têm a sorte, mas no caso dele acho que seria difícil.” (Gabriela)

“O que eu quero para o meu filho não é o que eu quis pra mim, não é o que eu tive, não quero pra ele isso. Quero que meu filho estude, se forme, não quero

que ele trabalhe com 13 anos, eu quero que ele fale inglês ou outra língua se puder, e se eu puder dar isso pra ele, eu não meço esforços para fazer isso [...] O que eu queria mesmo é que ele seguisse a mãe dele, que estudasse mesmo, se formar, mestrado, uma profissão maneira, não igual à minha.” (Fausto)

Para Gabriela, Gilson tem gosto apurado e, por isso, não se identifica com as crianças da comunidade. Ela acha que isso foi reforçado pela convivência com outras crianças do colégio atual, fora da comunidade.

4.2.12 Família Paiva

A família Paiva é constituída por Gisele, de 37 anos, Alberto, 42, e Bruno, de nove anos. A família mora na comunidade da Gardênia Azul, Zona Oeste do Rio de Janeiro. Gisele nasceu no estado do Piauí e veio para o Rio de Janeiro ainda pequena. Gisele é irmã de Gabriela, também entrevistada no presente estudo. Dessa forma, a história que envolve seus pais é semelhante. Gisele morou na comunidade Gardênia Azul até os 25 anos. Assim que se casou foi morar no bairro do Anil, na região de Jacarepaguá, e recentemente retornou para a comunidade.

“Pra mim no começo foi muito difícil, porque vou ser bem sincera com você, eu não gosto de comunidade. Lá era mais tranquilo, aqui é muito agitado, eu não me identifico com nada daqui, não fico na rua, não faço nada, foi muito sofrido no começo.” (Gisele)

Gisele conta que teve uma infância tranquila e diz que se relacionava bem com todos “eu falo com todo mundo, não sou esnobe”, mas confessa:

“Quando você é criança, você brinca com todo mundo. Depois você vai crescendo e vai começando a ver que não é aquilo ali que você quer, são diferentes as coisas, você começa a não gostar de frequentar os mesmos lugares, você tem outros pensamentos. Aqui tudo era voltado pra bagunça, então eu não me identificava. Minhas amizades todas eram fora daqui. Aí ficava difícil pra eu sair e voltar [a região da Gardênia Azul possui uma localização de difícil acesso]. Acho que nunca me identifiquei, mas hoje eu aceito na boa, mas falar ‘Nossa, como é bom! Eu não acho não.’” (Gisele)

Os pais de Gisele estudaram pouco: o pai foi até a quarta série do ensino fundamental e a mãe não estudou. Já a irmã é pós-graduada em Administração de Empresas.

“Meu pai, apesar de não ter estudado muito, é muito inteligente. Meu pai devora livros que é uma beleza, e é muito bom em matemática. Sempre ajudou, apesar de não ter ensino, foi até a quarta série se eu não me engano, mas é muito esperto. E minha mãe também, apesar de nunca ter ido à escola, eu acho a minha mãe muito esperta. Minha mãe não tinha base pra ensinar a gente, meu pai já sabia. Minha mãe, eu acho esperta por não ter estudado nada e pelo dia a dia, saber lidar com as coisas, mas o meu pai tinha mais base pra ensinar os trabalhos.” (Gisele)

Gisele conta que os pais sempre foram muito presentes em relação aos estudos dos filhos. Ela se refere a um curso que fez no Centro da Cidade do Rio de Janeiro, quando adolescente:

“Nas primeiras semanas, ele me levava até eu aprender. Um dia, ele sabia que eu não tinha tomado café, era a primeira semana mesmo. Eu estava ansiosa, não sei, acho que é até porque era o primeiro dia, se eu não me engano. Daqui a pouco, eu sentada na sala, meu pai abre a porta com um saco de lanche: ‘Filhinha você não tomou café’.” (Gisele)

Gisele e Alberto estão casados há dez anos e moram na casa dos pais de Gisele, na comunidade. Reformaram um “puxadinho”⁸ atrás da casa dos pais dela, onde antes morava a irmã com o marido e o filho.

Alberto nasceu e se criou no Largo do Anil, em Jacarepaguá, onde morou por 40 anos com os pais e mais dois irmãos e conviveu com muitos familiares, pois todos moravam em um mesmo terreno. Considera que sua infância foi “maravilhosa”. O pai, que completou o ensino fundamental, trabalhou com hotelaria até se aposentar, depois como comerciante. Já a mãe estudou até o quarto ano do ensino fundamental e era dona de casa. Os irmãos completaram o ensino médio. Alberto concluiu o ensino médio e hoje trabalha como agente patrimonial.

⁸ Extensão de edificação já existente, não planejada.

Gisele fez o ensino fundamental em escola pública localizada em um condomínio na região da Barra da Tijuca. Gisele afirma ter “as melhores recordações possíveis” da escola (“eu tenho contato com colegas até hoje, desde aquela época”). O ensino médio também foi feito em escola pública que oferecia curso técnico de turismo. O colégio era distante e, apesar de os professores serem bons, ela reclama do ensino que teve:

“Eu não tive base de Química, eu não tive base de Física. E, quando você é adolescente, você acaba não se preocupando. Eu estava numa fase que ‘Ah que bom, não tem Química! Tá sem professor? Bom!’ Eu não me preocupava muito com isso. Depois que eu comecei a ver, quando eu fui fazer um cursinho pré-vestibular, que eu não sabia nada, que eu não tinha base de nada.” (Gisele)

O sonho de Gisele era ser médica veterinária. Como não passou no vestibular, ela resolveu trabalhar. Já estagiava na área de Turismo, foi efetivada e decidiu fazer uma faculdade particular de Turismo:

“Eu acho que é uma área muito boa pra quem não tem raiz, é mais novo, ainda não tem família, porque você tem que tá bem disposto a isso, se você quer realmente crescer. Então, se fosse hoje, se eu tivesse mesmo cabeça, não faria. Não me arrependo, porque acho que a cultura que você adquire é pra vida toda. Hoje, eu me sinto meio frustrada por não estar na área, mas ao mesmo tempo eu sou muito presa ao meu filho, não tenho certa facilidade de largar ele e fazer uma coisa. Aí acabo não ficando feliz.” (Gisele)

Gisele começou a estudar em um campus de uma universidade privada na Zona Oeste do Rio de Janeiro, mas o curso nesse campus foi extinto. Restaram-lhe duas opções: estudar no campus situado na Zona Norte ou no da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. Ela optou pelo último, por ser próximo ao trabalho, na época, mas só ficou por uma semana:

“Porque eu cheguei lá era muita pirralhada. Eu optei por estudar lá de manhã, porque eu fiz um acordo no trabalho, que eu estendia o meu horário, devido ao engarrafamento, pra mim era melhor pegar mais tarde e sair mais tarde e estudar de manhã, só que quando eu cheguei lá era só pirralhada. Era um tal de sair pra fumar maconha.” (Gisele)

Gisele conta que, apesar dos esforços do pai e da mãe, ela não teve orientação sobre o que e como estudar:

“Minha mãe sempre falava, mas eu nunca tive orientação. Hoje em dia eu vejo que é assim, igual ao ensino médio, eu fui mais por ser levada, porque meus pais não tinham muito conhecimento das coisas, me incentivavam a estudar, mas eles não sabiam me orientar e a gente não tinha acesso à informática como tem hoje. Eu fui com umas amigas pra fazer inscrição, aí todo mundo falou vamos para a escola X. Aí eu fui levada para lá. Foi daí que eu falei, foi imaturidade a decisão. E o Curso Normal era por causa do uniforme, era bonitinho.” (Gisele)

“Eu acho que a gente tinha potencial pra mais coisa, poderia ter feito uma escola bem melhor, mas por falta de informação, de orientação... Eu sempre soube que era importante estudar, isso eu tinha, eu não tinha era orientação, eu não tinha quem pudesse me guiar, porque a gente é muito imaturo quando sai com 16 anos. Você sabe o quê da vida? Não sabe nada. Hoje em dia acho que é mais fácil, você tem muito acesso a internet, a informação disso e aquilo, mas antes não, você tinha que ir na escola fazer inscrição, fazer tudo. Não era nada pela internet, você não tinha informação de nada, você mesma tinha que ir. Então a mãe de uma amiga falava ‘Ah, vou lá fazer inscrição’. Então ia todo mundo, iam aqueles adolescentes. Você era meio que levado pelas coisas.” (Gisele)

Alberto fez o ensino fundamental em uma escola pública próxima da sua residência na época. Tem boas lembranças e mantém até hoje amizades com os colegas da escola e contatos com professores. Gostava das aulas de educação física e de praticar atletismo. Às vezes participava de competições com outras escolas. O ensino médio também foi em uma escola pública, mas Alberto só concluiu até o segundo ano, pois não conseguiu conciliar o serviço militar com os estudos. Ele gostaria de ter seguido a carreira militar, mas desistiu, pois não estava disposto a mudar de Estado. Trabalhou por um tempo no exército e depois em outros serviços. Já os estudos, “por desleixo”, não concluiu. Decidiu então voltar a estudar e refazer todo o ensino médio “porque tinha parado já há alguns anos”. Ele fez o ensino médio técnico de agente patrimonial em uma escola particular, que conheceu a escola por indicação de amigos, já que “estava com uma condição melhor” e não havia gostado do ensino médio na escola pública.

Alberto não se recorda de alguém ter mencionado, durante sua infância, a importância da educação, nem mesmo os pais:

“Não era muito intensa não, era aquela coisa de mais minha mãe ir às reuniões que sempre tinha todo bimestre, mas não era presente na escola mesmo, porque ela tinha pouco estudo, não tinha base nenhuma para poder ter essa presença toda em escola, ensinando. Não era tão presente não. [...] Não me cobrava tanto, como eu hoje cobro o meu filho: tem que chegar em casa, estudar, fazer o dever de casa, ver se tá feito. Deixavam mais por minha conta mesmo.” (Alberto)

Questionados sobre o que acham da educação, Alberto e Gisele comentam que:

“Eu acho que é a única porta para ter um futuro melhor, educação não só estudantil, mas educação em geral, a criação dos pais, a pessoa de repente não tem uma formação acadêmica grande, mas teve uma excelente criação e vai se tornar uma pessoa de bem. Porque, em comunidade, se a pessoa quiser ir para o lado ruim, ela tem um leque vasto de oportunidades de se bandear para o lado ruim, mas quem tem uma criação boa vai optar sempre pelo lado certo.” (Alberto)

“Pra mim educação é tudo, você conhece uma pessoa que estudou só pela forma da pessoa se portar. É diferente. Aqui temos todos os tipos de amigos, aqui tem uma concentração muito grande de gente que fez faculdade, tem nível superior, muito grande mesmo, mas eu tenho amigas que não estudaram nada e hoje em dia são empregadas domésticas. Não desmerecendo nada, mas uma pessoa que teve a mesma oportunidade que você, que poderia ter estudado e fala errado, aí você pensa: ‘Gente!’. Você começa a se distanciar, não é que você não quer ficar próximo, você começa a ver a diferença, em como é que a educação vale a pena, como é que é importante estudar, o teu jeito de se portar perante tudo. É diferente, educação é a base de tudo, você pode até não ter dinheiro, mas se você tiver educação muda tudo.” (Gisele)

Com relação às escolas públicas, Gisele e Alberto comungam uma visão bastante negativa:

“Eu acho que, quando um pai paga uma escola, geralmente é um pai que se preocupa com educação, já quer uma coisa melhor, fica mais atento ao filho. Não que na escola pública não tenha. Eu vim de escola pública, minha vida toda foi em escola pública, minha mãe sempre se preocupou comigo, mas a concentração é muito maior de crianças largadas, em que os pais não estão nem aí.” (Gisele)

“Na escola particular já é um pouco diferente, quando o professor fica doente, tem alguém pra substituir, tem um auxiliar, a criança não vai ficar sem aula por conta do professor que tá doente. E aqui tem criança que por quatro, cinco dias não tem aula, ‘Ah minha professora ficou doente, não tem substituto’. Sem contar o conteúdo, você olha de uma criança [de escola pública], não escreve praticamente nada no caderno, não tem nada. Vai pra escola fazer o quê? Não tem nada. Isso me preocupa. A escola pública é um verdadeiro caos, fracasso, não vejo nenhum futuro para uma criança que esteja estudando em uma escola pública. Greve o tempo todo, falta de professores. Ensino muito fraco, então eu tenho que me sacrificar mais para poder dar uma condição melhor pro meu filho.” (Alberto)

“Quem vive no Rio de Janeiro sabe o caos que é o ensino público. Então, por mais que a pessoa seja leiga, ela sabe que uma escola particular tem muito mais condições de ensino hoje em dia do que uma pública. Antigamente, a pública, na minha época, era muito bom o ensino. A minha base toda é ensino público e tenho certeza que eu tive uma ótima base.” (Alberto)

“Deveria significar excelência, porque é uma coisa que o Estado está patrocinando, professores concursados, teria que ter uma base excelente, mas pra mim significa total desleixo do Estado, do poder público hoje. Uma criança não tem perspectiva nenhuma, estudando em colégio público de almejar uma coisa futuramente melhor.” (Alberto)

Bruno sempre estudou em escola particular, desde os três anos de idade. Os pais dividem a mensalidade da escola. Alberto e Gisele nunca tiveram interesse em colocar o filho em escola pública. A primeira escola em que Bruno estudou foi escolhida por ser próxima da residência da família, no Anil. Com a mudança da família para a comunidade Gardênia Azul, Bruno foi estudar em uma escola particular muito bem conceituada na comunidade. Os pais estão muito satisfeitos e falam que a escola é muito “puxada”, “ensina a criança a pensar”. Muitas vezes, a mãe tem que estudar a matéria antes de auxiliar o filho na lição de casa, pois não se lembra ou não sabe o conteúdo.

Alberto acha que atividades extras “engrandecem o currículo” do filho. Entretanto, reconhece que Bruno já tem muitas atividades, já que, além da escola, tem aulas de judô. Ainda assim, Alberto faz planos de novas atividades para o filho:

“Ele estuda língua na escola também, mas eu com certeza vou matricular ele num curso de inglês, numa coisa mais forte, mas é uma coisa mais pra frente, quando fizer uns 13, 14 anos, pra ter mais entendimento.” (Alberto)

Também é um forte desejo da mãe que o filho estude inglês. Bruno está na escola atual há três meses. Os pais resolveram matriculá-lo, pois ouviram que se tratava de uma boa escola:

“Tá sendo muito mais exigido na escola, tem trabalho de casa, planilha de estudo bem mais forte do que ele tinha, do que ele conhecia na outra escola, mas ele está gostando, tá se adaptando bem, as notas estão sendo boas nos testes.” (Alberto)

Sobre a questão financeira em relação aos estudos:

“Eu não costumo fazer nada que eu saiba que eu não vou cumprir, então eu me planejei bem para justamente não ter que passar sufoco para manter ele na escola. Mas num caso extremo de desemprego, de uma falta de dinheiro, a única alternativa seria colocá-lo numa escola pública. Eu não vou fazer nada de errado para mantê-lo na escola, mas enquanto eu tiver condições de trabalho, com certeza, eu vou abrir mão até de conforto pessoal para mantê-lo na escola particular.” (Alberto)

Com relação às amizades do filho, o casal também o considera bastante seletivo, preferindo as amizades de fora da comunidade:

“A gente mora aqui há pouco tempo, então eu sinto, eu noto uma diferença no comportamento. Ele não é muito de ficar na rua, praticamente não fica, não brinca com criança na rua. Na nossa outra casa, onde a gente morava [Anil] ele era bem mais relacionado, brincava, tinha momentos de lazer, coisas que aqui onde moro atualmente eu vejo que não existe, mas devido ao pouco tempo de moradia talvez. Eu não faço objeção nenhuma em relação a isso, mas é dele mesmo ficar em casa, gosta de informática, gosta de computador. Então, eu não vejo isso como ele não gostar de brincar na rua, ele prefere brincar em casa. [...] A maioria dos amiguinhos dele é de fora, de onde a gente morou lá nove anos, então a grande maioria dos amiguinhos dele são de lá. Mas ele tem aqui conhecidos, primos, que convivem com ele, mas amigo, amigo mesmo ele não tem, só alguns que frequentam a mesma escola que ele, que tá começando a frequentar aqui em casa, mas não tem um número grande não.” (Alberto)

Gisele dá “graças a Deus” pelo filho não gostar de brincar pelas ruas da comunidade e explica sua preocupação:

“Porque ele é muito danado, eu tenho medo que ele conheça crianças piores do que ele e aprenda certas coisas, aí eu fico um pouco receosa. [...] Eu não falo pra discriminar ninguém, até procuro fazer com que ele não perceba esse meu receio, mas se ele se misturar, ele fica igualzinho, começa a se enturmar, ficar em esquina, então eu não quero isso pra ele. Minha preocupação é essa, não é porque mora na favela ou não. Porque acho que as crianças não têm muita base, acham que a vida é só bagunça.” (Gisele)

Tanto Gisele quanto Alberto têm expectativas quanto ao futuro do filho. Alberto acha que o filho não terá o futuro que deseja para ele caso estude em uma escola pública: “por falta de opção se tivesse que estudar em colégio público, eu acho que a criação valeria tanto quanto o estudo, mas eu acho que a formação acadêmica dele ia ficar muito prejudicada, isso aí eu tenho certeza absoluta”. Já Gisele quer que ele se torne engenheiro: “Eu vou lutar pra isso. Vou botar isso na cabeça dele”. Por fim, os pais se preocupam e desejam que o filho estude, para que tenha um futuro melhor:

“Eu espero o melhor possível, me sacrifico um pouco por isso. Espero que ele estude muito, escolha uma profissão que ele vá gostar. E eu vou apoiar sempre, enquanto eu puder, que ele estude sempre, se forme para poder ter uma condição de vida melhor.” (Alberto)

4.2.13 Família Nascimento

A família Nascimento é constituída por Elisabete, 35 anos, Joaquim, 40, e Miguel, de cinco anos. A família mora na comunidade da Gardênia Azul na cidade do Rio de Janeiro.

Elisabete nasceu no estado do Piauí e vem de uma família humilde. Os pais não estudaram e eram trabalhadores da roça. Ela morou com a mãe e os irmãos até os cinco anos. Depois foi morar com uma tia na cidade de Teresina. Em relação à infância, Elisabete lembra que “não tinha muito o que fazer, a gente não estudava, até os cinco anos eu praticamente não estudei, depois dos cinco que eu fui pra cidade, aí que eu fui começar a estudar”. Pelo fato de morar na cidade, a tia tinha condições

melhores do que os pais de Elisabete. Além disso, os pais de Elisabete estavam separados e os filhos “eram muitas crianças” para a mãe cuidar. Elisabete ajudava a tia com os afazeres domésticos e a tia lhe proporcionava moradia e alimentação.

“Eu às vezes sentia falta de pai e mãe, que não tive convivência. Meus pais moravam no interior, mas eu sabia que eles não podiam... Eu não tinha como ficar muito com eles, porque minha mãe tinha muitos filhos, necessidade da roça, então eu cresci sem cuidado dos outros.” (Elisabete)

Durante a adolescência, Elisabete fazia alguns trabalhos em troca de acesso a certos bens desejados (“eu não recebia, então eu fazia favores pra poder ganhar uma coisa, uma roupa”). A irmã, que já estava no Rio de Janeiro trabalhando, vendo Elisabete nessa situação, buscou-a para trabalhar como doméstica no Rio de Janeiro. Depois de alguns anos, Elisabete e a irmã alugaram uma casa na comunidade do Rio das Pedras para passar os finais de semana. Hoje Elisabete trabalha como doméstica na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro.

Joaquim é do interior da Paraíba. Perdeu o pai muito cedo: “Eu nem cheguei a conhecer meu pai, não o suficiente porque ele trabalhava fora, então eu tinha cinco anos e ele faleceu, eu fiquei sabendo. É a lembrança que eu tenho: com cinco anos de idade eu já não tinha pai.”

O pai trabalhava na capital, João Pessoa, mas Joaquim não soube dizer em quê. Com a morte do pai, ficaram ele, a mãe e um irmão mais velho, vivendo de uma pensão deixada pelo pai. Tempos depois, a mãe se casou novamente e Joaquim ganhou mais três irmãos. Começou a trabalhar com nove anos de idade: “eu comecei a trabalhar pra mim mesmo, tudo que eu tinha, era eu quem comprava”. Com 17 anos veio para o Rio de Janeiro. O irmão mais velho já trabalhava no Rio de Janeiro e havia lhe arranjado um emprego: “ficou minha mãe lá com os três pequenos, aí a gente ficou trabalhando aqui para ajudar ela”. Joaquim trabalhava como caseiro durante o dia e à noite dormia no emprego do irmão.

Elisabete e Joaquim estão juntos há 16 anos. Antes de morar na Gardênia Azul, Elisabete morou na comunidade do Rio das Pedras e Joaquim na comunidade da Tijuquinha. O casal fixou residência inicialmente na comunidade de Rio das Pedras,

comprando em seguida uma casa na comunidade da Gardênia Azul, onde residem há 10 anos.

No Piauí, Elisângela estudou até a quarta série do ensino fundamental, enfrentando muitas dificuldades: “nunca tinha estudado direito, então sempre tinha aquela repetição de séries porque eu não tinha estudo”. No Rio de Janeiro, Elisabete e a irmã retomaram os estudos. Elisabete cursou à noite uma escola pública, localizada em um condomínio na Barra da Tijuca, onde concluiu o ensino fundamental. Tendo-se mudado para a comunidade Gardênia Azul, iniciou o ensino médio em uma escola pública no bairro da Freguesia. Elisabete conta que, devido ao cansaço, não chegou a concluir nem o primeiro ano do ensino médio.

No entanto, ela afirma que sempre gostou de estudar, mas que nunca recebeu incentivos para isso. Arrepende-se de não ter continuado os estudos, porque estaria mais capacitada a ajudar o filho: “tem muitas coisas que ele vai precisar da minha ajuda, ele vai crescer e vai ter coisas que eu não vou saber ensinar”.

Quanto à educação pública, Elisabete tem uma sobrinha como referência:

“Ela sempre estudou [em escola pública] e é uma boa aluna. Eu acho que depende de cada aluno, de cada criança. Pode estar na escola particular e pode desenvolver e o outro que está na escola pública também pode desenvolver muito bem.” (Elisabete)

Entretanto, considera haver diferenças entre a escola pública e a privada: “é um pouco diferente só em relação àqueles cuidados maiores com a criança. Eles têm também, eu percebo que têm. Mas acho que porque a gente paga, eles querem mostrar muita coisa”.

Para Elisabete, educação “representa muita coisa, porque é onde você consegue um futuro melhor, um trabalho bom. Eu não tive um estudo para ter um trabalho melhor. Queria ter tido”. Ela se orgulha muito do filho, “uma criança que gosta de estudar, ama ir para a escola”. Elisabete considera o filho “muito esperto”, surpreendendo-se às vezes com ele:

“Mãe, meu pai não tem nenhum carro’. Eu falei: ‘Não, seu pai não tem carro, seu pai não tirou uma carteira’. E ele: ‘Ah tá, mãe, mas quando eu crescer eu vou tirar’. Eu falei: ‘Então você estude’. Aí ele: ‘Ah, mas eu tô estudando pra

isso! Eu tô estudando, quando eu crescer, eu vou estudar e vou tirar carteira, pra eu ter meu carro.’ Desse tamanho! A gente estava conversando. Tem horas que ele conversa umas coisas que eu fico perdida.” (Elisabete)

Durante a infância na Paraíba, Joaquim estudou até os nove anos de idade: “tive que ir trabalhar, arrumei um emprego na mercearia”. Dessa forma, só concluiu o segundo ano do ensino fundamental, pois à noite não havia escola para sua idade. No Rio de Janeiro, Joaquim tentou retomar os estudos, mas teve que enfrentar muitos empecilhos. Primeiramente, como dormia no emprego do irmão, tinha hora para chegar, não podia chegar muito tarde. Dessa forma, não era possível estudar à noite, único horário que tinha livre. Só conseguiu voltar aos estudos, quando passou a morar na casa em que trabalhava. Joaquim ouvia muito do patrão: “você tem que voltar a estudar”. Mas as dificuldades eram muitas:

“O trabalho exigia muito, eu tinha que 17 horas estar pronto para sair de casa para ir pra Freguesia. Nessa época, também a condução, era tudo mais difícil, mais do que hoje. Então eu tinha que sair cedo para chegar na escola ao mais tardar 18:30 porque tinha que entrar até as 19 horas.” (Joaquim)

Joaquim foi perdendo às aulas e aos poucos foi desistindo, só completando o ensino fundamental:

“Eu acho chato, porque eu tenho o Miguel que agora tá crescendo e tá precisando. Às vezes ele quer fazer perguntas e eu vou tentar falar, responder pra ele. Ou ele pede para ler uma historinha, aí eu vou tentar ler mais ou menos e aí me enrolo nas palavras. Isso acaba confundindo ele, no lugar de ajudar, eu tô atrapalhando. Então eu deixo a mãe que, pelo menos, sabe ler mais do que eu e é ela quem cuida desse assunto.” (Joaquim)

Para Joaquim, a educação é muito importante. Ele desabafa:

“Sem o estudo você não vai a lugar nenhum; você, com estudo, vai pra tudo que é lugar. Eu tiro por mim mesmo, se eu tivesse um estudo mais, eu teria um emprego melhor [...] Faz falta, faz falta muito grande. Eu me arrependo disso, de eu não ter estudado, mas não foi porque eu não quis, foi a história de vida. Eu tive que trabalhar, com nove anos de idade eu tive que trabalhar pra mim mesmo, porque minha mãe não tinha condições de me sustentar [...] A dificuldade toda minha dos estudos, foi essa. E não é o querer, querer até

queria, mas o trabalho também não promoveu isso [...] Hoje eu tenho Miguel e não quero que ele passe por isso.” (Joaquim)

Elisabete tentou colocar o filho em uma creche pública, até mesmo fora da comunidade onde moram. Entretanto, não conseguiu vaga e durante esse período, Miguel ficava com uma vizinha, já que os pais trabalhavam fora. Aos dois anos de idade, Elisabete e Joaquim decidiram colocá-lo em uma creche particular localizada na comunidade por recomendação do pediatra, pois Miguel era “preguiçoso para falar”, precisava interagir com outras crianças. A proximidade da creche com a residência contou muito na decisão:

“Essa escola é no bairro mesmo [...] Pelo menos, ele estudando no bairro, se eu tiver longe, alguém vai ligar, tem uma pessoa mais próxima pra tá ali, ajudar ele até eu chegar. Eu tinha medo realmente da insegurança. Porque aqui no bairro praticamente não tem uma escola pro tamanho dele, é tudo pra fora, não tem. [...] Acabei escolhendo a escola particular porque eu acabei ficando mais segura em relação de eu ter o horário, para ter uma pessoa para deixar no horário certo. Eu me preocupava dele sair pra longe, nessas conduções, e ele é muito pequeno.” (Elisabete)

Joaquim relata que a escola é cara “mas foi a opção que a gente tinha”, ou seja, não havia uma creche-escola pública próxima. O filho só ficou até os quatro anos de idade, pois os pais não estavam satisfeitos com a escola:

“A escola começou a ficar um pouco bagunçada, na verdade. Eu estava percebendo que muitas coisas estavam erradas, as crianças, não se percebia o desenvolvimento, ele não sabia pegar no lápis direito. E eu falava e ninguém dava muita atenção pra mim.” (Elisabete)

No último ano, Miguel foi estudar em outra escola particular muito bem conceituada na comunidade. Essa escola era bem mais cara do que a anterior. Elisabete conversou com a dona do colégio e conseguiu um desconto. Elisabete observa que, se houvesse uma escola pública na região, que ela conhecesse e que fosse boa, matricularia Miguel lá. No entanto seu maior receio é quanto a greves.

Além da escola, Elisabete e Joaquim pagam plano de saúde e uma pessoa para ficar com o filho na parte da manhã. Joaquim diz que, quando o filho tiver 10 anos, pretendem colocá-lo em uma escola pública, mesmo que seja longe de casa:

“Quando ele tiver um pouco maior, um pouco mais independente, se ele puder se deslocar sozinho e saber ir e saber voltar, aí eu quero botar ele numa escola pública. Porque desaperta um pouco e aí dá pra gente fazer outras coisas. A gente quer fazer outras coisas, melhorar ou tentar juntar dinheiro, poder comprar uma casa maior, um quarto maior pra ele, pra ele próprio, porque ele já tá crescendo e ele vai dormir e ele tem que ter o quarto dele, então isso já ajuda muito.” (Joaquim)

Sobre o futuro do Miguel, Joaquim espera “que o futuro dele seja melhor do que o meu, que ele estude para arrumar um trabalho muito melhor, pra ter a vida dele independente, mas com uma condição melhor do que a minha e o estudo muito bom. A gente tá fazendo o possível pra ele estudar.”.

4.2.14 Família Lima

A família Lima é constituída por Emília, 41 anos e uma filha, Isabela, de três anos. Emília é mãe solteira e mora com a filha na comunidade da Gardênia Azul na Zona Oeste do Rio de Janeiro.

Emília trabalha como empregada doméstica na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro e como diarista nos fins de semana. Ela é do interior do estado de Minas Gerais, de uma família grande, com sete irmãos. Os pais de Emília estudaram muito pouco, ela acha que são analfabetos.

Em relação aos irmãos, somente um irmão de Emília “tem mais estudo”. Ele não chegou a fazer faculdade, mas fez alguns cursos. Ela traduz o sucesso do irmão como se segue: “ele tá bem de vida. Lá em Valadares, é vida de quem tem dinheiro, tem empregada... A casa deles é uma mansão”.

Emília conta que a infância foi “um pouquinho ruim”, marcada por dois grandes acontecimentos: a separação dos pais, que depois voltaram a viver juntos, e um período de doença do pai, em que a família passou fome. A situação só melhorou quando as irmãs vieram para o Rio de Janeiro. “As coisas foram ficando mais

diferentes e mais confortáveis [...] até então a gente não tinha televisão, a gente não tinha geladeira [...] Eu lembro da primeira geladeira que a minha irmã comprou, a primeira televisão que a outra irmã comprou”.

Quando Emília veio para o Rio de Janeiro, as irmãs já haviam conseguido uma casa de família, no bairro do Leblon, para ela trabalhar e morar, onde ficou por 15 anos. Nos finais de semana, Emília costumava ir para a casa de amigas, que conheceu no colégio, e que moravam na Gardênia Azul: “eu vinha na sexta, às vezes voltava no sábado, eu vinha para dançar, me divertir também”. Emília e a irmã compraram um terreno na comunidade e construíram uma casa, em que moram há 11 anos.

Em Minas, Emília havia estudado até a terceira série do ensino fundamental. Quando se estabeleceu no Rio de Janeiro, decidiu voltar a estudar por influência das amizades: “As meninas estudavam, eu achava interessante [...] Trabalhavam de doméstica também, fiz amizade com elas e aí eu resolvi entrar no colégio”. Emília lembra que apesar de a patroa ser professora, ela não colaborava com seus esforços para estudar e criava alguns “obstáculos” para que não fosse à escola:

“No começo, ela começou a encencar. Quando eu ia sair de casa naquela hora, eu deixava as coisas prontas... Mas eu tinha que servir o jantar, esses tipos de coisa. Deixar o jantar já pronto, a mesa já posta, eu saía e deixava as coisas tudo no eixo. Tomava meu banho e ó [estalar dos dedos]. E quando voltava, eu lavava a louça e guardava. Aí ela começou a fingir dar força.” (Emília)

Dessa forma, Emília fez o supletivo em uma escola católica tradicional, o Colégio Santo Agostinho, na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro que, à noite, oferecia programas de educação para jovens e adultos. Resolveu retornar os estudos do início, pois fazia tempos que não estudava e queria começar “desde lá de baixo”. Completou o ginásio nessa escola, de que fala com muito entusiasmo:

“Estudei até a oitava série, porque lá só ia até a oitava. Se tivesse mais eu tinha ficado, porque o horário era legal, os professores eram maravilhosos, as amigas que eu tinha, que eu fiz lá, permanecem até hoje. Era um ambiente muito legal, muito legal mesmo.” (Emília)

“O que eu lembro do Santo Agostinho? Santo Agostinho, nossa, foi o máximo na minha vida [...] Nossa, foi tudo, nossa! Puxa! Eu não tenho nem palavras

para descrever lá. O Santo Agostinho na minha vida foi tudo, a partir do momento que eu entrei ali, professores, muitas amizades. Os professores saíam com a gente pros lugares, era na sexta-feira, era uma amizade, você tinha que ver, maravilha, nossa!” (Emília)

Em seguida foi fazer o ensino médio em um colégio público, localizado no bairro do Jardim Botânico. Emília lembra que nesse colégio achou tudo mais difícil. Além disso, nesse período casou-se e foi morar na comunidade Gardênia Azul, que era muito distante. A verdade é que Emília não se identificou com o colégio: “era uma turma mais de adolescentes, nada a ver, e eu era a mais velha, uma das mais velhas. Se tivesse continuado lá no Santo Agostinho, o ensino médio eu tinha feito todinho”. Emília só completou o primeiro ano do ensino médio. Emília revela que a relação dos pais com a escola era diferente dos dias atuais:

“Hoje em dia, a Isabela tem três anos. Mesmo que eu chegue atrasada na reunião, eu chamo a professora no canto, a professora vai conversar comigo, é diferente o empenho, você quer saber do seu filho. Naquela época, não havia muito interesse, eu não sei também se é por causa que os meus pais não tiveram estudo. E também morava naquela cidadezinha, pode ser também que pelo fato de eu vir pro Rio eu tenha outra cabeça, é outro mundo.” (Emília)

Emília já cogitou se mudar para Minas definitivamente, mas pensou na filha. Ela acha que no Rio de Janeiro a filha terá “mais possibilidades de ser alguém”, pois “tem muitas portas, muitos trabalhos, muitas coisas”.

Em relação ao ensino público, acha que há muito desinteresse “um dia tem aula, amanhã não vai ter”. Percebe diferenças entre a filha, que estuda em escola particular, e outras crianças que estudam em escola pública:

“Um dia, eu estava conversando com uma mãe que tem os filhos no colégio público e ela me falou que as crianças não sabiam letras, não sabiam muita coisa não, e a Isabela conhece as letras. Você sai com a Isabela, a Isabela conhece as cores. Apesar de que eu não sei muito se uma criança de três anos conhece muita coisa, porque ela é minha primeira filha, mas eu acho que a Isabela tá muito desenvolvida. Eu saio com ela e ela vê as placas de anúncio, ela fala todas as letras pra mim.” (Emília)

Emília refere-se à filha como um projeto de vida. Ela afirma que, quando decidiu ter Isabela, já tinha a certeza de não querer estar com o pai dela, só queria uma filha. Foi mãe aos 38 anos e reitera que Isabela é tudo o que ela quis na vida. Por isso se esforça e se esforçará para lhe proporcionar o melhor.

Isabela estuda, desde bebê, em uma creche particular localizada na Gardênia Azul. A instituição oferece maternal, creche e escola. Emília decidiu colocar a filha lá porque “eu acho que trata melhor do que os outros”. Até tentou uma creche pública, mas não havia vaga. Entretanto, confessa que ficaria em dúvida em tirar ou não a filha da atual escola particular, pois “Isabela foi tudo que eu busquei na minha vida e Deus realizou esse sonho meu”. Emília interage bastante com as professoras do colégio, inclusive liga durante o dia para saber como a filha está:

“Eu acho que se eu botasse numa creche pública, eu não poderia fazer esses tipos de cobrança, acho que elas não iam me dar muita atenção. Acho que, quando você paga, você tem outro tratamento. Tudo que você paga, até em relação a saúde, é totalmente diferente o tratamento”. (Emília)

O pai de Isabela achava que a filha deveria estudar em escola pública, e Emília acredita que seja por causa do dinheiro. Ela cita que o dinheiro que o pai dá mensalmente “é muito pouco”, cobrindo menos da metade da mensalidade. Além disso, Emília paga plano de saúde e tem gastos com alimentação e vestuário. A atual patroa dá muito apoio para que Isabela permaneça na escola particular: “ela fala que as amigas são diferentes, o tratamento”. Emília relata como se decidiu pela escola atual:

“Querida aqui mesmo na Gardênia. E lá elas me mostraram o ambiente, era muito legal, muito arejado, elas me mostraram segurança pra eu botar minha filhinha lá. Aí que eu fiquei nela e estamos até hoje, graças a Deus. A Tia Iara [dona da creche] na nossa vida é tudo.” (Emília)

Isabela ainda faz balé no colégio. Emília pretende colocar a filha na natação e também pagar um curso de inglês, “porque o inglês, acho que abre bastante portas”. Deseja que a filha faça uma faculdade no futuro. Apesar de gostar da área médica, não se importa com o curso superior que a filha irá escolher, desde que o faça.

Acredita que a escola particular irá permitir à filha “ter base” para que no futuro ela consiga as “coisas públicas”:

“E o que eu puder segurar ela no colégio particular, eu vou. Só se eu não puder mesmo, porque depois fica um pouco mais difícil, os materiais são muito caros, aí vem a mensalidade, muitas coisas, então não sei, uma faculdade também é muito cara, aí por isso que a gente fica um pouco barrada, vamos ver se a gente consegue um público, uma faculdade pública.” (Emília)

Emília menciona como a infância da sua filha é diferente da que teve:

“... as coisas de graça, os pais te dão isso, te dão aquilo, eu nunca tive isso. Para mim, as coisas sempre foram muito trabalhar e conseguir. [...] Como eu estava falando com a minha irmã. A Isabela vai pra uma loja, ela pode escolher o brinquedo que ela quiser. [...] Nós éramos seis meninas, então, pra gente ter uma boneca de cabelo era muito complicado. As bonecas de cabelo, na época, eram muito mais caras. Hoje em dia é uma boneca que fala, uma boneca que anda, uma boneca que dança, e dá pra você comprar.” (Emília)

4.3 Principais temas identificados

Dois perfis se destacaram no conjunto de entrevistas realizadas: aqueles que estudaram e que tiveram o pai e/ou a mãe orientando e insistindo na educação e aqueles que não estudaram e atualmente reconhecem a importância da educação. Seja pela orientação familiar ou pelas dificuldades na vida adulta decorrentes da falta de mais anos de estudo, todos os pais entrevistados para este estudo reconhecem que a educação é importante e, por conta disso, veem o investimento na educação privada dos filhos como forma de proporcionar maiores oportunidades e uma vida diferente da que tiveram.

4.3.1 Projeção versus Reprodução

Identificou-se, no discurso dos entrevistados, tanto o desejo de se projetar nos filhos e assim obter aquilo de que não dispuseram na infância, como uma busca de

reproduzir, ao menos em parte, sua própria história de vida em relação às lembranças positivas.

4.3.1.1 Projeção

Os entrevistados nasceram e foram criados em famílias onde a lógica da escassez predominava. Tiveram infâncias difíceis, muitos conviveram (e alguns ainda convivem) com a violência do tráfico, estudaram em escolas públicas, e boa parte não completou a trajetória escolar até o fim do ensino médio. Em linha com a perspectiva de Bourdieu, o risco de prolongar os estudos era alto, face à necessidade de ingresso no mercado de trabalho, de modo a assim poder contribuir com o orçamento familiar. Além disso, o grau de escolaridade dos pais dos participantes da pesquisa era ainda menor; muitos sequer chegaram a terminar os anos iniciais do ensino fundamental. Apenas três (o pai de Túlio, o de Karla e o de Fausto) concluíram o ensino médio, sendo este o maior nível educacional dos avós no presente estudo. Grande parte das mães dos entrevistados não trabalhava fora de casa. Conseqüentemente, vários entrevistados abandonaram os estudos para ingressar precocemente no mercado de trabalho. E perceberam tarde, já no mercado de trabalho, a falta de maior escolaridade na busca por melhores oportunidades de emprego.

É possível perceber, nos relatos dos sujeitos da pesquisa, uma ânsia por proporcionar aos filhos as oportunidades que lhes foram negadas. A princípio, na superfície dos relatos, poderia parecer apenas isso, mas é possível que a motivação de investir na educação dos filhos se revista de uma tentativa de reviver o passado, e, em alguns casos, até mesmo de se redimirem de seus próprios “erros”, ou superar seus fracassos. Muitas vezes ressentidos com a falta de incentivo ou valorização dos seus próprios pais à educação – embora conscientes de que isso era fruto de uma situação financeira difícil aliada à falta de instrução dos pais – procuram projetar nos filhos os sonhos associados a reconstruir um passado perdido.

Por exemplo, na família Silva, as duas crianças estudam em escolas particulares. Os pais de Carlos estudaram até o primário apenas e sua infância foi marcada por carência material muito grande, já que os rendimentos do pai, cozinheiro, sustentavam uma família de cinco irmãos. Carlos reconhece que foi “um

aluno bagunceiro”, “um aluno contra a escola”, e confessa sentir vergonha e até se esconder de antigos colegas, “porque se tem a imagem de bagunceiro, sempre aprontando, nunca querendo estudar”. Essa mágoa de Carlos é ainda maior porque hoje ele enxerga que poderia ter ido mais longe na carreira se tivesse levado os estudos mais a sério: “eu me cobro muito, [...] porque eu poderia ir mais [para cima] no meu trabalho, [...] as oportunidades, elas aparecem muito clara para todos, só que só vão ser agarradas por quem estiver preparado”. Ele atribui parte de seu insucesso acadêmico à falta de acompanhamento dos pais em relação aos estudos: “então como era cinco [irmãos] ele nunca teve o tempo que hoje eu tenho com o meu filho [...]. A minha mãe ela nunca ficou no pé da gente”. Carlos parece projetar em seus filhos a realização do sonho de poder se eximir do seu passado de mau aluno, que lhe traz hoje consequências negativas, e, ao mesmo tempo, corrigir os erros de seus pais, por terem sido ausentes. A opção de investir na educação privada para seus dois filhos parece refletir isso:

“Então tudo que eu não pude ou eu não dei valor, eu não vou deixar escapar para eles, não vou mesmo, enquanto eu estiver em pé eu vou fazer por eles, aí você fala faltou alguém ao meu lado, ‘vai estudar, vai ler um livro, volta aqui’. Então é o que eu não deixo faltar para eles [...] Se não tem um pai acompanhando, uma mãe acompanhando, mais na frente as consequências vão acontecer.” (Carlos)

A história de Raiane, da família Oliveira, é similar à de Carlos. Assim como Carlos, teve progresso na carreira, chegando a inspetora de caixa em uma loja de roupas. Seus pais têm pouca escolaridade e não chegaram a concluir o primário. Raiane se ressentida de não ter se dedicado aos estudos e da falta de maior acompanhamento e incentivo por parte dos seus pais: “meu pai e minha mãe, se eu estou bem na escola, não querem saber. Não se aprofundam em saber, meu pai e minha mãe são assim. É o jeito deles. O meu pai nem sabe onde era a escola”. Raiane relata que “preferia ficar com os colegas, brincando, conversando, do que, sabe, pensar no meu futuro. Eu não pensei no meu futuro naquela época. Para mim era muito [distante], era aquilo ali [...], pra mim faculdade era muito longe. Sabe, para

mim não dava, nunca ia conseguir”. Ela parece depositar todas as esperanças na educação da filha como uma forma de recomeço para ela também:

“Sempre escutava falar que tem que estudar para ter um emprego bom, mas nunca teve, assim, [alguém] explicando por quê que você tem que estudar. Hoje em dia que eu tenho uma filha, eu entendo porque que as pessoas têm que estudar para trabalhar, ter um emprego bom. Hoje em dia eu dou valor a isso. [...] Por causa da minha filha porque eu sei que, se ela estudar, assim, eu não quero errar. Não é errar. Meu pai e minha mãe não erraram. Mas quero dar uma educação diferente.” (Raiane)

Também na família Vieira a história é parecida. Tanto Andréia quanto José vieram de famílias numerosas e passaram por muitas dificuldades. Andréia revela que nunca gostou de estudar, ao contrário do filho “Graças a Deus que tive um filho que não me puxou, porque senão eu estava *ferrada*”. E José revela que passou por muitas restrições “querer uma coisa melhor”, e dificuldades que o fizeram deixar os estudos de lado:

“Eu estudava meio período, só que eu queria trabalhar mais, pra ganhar mais, até pra ajudar meu pai também, porque ele cobrava muito. Como eu já era maiorzinho, tinha uns 15 e 16 anos, eu via ele reclamando muito que queria que a gente ajudasse em casa. E eu sempre tive isso na cabeça de querer ajudar, aí eu comecei a trabalhar só meio período, aí depois eu passei a estudar à noite e trabalhar o dia todo para ganhar mais.” (José)

José se ressentiu por ter abandonado os estudos e afirma sentir “falta de não ter estudado mais”, identificando que algumas dificuldades, hoje enfrentadas, não existiriam se ele “tivesse estudado mais”. Tanto José quanto Andréia são incisivos em proporcionar “o melhor” para o filho. “A gente busca o melhor para ele [...] hoje o que eu tenho para dar pra ele, se eu posso dar algo melhor, vou me esforçar para dar”, afirma José. E Andréia marca o desejo de proporcionar um futuro diferente ao filho: “Já que eu não pude fazer nada disso pra mim, eu quero fazer pra ele. Eu não quero pensar da mesma forma que foi pra mim que seja com ele.”

Seguem-se outros relatos identificados entre os entrevistados referentes a projeção nos filhos:

“Minha mãe sempre falou, mas eu acho que ela não teve aquele pulso firme de botar, de incentivar, de dizer que tem que estudar, obrigação de estudar. Com 13 para 14 anos eu parei de estudar. Me arrependo. E assim, não tive nenhuma cobrança. Fiquei só com o trabalho [...] Hoje, Deus me livre, eu acho que estudo realmente é em primeiro lugar.” (Raíssa)

“Aquela vida pra mim estava demais: estudar, trabalhar e fazer curso. Então eu parei. Então faltou um incentivo do meu pai e da minha mãe. De ter uma visão do futuro: ‘isso lá na frente você vai precisar, pra você ter um emprego melhor, você vai estar na frente das outras pessoas’. Isso que eu vou passar pra Joana. Pra ela ter essa percepção, que eu não tinha antes.” (Elenice)

“Eu espero que o futuro dele seja melhor do que o meu, que ele estude pra arrumar um trabalho muito melhor, pra ele ter a vida dele independente, mas com uma condição melhor do que a minha e o estudo muito bom, a gente tá fazendo o possível pra ele estudar.” (Joaquim)

Alguns pais citam os filhos como “projetos”, ou seja, foram planejados, e, por conta disso, os pais consideram que os gastos na educação são justificáveis. Emília usa exatamente essa expressão, ao referir-se à filha única: “Não importa o que ele [pai] pense, o que importa é o que eu acho, o que é bom para a minha filha. A Isabela é como se fosse o “projeto” da Emília. Só da Emília.”

4.3.1.2 Reprodução

Enquanto parte dos entrevistados tenta não repetir a experiência de seu próprio passado, colocando os filhos em escolas privadas, é possível identificar um perfil oposto, ou seja, procuram reproduzir as experiências positivas do passado com os filhos. É o caso das duas irmãs, da família Costa e da família Paiva. Elas fizeram faculdade e uma delas concluiu o mestrado. Apesar do pouco grau de instrução dos pais – a mãe nunca foi à escola e o pai estudou até a quarta série – elas lembram de seus esforços em relação à educação durante a infância. Nas duas famílias, observa-se que as irmãs replicam nos filhos as iniciativas dos pais no que tange a preocupação com a educação e envolvimento. Por exemplo, em relação ao filho Bruno, Gisele é enfática ao afirmar que “ele não tem explicadora, prefiro eu ensinar”.

“Meu pai apesar de não ter estudado muito, ele é muito inteligente. Meu pai devora livros que é uma beleza e é muito bom em matemática. Sempre ajudou, apesar de não ter ensino. [...] Minha mãe não tinha, eu acho esperta por não ter estudado nada e pelo dia a dia saber lidar com as coisas, mas o meu pai tinha mais base para ensinar trabalhos.” (Gisele)

“Minha mãe sempre foi muito certinha. Lá onde eu estudava era um lugar baixo e se chovesse muito, enchia. Minha mãe fazia eu ir pra escola na enchente. Botava bota e ia lá. Aí chegava lá, ‘Não tem aula’. Porque a escola estava inundada. No ano seguinte minha mãe fazia de novo eu ir pra escola na enchente. Eu não podia faltar. É uma coisa que até hoje se eu faltar, minha consciência dói. Se eu deixar meu filho faltar um dia, pra mim aquilo é um absurdo. Minha mãe é muito quietinha, não é muito de falar. Mas estava sempre ali, nas reuniões, ouvia tudo e levava aquilo ali muito a sério. Muito, muito a sério.” (Gabriela)

“Mas ela sempre falou ‘Tem que estudar, se você quer ser alguma coisa você tem que estudar’. Ela não trabalhava como empregada doméstica, mas as vezes passava umas roupas pra uma pessoa, aí ela sempre mostrava ‘Viu? O filho dela é isso, o filho dela é aquilo, é engenheiro’ sempre falava assim ‘Vocês têm que ser assim, não podem depender de homens’. ‘Tem que estudar, tem que ter sua profissão’. [...] Ela não sabia dizer o quê, coitada, ela não tinha muita instrução. Então ela não sabia dizer ‘você faz isso, quando você terminar você pode fazer isso’. Por isso que eu acho que a escola ficou devendo essa parte. Porque ela não tinha conhecimento nenhum, meu pai também não.” (Gabriela)

Na família Araújo, Mário lamenta não ter tido os incentivos necessários dos pais durante a infância para estudar. Sabendo disso, tenta proporcionar à única filha um exemplo a ser seguido:

“Então foi esse um dos motivos que me fez voltar a estudar, além de exemplo para a minha filha, que eu tenho uma filha de sete anos, e eu queria deixar isso para ela. Meus pais não me deixaram legado praticamente nenhum a não ser o afetivo. Nada de concreto, material, só aquele carinho de pai e mãe mesmo, mas eu queria deixar algo mais, um exemplo, não tive muitos exemplos. Então eu queria deixar isso para ela. Então foi por isso que eu voltei a estudar, além do crescimento profissional também.” (Mário)

Outros sujeitos da pesquisa também relataram as preocupações dos pais quanto à educação enquanto crianças, como no caso de Ricardo, da família Santos: “minha mãe, era ela quem ensinava as matérias para a gente, o dever de casa, devido a ela ter mais escolaridade”. A mãe foi a única da família a concluir o ensino fundamental. Ricardo reproduz na filha a mesma preocupação dos pais quanto a educação, ao mantê-la na escola particular.

Em outras famílias também se percebe a lógica da replicação. Como no caso de Karla, da família Silva: “O que mais marcou na infância foi que meu pai cobrava muito a gente, meu pai era muito rígido. E, em termos de ensino então...” Atualmente, Karla acompanha rigorosamente a educação dos filhos. Ela menciona um episódio em que observou um erro na prova do filho de sete anos, informou à direção e reivindicou alteração na nota do filho.

Por sua vez, Eloísa comentou que os pais não “tiveram oportunidade” mas passaram aos filhos a ideia de que era preciso “estudar, para ter um futuro”, e que “sempre colocaram em primeiro lugar a educação”. E Rebeca menciona a cobrança insistente dos pais: “eles falavam que era pra ir, pra não ser igual a eles e não sei o quê, que era melhor, então eu tinha que ir pra escola”.

4.3.2. Significados Explícitos da Educação Particular

O discurso dos entrevistados é impregnado de elementos explícitos, a que se poderia chamar de “racionais”, por incorporarem aspectos mais objetivos envolvidos na escolha realizada, relacionados a temas tais como qualidade da escola, proximidade, horário e segurança.

4.3.2.1. Qualidade da Escola Privada

A desigualdade existente entre o desempenho dos alunos do ensino público e do ensino privado no Brasil é conhecida. Dados do Inep divulgados em 2015 referente as notas do ENEM⁹ por escola em 2014, mostraram a supremacia das redes privadas de

⁹ Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) avalia o desempenho do estudante ao final do ensino básico. Além disso, é utilizado por mais de 500 universidades no Brasil como critério de seleção para o ingresso no ensino superior.

ensino no *ranking* das maiores notas. Entre as mil melhores notas do país, somente 93 são procedentes de escolas públicas, sendo 72 escolas federais, 20 estaduais e uma municipal (INEP, 2015).

Neste sentido, a busca por qualidade de ensino está presente no discurso dos entrevistados. Entretanto, a percepção de qualidade da escola particular para as famílias entrevistadas é baseada menos em indicadores técnicos e mais em outros requisitos, como maior comprometimento da escola com pais e alunos, representado como comprometimento dos professores, acompanhamento dos alunos, cobrança da escola, estabelecimento de regras, trato e respeito com os pais dos alunos, entre outros atributos. O Quadro 3 apresenta exemplos de falas dos entrevistados com relação a atributos da qualidade da escola particular *versus* a escola pública.

Quadro 3 – Atributos identificados nas falas dos entrevistados referentes à qualidade da escola particular *versus* a escola pública

Atributos	Exemplos de Falas dos Entrevistados	
	Escola Pública	Escola Privada
Público-alvo	“classe mais baixa”, “para as piores pessoas, pessoas mais ignorantes, com menos condições”, “concentração muito maior de crianças largadas”, “crianças soltas”, “pais são empregados domésticos”	“pais são professores, engenheiros”, “família mais estruturada”, “família com poucos filhos”, “[quem] pode pagar”
Qualidade de ensino	“ensino precário”, “ensino muito fraco”, “um verdadeiro caos, fracasso”	“ensino melhor, mais forte”, “além do básico”, “ensina a criança a pensar”
Atividades extras	--	“vai fazer dança, vai fazer natação”, “tem curso de inglês, tem <i>ballet, jazz</i> ”
Ordem e respeito a regras	“crianças sem educação, falando alto, gritando”, “empurrando”, “tem briga”	“vivendo com regras”, “pede licença para passar”, “não aceita xingamento”
Frequência e cobrança de desempenho dos professores	“vai quando quer”, “tem problemas de professores faltarem”, “chegam lá, não tem aula”, “matam muito o trabalho”, “greve o tempo todo”, “só dão aula quando estão a fim”	“aula todos os dias”, “mesmo que a professora falte, vai ter alguém repondo a aula”, “professores são cobrados”, “professores mais dedicados”

Quantidade de alunos por professor	“quantidade de crianças muito maior, por ser público”	“duas ou três professoras em uma sala”
Cobrança de desempenho dos alunos	“não tem mais aquele estudo de pegar no pé mesmo”, “só tem dever de casa dois ou três dias”, “não escreve praticamente nada no caderno”, “crianças não sabem muita coisa”	“mais puxado”, “tem dever de casa todos os dias”, “mais exigido”
Atenção aos pais dos alunos	“não dão muita atenção”, “medo de reclamar e ter confusão”	“outro tratamento”, “contato mais humano”, “conheço a professora”, “vou lá e converso com ela”, “mais fácil reclamar”
Infraestrutura física	“não tem [mesinha para cada um]”	“mesinha para cada um”, “arejado”, “colchãozinho”

A dicotomia entre a imagem da escola pública e da escola particular se apresenta de forma muito clara aos entrevistados. Embora nem todos os atributos indicados no Quadro 3 apareçam em todas as entrevistas, a oposição entre a melhor qualidade da escola particular e a menor qualidade da escola pública é uma constante no discurso dos entrevistados. Na família Silva, por exemplo, Karla teve a experiência de estudar em ambos os sistemas de ensino e sentiu uma diferença “muito grande” na transição da escola pública para a particular. Quando fala sobre as vantagens do ensino particular, seu discurso é voltado para cobrança, frequência e responsabilidade com os alunos:

“Eu acho que, assim, a matemática é a mesma matemática, só que eu acho que os professores, no público, eles só dão aula quando eles estão a fim de dar aula, porque eles não são tão cobrados, [...] no particular não, eles têm uma grade, tem que seguir aquela grade, são cobrados em cima daquela grade. [...] Eu acho que se criou um grande descaso na escola pública, é igual hospital, vai quando quer, faz quando quer. [...] ‘Ah, vai ter reposição de aula’... Eu não acredito que teve, eu trabalho perto de uma escola pública. Vira e mexe, eu chego lá às oito horas, tem um monte de criança voltando porque não tem aula, aí eu só vejo um comentando com o outro, ‘ah, não tem aula, não tem aula, vamos para casa’. Então eu acho que é isso que a gente não quer, a escolha de uma particular são várias coisas. É o fato de ter aula todos os dias, de que, mesmo que a professora falte, vai ter alguém para estar lá repondo a aula, ou então fazendo algum tipo de recreação com a criança. “(Karla)

Estela, da família Pereira, vê a escola pública como “muito desleixada”. Ela conviveu durante alguns anos com uma filha na escola pública e outra na escola particular. Para ela, “foi uma tortura” ver as filhas recebendo tratamentos diferentes. Com isso, resolveu colocar também a filha mais velha na escola particular, porque a escola pública “não é mais a do nosso tempo, não tem mais aquele estudo de pegar no pé mesmo, de ter medo de diretor, a escola pública tá muito desleixada”. Na escola particular, na visão de Estela, a filha está “vivendo com regras”.

O acesso a professores e diretores e a possibilidade, daí decorrente, de acompanhar o desenvolvimento dos filhos, são valorizados. É o caso de Mário, que observou: “Na escola particular você tem o contato mais humano. Você conhece o professor, você conhece o diretor, eu acho que é melhor”. E de Rebeca, que tem fácil acesso à professora de seu filho: “Conheço a professora. Tenho o telefone dela, internet, tenho o facebook dela. Quando eu quero, eu marco, vou lá e converso com ela. Ela me passa tudo do Jorge, tudo o que acontece”. Na família Lima, Emília compartilha do mesmo sentimento. “Eu acho que se eu botasse numa creche pública, eu não poderia fazer esses tipos de cobrança, acho que elas não iam me dar muita atenção”, explica a mãe, ao julgar sobre a escolha da escola privada.

Algumas famílias levaram em consideração os aspectos relacionados à infraestrutura da escola. Uma boa infraestrutura física é vista como indicador de qualidade da escola, suprimindo a falta de conhecimentos técnicos. Estarem adequadas, ou não, revelou-se um fator muito importante para essas famílias. É o caso da Gisele da família Paiva. Ela utilizou esse critério para decidir em qual creche privada matricularia filho.

“No particular é um colchãozinho para as crianças não ficarem no chão gelado. Tem essa estrutura melhor. Vai comer? Tem mesinha. Uma mesinha redonda ou uma mesinha para cada um. No público, não.” (Paula)

“E lá elas me mostraram o ambiente, era muito legal, muito arejado, elas me mostraram segurança pra eu botar minha filhinha lá. Aí que eu fiquei nela e estamos até hoje, graças a Deus.” (Emília)

Alguns entrevistados reconhecem, no entanto, que há qualidades relevantes nas escolas públicas, em particular a qualidade dos professores. Isto se deveria, em grande parte, ao fato de os professores passarem por concursos públicos, o que já não ocorre nas escolas particulares. A diferença se deveria, portanto, à falta de cobrança quanto à frequência e desempenho de professores na escola pública:

“Na escola particular o tempo é mais bem aproveitado. Já na escola pública, eu não falo nem pelos professores, porque tem professores de escola públicas que são excelentes e de escola particular que nem sempre são bons, mas eu acho que é diferente, porque tá no tempo que se perde com greves e na qualidade.”
(José)

Apesar de as famílias não respaldarem suas escolhas em indicadores técnicos, muitas reconhecem quais são as escolas públicas mais bem avaliadas nos últimos anos, segundo a nota do ENEM. No *ranking* das escolas cariocas, a primeira da lista aparece na posição 133°. As dez escolas públicas com as maiores notas têm em comum o fato de serem federais, ligadas a universidades e com forte concorrência nos processos seletivos para ingresso de alunos. São escolas públicas em que a maioria das crianças são provenientes de famílias abastadas, conforme Quadro 4 a seguir.

Quadro 4 – ENEM 2014 – As 10 maiores notas por escolas públicas do município do Rio de Janeiro

Ranking (nacional)	Nome da escola	Município	UF	Rede	Indicador de nível socioeconômico
133	COLEGIO PEDRO II - CAMPUS CENTRO	RIO DE JANEIRO	RJ	Federal	Alto
182	INSTITUTO DE APLICACAO FERNANDO RODRIGUES DA SILVEIRA CAP-UERJ	RIO DE JANEIRO	RJ	Estadual	Muito Alto
214	COLEGIO PEDRO II - CAMPUS NITEROI	NITEROI	RJ	Federal	Alto
274	COL DE APLIC DA UNIV FED DO RIO DE JANEIRO	RIO DE JANEIRO	RJ	Federal	Muito Alto
372	COLEGIO PEDRO II - CAMPUS REALENGO II	RIO DE JANEIRO	RJ	Federal	Alto
446	COLEGIO PEDRO II - CAMPUS HUMAITA II	RIO DE JANEIRO	RJ	Federal	Alto
500	COLEGIO PEDRO II - CAMPUS SAO CRISTOVAO III	RIO DE JANEIRO	RJ	Federal	Alto
659	COLEGIO MILITAR DO RIO DE JANEIRO	RIO DE JANEIRO	RJ	Federal	Muito Alto
798	COLEGIO PEDRO II - CAMPUS ENGENHO NOVO II	RIO DE JANEIRO	RJ	Federal	Alto
828	COLEGIO PEDRO II - CAMPUS TIJUCA II	RIO DE JANEIRO	RJ	Federal	Muito Alto

Fonte: INEP, 2015.

Muitos pais citaram as escolas públicas constantes no Quadro 4 como alternativa para os filhos. Entretanto, ainda que mostrem tal conhecimento, percebe-se que essas informações não são provenientes de uma investigação por parte desses pais. Há anos que esses colégios públicos são reconhecidos pela qualidade de ensino e que os alunos que os frequentam são pertencentes às classes mais altas. Por exemplo, Eloísa e Raiane citam o Colégio Pedro II, público, como “escola boa” e Adilson menciona como alternativas, caso a escola particular não caiba no orçamento, tentar obter vaga no “Colégio de Aplicação da UERJ, da UFRJ, Pedro II..”.

Aliás, ressalta-se que alguns pais, ao compararem à época de sua infância com a infância dos filhos, apontam a “falta de informação” na época, como um dos motivos para o fracasso escolar. É o caso de Gisele:

“[Minha mãe] nunca teve base para me orientar na decisão das coisas. Eu acho que a gente tinha potencial pra mais coisa, poderia ter feito uma escola bem melhor, mas por falta de informação, de orientação... Eu sempre soube que era importante estudar, isso eu tinha, eu não tinha era orientação, eu não tinha quem pudesse me guiar [...] Hoje em dia acho que é mais fácil, você tem muito acesso a internet, a informação disso e aquilo, mas antes não, você tinha que ir na escola, lá fazer inscrição, fazer tudo. Não era nada pela internet. Você não tinha informação de nada, você mesma tinha que ir. Então a mãe de uma amiga falava ‘Ah, vou lá fazer inscrição’. Então ia todo mundo, iam aqueles vários adolescentes. Você era meio que levado pelas coisas.” (Gisele)

Entretanto, as informações pertinentes a qualidade das escolas ainda são pouco investigadas pelos pais e mais absorvidas pelo que a mídia apresenta e pelo que é propagado por meio do boca-a-boca. Alguns pais entrevistados citaram a “televisão” como o meio pelo qual se tem conhecimento tanto sobre escolas públicas quanto privadas: “a escola pública mesmo, eu vou tá falando do que eu vejo na televisão” (Fausto); “a gente vê na televisão, a gente vê greve de professores” (Carlos). Dessa forma, informações relevantes sobre a qualidade de ensino (capacitação dos professores, ensino rigoroso, indicadores técnicos etc.) ainda não compõem os critérios dos pais pertencentes à nova classe média para a matrícula em escolas privadas.

4.3.2.2 Conveniência de horário e localização da escola

Outro aspecto racional que pauta a decisão das famílias para a matrícula dos filhos é relacionado à proximidade da escola e ao horário. O tempo de deslocamento, a disponibilidade de alguém para buscar e levar a criança à escola/creche e as despesas com transportes também são consideradas por algumas famílias na avaliação sobre em que escola matricular. Na família Vieira, na passagem para a segunda fase do ciclo básico de ensino, o filho havia sido aprovado em uma escola federal e em uma escola privada com a mensalidade em torno de 300 reais. O pai, José, conta que a decisão sobre em qual escola matricular o filho foi pautada mais pela localização do que pelo valor que seria pago: “de deslocamento pra ele seria melhor o Teresiano [escola particular]”. Outras famílias também expressaram a localização como fator importante no processo de decisão: “aqui é praticamente do lado da minha casa, não precisa pegar ônibus, é muito mais fácil” (Elenice); “Pelo menos ele estudando no bairro, se eu tiver longe, alguém vai ligar, tem uma pessoa mais próxima pra estar ali, ajudar ele até eu chegar” (Elisabete).

Nesta questão, há uma preocupação, inclusive, com o fato de a criança poder chegar à escola pública e não haver aula, por motivo de greve ou falta de professor, e, em decorrência, ter que voltar para casa, o que cria uma dificuldade se os pais trabalham e não há com quem deixar a criança. Karla frisou o problema do horário, porque “trabalha e não tem com quem deixar”, e o filho, portanto, “tem que estar dentro de uma escola”. Ela explica que ele não poderia ser liberado da escola em outro horário, que a obrigasse a voltar para casa, pois isso, para o casal, “iria comprometer muito”

Alguns citaram ser importante que o horário escolar coincida com o horário de trabalho dos pais. Dessa forma, a decisão de algumas famílias foi influenciada pelo horário integral oferecido pela escola/creche particular, que se ajustava às necessidades dos pais em função de suas rotinas de trabalho. Joaquim menciona que, quando o filho nasceu, como o casal trabalhava, precisavam de uma escola em que “ele ficasse o dia inteiro, tipo berçário”, pois o casal só chegava à noite.

4.3.2.3 Segurança

Outro atributo que levou alguns pais a matricularem os filhos em escolas particulares refere-se à segurança dos filhos. Para os pais, a preocupação com a integridade física dos filhos é um dos fatores que pesa contra a matrícula em escolas públicas. Para os entrevistados, as escolas públicas não oferecem segurança.

Na família Azevedo, por exemplo, decidiram ter filhos mais tarde e, por conta disso, Elenice diz ser muito cuidadosa com a filha, uma vez que é filha única.

“Eu tenho medo porque são muitas crianças. A Joana é muito mimada e eu tenho medo dessa parte da violência, das outras crianças que fossem maiores do que ela. Eu sei que as turmas não são muito misturadas, mas tem aquelas crianças que são maiores. Então na escola particular, os pais que colocam lá, têm um pouco mais de cuidado nessa parte. [...] Então aqui eu fiquei também menos preocupada dela chegar em casa toda arranhada, de alguém ter batido nela.” (Elenice)

Outras famílias compartilham o mesmo sentimento. Eloísa acha a escola particular “mais segura” e Túlio acha que “no colégio público falta segurança, inspetor, alguma coisa mais certa”.

4.3.3 Significados Implícitos da Educação Privada

Colocar os filhos em uma escola particular significa, sobretudo, dar-lhes a oportunidade de manterem e, até mesmo, de avançarem no processo de ascensão social iniciado pelos pais. As escolas particulares representam, então, a possibilidade de aquisição de capital social e cultural. Tal desejo aparece claramente, em geral de forma implícita e, por vezes, de forma explícita, no discurso dos entrevistados.

4.3.3.1. Aquisição de Capital Social

Ainda que inconsciente, para matricular os filhos em escola particulares, algumas delas inclusive frequentadas pelos filhos das famílias das elites da cidade do

Rio de Janeiro, justifica-se pelo interesse na aquisição de capital social. O desejo de manterem e ampliarem o processo de ascensão social é respaldado na convivência e relacionamento com indivíduos de classes mais altas por meio das escolas particulares. É a oportunidade de convívio com os “da rua”, em contraposição aos “do morro”, demarcação comum entre os entrevistados, que, em sua maioria, nasceram e foram criados nas comunidades cariocas instaladas nos morros da cidade. A convivência com os “da rua” é vista como proporcionando a aquisição de hábitos, costumes e comportamentos diferenciados.

José Pedro, da família Vieira, sempre estudou em escolas particulares de prestígio, frequentadas pelos filhos de famílias da elite carioca. Por meio de bolsas de estudos, ele teve acesso à educação de alto nível, em uma escola cuja mensalidade situa-se entre as mais caras da cidade. A rede de amigos do filho na comunidade da Rocinha é muito pequena, segundo o pai, “só mais amigos da família, primos”. E ao passar dos anos, essa rede se afunila mais ainda.

“A gente busca o melhor para ele porque o que mais pega também são essas coisas que acompanham a escola e a convivência com os amigos, ele quer ir para os mesmos lugares. A escola apresenta algumas coisas como passeios, viagens para fora do país pela escola. A gente se esforça mesmo pra poder ajudar, pra poder servir a ele nisso, aí a gente se aperta pra poder dar pra ele essas coisas que vão além do colégio. A gente quer que ele participe destas coisas também, que tenha essa convivência com os amigos.” (José)

Laura, de 11 anos, filha da família Ribeiro, estuda em uma escola particular tradicional da cidade do Rio de Janeiro. Por ocasião da entrevista, a família aguardava a decisão do colégio sobre o valor da mensalidade que seria cobrado a partir daquele ano, uma vez que o pai, Adilson, passou a auferir rendimentos superiores, graças a um emprego de servidor público. A família, até então, tinha isenção total da mensalidade, além de preços diferenciados para atividades extracurriculares oferecidas pelo colégio, como passeios escolares e esportes. Diante da possibilidade de a família não poder pagar a mensalidade da escola particular, Laura ficou “apavorada”, uma vez que, segundo a mãe “está lá desde pequena e está acostumada com tudo lá”, além de não desejar perder as amigas que se formaram ao longo do tempo.

A formação de círculos de amizade com os colegas de turma e pais de outras classes sociais, que se estende para fora dos limites da escola, é vista de forma positiva pelos entrevistados, que nunca tiveram a oportunidade de conviver em ambientes frequentados por classes mais altas, exceto em situações de subserviência.

Muitos pais entrevistados revelaram os relacionamentos que querem evitar que os filhos tenham. Citaram comportamentos e atitudes que, segundo eles, é atributo peculiar de crianças que estudam em escolas públicas, alguns dos quais foram indicados no Quadro 3.

“O que você paga é mais selecionado. Vou pagar cinquenta. Nem todos podem pagar cinquenta. Aí, quando é de graça, vai todo mundo, vai todo tipo de pessoa. Não que a criança seja ruim, mas a influência que ela traz de casa, é isso que eu não quero para a minha filha. Não deixar ela viver nesse mundo, por enquanto. Enquanto eu puder, tiver nas condições, não quero que ela participe disso. Morar aqui é uma coisa, você viver isso aqui é outra.” (Ricardo)

Outro aspecto decorrente da diferenciação proporcionada por esse convívio com crianças e jovens de outras classes relaciona-se às perspectivas de futuro. Muitos apontam para uma distinção evidente entre os seus filhos e aqueles que estudam em colégio público quando o assunto é “o que vou ser quando crescer”. Os pais ressaltam, com orgulho e boa dose de alívio, que os filhos e seus colegas de escola particular já mostram perspectivas para o futuro e certas vocações para carreiras “do bem”, em contraposição à falta de perspectiva ou aspirações para carreiras “do mal” por parte das crianças e jovens que frequentam escolas públicas.

“Eu acho que as pessoas não tinham muita perspectiva, principalmente de estudo. Não tinham muita visão, não tinham uma visão futura daquilo que poderia acontecer. Então achava que terminou o segundo grau, estava bom. Então isso é uma coisa que eu vejo diferente nas amiguinhas dela da escola, apesar de serem crianças, então, falam de uma profissão, falam de uma faculdade, isso eu não tinha quando eu estudava.” (Mário)

4.3.3.2 Aquisição de Capital Cultural

A decisão de investir nos estudos da prole também revela outro interesse dessas famílias: a aquisição de capital cultural, que também está relacionado aos gostos

musicais, tipos de comidas, preferências de roupas etc. Pelo desejo de ascensão social, essas famílias investem em programas e atividades que tradicionalmente são característicos das elites, por exemplo: *ballet*, línguas estrangeiras, visitas a museus e exposições, viagens para o exterior etc. E muitas escolas particulares geralmente oferecem atividades desse tipo. Dessa forma, a decisão pela escola particular, para muitos entrevistados, também foi pautada nesse elemento, embora seja implícito o entendimento de que tais atividades podem estar associadas à ascensão social.

Na família Vieira, por exemplo, o desejo de proporcionar ao filho uma viagem para o exterior, viagem essa organizada pelo colégio para todos os alunos, culminou em grande sacrifício financeiro dos pais, para que o filho pudesse acompanhar a turma aos Estados Unidos. Mas, como observou o pai, José, “nós nos apertamos e conseguimos enviar ele, porque pra gente era uma coisa mais difícil de conseguir, mas nos dois nos esforçamos e conseguimos mandar ele também”.

Para muitos pais e mães entrevistados, a oferta de atividades que não estejam relacionadas ao ensino propriamente dito é muito bem vista e tem um peso relevante no processo de decisão:

“Nesse colégio que eu vou colocar ela, lá tem atividades extras também. Não é só escolar, não. Ela vai estudar e ela também vai fazer dança e vai fazer natação. Natação que é uma coisa que eu não sei nadar até hoje. É uma coisa que eu quero que ela aprenda, porque eu não quero que ela seja igual a mim. Eu quero que ela saiba nadar. E quando uma mulher falou que tinha natação, já foi um ponto para eu deixar ela lá. Aí tinha *ballet*, tinha dança, eu quero que a vida da minha filha seja assim.” (Raiane)

“Lá elas ficam o dia todo, tem aula de religião, tem xadrez, tem informática, tem *ballet*, tem atividades extras. É um bom colégio, ainda mais por tempo integral, eu não iria achar outro assim por esse valor.” (Estela)

Como já observado, para muitos dos entrevistados a realização dessas atividades é uma maneira de resgatar um passado em que eles não tiveram os mesmos incentivos. Como é o caso de Raiane que, além de não ter aprendido a nadar durante a infância, também não foi habituada a apreciar artes e cultura: “eu nunca tinha ido a um teatro”. Atualmente Raiane frequenta teatros, museus, cinemas e exposições com a filha:

“E no dia que eu levei ela na exposição lá no CCBB, no Centro, ela adorou. A história da moeda, tinha lá, é aquele, como é que fala? É psicodélico. Que era uma mulher lá que fez uma exposição lá de peças da, sei lá, não sei explicar. Sei que eu cheguei lá, ela amou, ela adorou. Aí tinha uma sala lá de luzes, sabe, assim, uma coisa diferente que a gente fez, ela adorou.” (Raiane)

“E eu acabo vivendo também, que é meio um refúgio para eu viver também porque aquilo ali é uma coisa que eu não vivi. Teatro infantil, eu amo, eu chego lá e tenho vontade de chorar porque eu nunca tive isso. Fico com meus olhos... por dentro de mim, emocionada porque eu nunca tive isso. E ela [filha] lá na maior satisfação que para ela é normal. Ela de vez em quando entra na internet para procurar peças para a gente ir, aí sempre quando eu pego uma folga eu faço questão.” (Raiane)

“Hoje em dia, eu não sei, até as roupas das crianças, sabe? Eu não quero que a minha filha seja melhor que ninguém. Não é. A minha filha, ela fala com todo mundo. É uma criança que é adorada por todo mundo [...] Mas, assim, na [escola pública], por exemplo. Eu fico vendo pelas crianças saindo de lá. Eu não sei, sabe, é umas crianças sem educação, é tudo falando alto, gritando, escutando funk.” (Raiane)

A respeito do comportamento do filho, Rebeca cita o exemplo de um sobrinho que estuda em uma escola pública: “Você vê o comportamento dele, é completamente diferente do Jorge, uma mente muito mais maldosa”. Outras famílias expressaram sentimentos semelhantes quanto às atitudes e comportamento dos filhos ao compararem com crianças de escolas públicas:

“Lá na escola dela cada um leva seu lanche. Ela leva o lanchinho dela. Ninguém come o lanche de ninguém, todo mundo leva o seu. Acho que, se fosse na pública, onde cada um tinha que levar, teriam uns que não levariam e iam tomar das outras crianças. Porque eles não estão acostumados.” (Paula)

“Você vê, tem crianças da idade dela que já tá com esse funk, esse tipo de música, de apologia. Você pega ônibus no horário escolar, você escuta as crianças pequenas [de escolas públicas] falando absurdos. Na minha idade, na minha época, isso não tinha. E eu não quero que ela escute isso.” (Ricardo)

Dentre as atividades extraclasses, o aprendizado do idioma inglês foi uma das mais citadas. Grande parte das escolas particulares nas quais os filhos estão matriculados, oferece a disciplina na grade curricular. No entanto, diversos pais mostraram interesse em pagar um curso exclusivo de inglês para os filhos. Na família Araújo, por exemplo, Jaqueline faz *ballet*, natação e *jazz*. O pai ainda paga outro curso de inglês para a filha. Ela já está nesse curso particular há um ano, e ainda não foi totalmente alfabetizada em português na escola. O mesmo ocorre com Laura: a escola oferece aulas de inglês na grade curricular, mas o pai revelou na entrevista que irá matricular a filha em um curso de inglês no próximo ano “porque ano que vem vai exigir ter inglês, o inglês é diferente, é mais forte”. Laura também tem aula de *ballet* e, quando necessário, faz aulas particulares de reforço, tudo custeado pelo pai.

Em alguns casos, a solicitação vem da própria criança. Túlio observa que o filho “pediu um curso de inglês”, e acredita ser por ele ver “que o inglês faz diferença”. E identifica a influência dos colegas da escola particular: “eu acho que isso é influência da escola, deve ter alguns amiguinhos que estão no curso, que fazem e chegam na matéria de inglês e se sobressaem mais que ele.” E Paula explica que o filho “quer fazer tudo” e que “cismou que quer falar inglês e quer fazer natação”.

Em outras situações, são os pais que desejam que o filho aprenda um idioma. Ricardo tem bastante clara a necessidade de o filho “ser bilingue” para almejar um emprego melhor. O idioma tem que ser o inglês, por se tratar de “língua universal”. Aprendendo o idioma ainda criança, “vai aprender com mais facilidade”. Emília também deseja que a filha estude inglês, porque “abre bastante portas”.

Os gostos, preferências e interesses distintos, assim como modos e linguajar educados também foram mencionados de forma recorrente como uma espécie de retorno do investimento empregado na educação particular dos filhos. É o caso de Raiane, que diz criar a filha com “muita educação”: “Por exemplo, se eu estiver com a perna esticada, ela pede licença para passar. Tem criança que sai empurrando”.

A seguir são apresentadas algumas fotos de parte dessas famílias que buscam mostrar que o capital cultural foi incorporado por meio de diplomas, frequência a atividades extracurriculares, típicas da elite, e mesmo o uniforme escolar, identificando que trata-se de uma escola particular.



Figura 5 - Família Oliveira

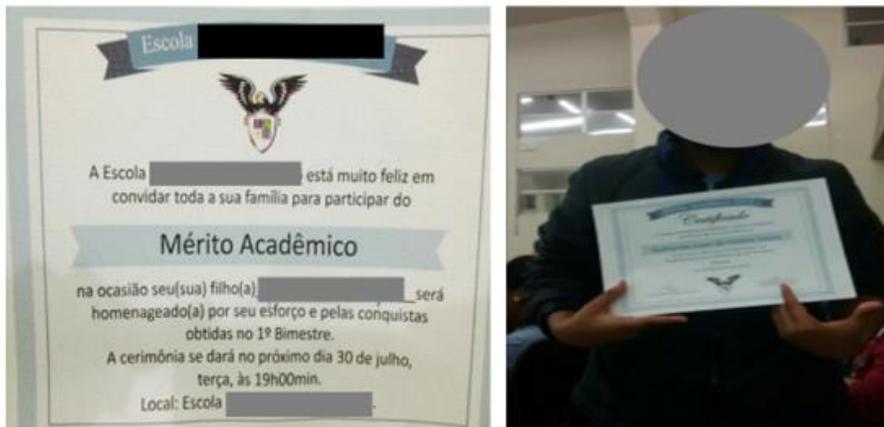


Figura 6 - Família Dias



Figura 7 - Família Santos



Figura 8 - Família Costa



Figura 9 - Família Paiva

4.3.3.3. Distinção

Estabelecem-se dois tipos de distinção ao colocar o filho em uma escola particular. De um lado, são os pais que se distinguem dos demais. De outro, as crianças também são, ou passam a ser, distintas das crianças da comunidade.

Por meio dos relatos, os entrevistados mostraram que se veem de forma diferente dos demais moradores da mesma região onde moram, mas que possuem filhos em escolas públicas. Assim, segundo a percepção dos sujeitos da pesquisa, há dois tipos de pais: aqueles que se preocupam com os filhos e por conta disso os matriculam em escolas privadas e aqueles que não se preocupam com os filhos e os mantêm em escolas públicas:

“Eu acredito que muitas dessas crianças de escola pública, elas são de comunidades, que, em muitas situações, não têm uma estrutura familiar. Então a criança acaba não tendo uma educação dentro de casa ideal para uma criança [...] Geralmente quando a pessoa bota em um colégio particular, tem uma família um pouco mais estruturada. Têm uma organização, têm uma vida mais certinha, e acabam tendo condições de pagar pro filho.” (Luiz)

“O colégio público, ele abrange a classe mais baixa, não que eu seja da classe alta, nós somos da classe baixa, mas tem pessoas de cada ponto, até aqui mesmo na Rocinha, você sabe que tem pontos da Rocinha que são mais críticos. Aí a pessoa vem com aquelas influências. Enquanto eu puder tá botando ela na escolinha particular, que ela vai lidar com as pessoas, não digo melhor, a gente não pode julgar as pessoas, mas pelo menos que tenha o mesmo pensamento que a gente, que quer o melhor pro filho.” (Ricardo)

“Porque eu acho que, quando um pai paga uma escola, geralmente é um pai que se preocupa com educação. Já quer uma coisa melhor. Você fica mais atento ao filho. Não que na escola pública não tenha. Eu vim de escola pública, minha vida toda foi em escola pública. Minha mãe sempre se preocupou comigo, mas a concentração é muito maior de crianças largadas em que os pais não estão nem aí.” (Gisele)

“Porque lá [escola particular] você vê muitos pais, mesmo de criança grande. Você vê os pais na porta para buscar a criança. Sempre tem um porteiro da escola que fica na porta e entrega a criança. Só entrega na mão do responsável. Criança que vai sozinha eles vão acompanhando até a porta. Você não vê essas coisas na escola pública.” (Rebeca)

Na família Vieira, o filho José Pedro adquiriu gostos, preferências e comportamentos que são distintos dos de outros garotos da comunidade e similares aos de seus colegas de escola. Os pais parecem exprimir até com certo orgulho essa diferença de gostos e preferências do filho único:

“Tem gente que olha pra ele e diz: ‘Nem parece que mora aqui na Rocinha’. É dele, é o estilo dele, ele nasceu assim. Minha cunhada diz que tem que ter cuidado, porque se olhar acham que ele não mora aqui e tá vindo comprar drogas. Ele sempre foi muito assim desde menorzinho, já foi ficando assim com mais nove, dez. É bem dele.” (Andréia)

Além disso, outro ponto derivado da diferenciação entre crianças de escolas públicas e crianças de escolas particulares diz respeito às relações sociais das crianças nas comunidades em que vivem. Se, por um lado, as crianças matriculadas em escolas privadas adquirem capital social ao conviverem com crianças de classes sociais mais elevadas, os pais entrevistados, mesmo de forma inconsciente, parecem criar uma espécie de barreira entre os filhos e as crianças que moram na comunidade, porém estudam em escolas públicas. É importante ressaltar que a violência e o tráfico se fazem presentes em muitas dessas comunidades pesquisadas, e que certamente, esse é um dos motivos pelos quais os pais inibem os filhos de brincarem pelas ruelas ou becos, mas, ainda assim, os entrevistados estabelecem uma categorização entre seus filhos e as demais crianças da comunidade. Por exemplo, Karla considera que as meninas da comunidade assumem atitudes e comportamentos que se assemelham aos de mulheres adultas: “Você anda pelas ruas, você vê como as crianças falam, como elas estão espertas, como as meninas dançam, [...] elas não dançam como uma criança, elas dançam como uma menina adulta.” Os amiguinhos do filho, ao contrário, são “da escola ou do cursinho, no futebol, na informática”.

Muitos dos pais e mães entrevistados vieram de famílias numerosas, marcadas pela falta material na infância. A entrevistada da família Lima, que possui apenas uma filha, revelou ter passado dificuldades de “alimentação” quando criança. Com isso, observa-se que grande parte das famílias entrevistadas possui apenas um filho. O planejamento familiar, como a decisão de ter apenas um filho ou “no máximo dois” é outro aspecto identificado na fala de alguns entrevistados em comparação a famílias com muitos filhos, que, pela insuficiência de recursos, acabam por estudar em escolas públicas. Como observou Andreia: “a opção de ter um filho só foi em poder dar uma coisa um pouco melhor. Não é exatamente o que eu gostaria, mas um pouco melhor do que a gente teve”. Por sua vez, Ricardo explicou:

“Tem muita gente, na minha idade mesmo, que tem quatro, cinco filhos. Aí, não tem como dar educação para todo mundo. Se a pessoa tivesse pelo menos uma, no máximo dois, a pessoa podia dar um ensinamento melhor. São muitos filhos. A criança não tem educação. Ela sendo filha única, a gente tenta dar o melhor possível para ela, nesse ponto sim, é diferente. Tanto que ela perto de outras crianças é até um pouco retraída, ela não sabe as brincadeiras das crianças que são criadas mais soltas.” (Ricardo)

4.3.4 Gastos com educação

O processo para matricular os filhos em escolas particulares, se inicia com a possibilidade de conseguir bolsas de estudos. Muitos pais relataram que a escolha é baseada por instituições que costumam oferecer algum tipo de desconto na mensalidade, ou até mesmo isenção. No dia da entrevista da família Dias, por exemplo, o filho mais velho estava se preparando, pois à tarde iria fazer uma prova com o objetivo de conseguir uma bolsa de estudos integral em uma escola particular no bairro de Botafogo. E naquela semana já era a segunda prova que o pai, Túlio, o levava para fazer: “Estamos tentando uma bolsa de 100% [...] Porque com o dinheiro que eu pagaria a escola dele, sobraria dinheiro para investir nele, no caso no inglês que ele tanto quer”.

Raiane, da família Oliveira, depois de muita procura, conseguiu matricular a filha em uma escola particular que lhe ofereceu bolsa de 50% na mensalidade:

Tem que ter bolsa, não tem como eu pagar o preço real da escola. [...] Mesmo assim porque eu sei que, com a minha renda, eu consigo. Eu tenho que parar umas coisas aqui, amenizar umas coisas ali, para focar na escola dela. Mas eu tenho o meu pé no chão que eu sei que se eu não conseguir, eu coloco ela num colégio mais barato, mas não público. Não coloco no público. (Raiane)

A família Silva está à procura de escolas para o filho mais velho. Além das escolas públicas que consideram boas, estão tentando também bolsas em escolas privadas.

Para os pais entrevistados, o pagamento das mensalidades é considerado algo muito “sério” e que exige “esforço” para pagar: “Eu resolvi me esforçar para tentar colocar ele nesse colégio” (Túlio); “Enquanto eu tiver condições eu pago particular”

(Ricardo). Alguns pais disseram que estariam dispostos a fazerem sacrifícios maiores para manterem os filhos nas escolas particulares. Para esses pais, a mensalidade é percebida como um dos itens mais importantes da despesa familiar.

Eu nunca tive uma conta. Essa é séria, para pagar. Por exemplo, a conta de luz lá de casa, se eu não tiver dinheiro, meu pai paga. "Pai, nesse mês não vai dar para eu pagar". Ele paga. Agora, o colégio, não, o colégio eu não posso contar com ele. Eu não acho justo contar com ninguém. É a minha filha. (Raiane)

A escola pública é um verdadeiro caos, fracasso, não vejo nenhum futuro para uma criança que esteja estudando em uma escola pública. Greve o tempo todo, falta de professores. Ensino muito fraco, então eu tenho que me sacrificar mais para poder dar uma condição melhor pro meu filho. [...] Enquanto eu tiver condições de trabalho, com certeza, eu vou abrir mão até de conforto pessoal para mantê-lo na escola particular. (Alberto)

Além disso, alguns informantes demonstraram fazer algum tipo de planejamento financeiro familiar em que consideram os gastos com educação: “porque a gente tinha condições de pagar, estava no nosso orçamento esse valor (Adilson); “Fomos logo na particular mesmo, a gente nem chegou a olhar outras [...] já que ele [marido] tem uma situação financeira melhor a gente está podendo dar uma coisa melhor para ela (Eloísa); “Porque é muito cara uma escola. Agora que ela tá na creche, praticamente dá para a gente pagar, mas aí depois fica muito complicado” (Elenice).

4.3.5 Significados da educação

Todos os informantes têm a convicção que educação é “importante” e a veem como uma redenção da realidade na qual estão inseridos. Os informantes percebem que a educação é o meio que possibilita transformações na vida de um indivíduo, mediante mobilidade social e acesso a melhores postos de trabalho. É o caso de José, da Família Vieira:

“Educação em qualquer lugar é importante, ainda mais aqui [Rocinha] dentro, seria melhor ainda, seria o mais importante, eu acho. A educação, pra mim,

seria a salvação de tantas crianças, tantos jovens que estão perdidos deixando isso de lado. Eu mesmo sinto falta de não ter estudado mais. Há umas dificuldades que eu tenho que através de um estudo eu não teria. Se eu tivesse estudado mais, eu não teria essas dificuldades que eu tenho hoje.” (José)

Assim como José, Carlos também percebe que a educação lhe faz falta e que, por meio dela, poderia estar melhor empregado: “eu sinto que no meu trabalho as oportunidades elas aparecem muito clara para todos, só que só vão ser agarradas por quem estiver preparado”. Por sua vez, Cláudio ressalta que a educação influencia a forma como as pessoas são notadas “pelo povo, somos vistos pelos outros olhos” e analisa a situação atual da educação, comparando com o passado:

Hoje, um pai, ele pode ver um filho formado, o pai hoje não precisa ver o filho virar um marginal, o pai hoje não precisa saber que o filho dele vai ter duas opções, mesmo ele na batalha, ralando, ralando. O meu filho não vai descambar, sair do trilho pra pegar uma arma, pegar uma droga. O pai, hoje, ele consegue administrar muito mais do que naquela época lá atrás. O pai fazia filho, trabalhava demais.... Então as coisas, querendo ou não, elas foram tomando uma proporção diferente. Hoje, a educação dentro de uma comunidade, ela tem muita coisa ainda pra melhorar, mas melhorou, não foi pouco não, ela melhorou muito. (Carlos)

5. Conclusões e Sugestões para Estudos Futuros

5.1. Conclusões

O objetivo desta dissertação foi identificar significados da educação privada para consumidores emergentes no Brasil. Por meio de entrevistas em profundidade, os resultados revelaram que há significados explícitos e implícitos para as famílias entrevistadas. Constatou-se que a decisão de investir na educação do filho vai muito além de proporcionar uma qualidade superior de ensino. A qualidade de ensino, para essas famílias, é caracterizada pela assiduidade dos professores, o relacionamento da escola com pais e filhos, a estrutura física da escola, ou seja, indicadores de cobrança, frequência e responsabilidade com os alunos. A qualidade do ensino dado em sala de aula, ou ainda a utilização de dados técnicos que justifiquem a matrícula em determinadas escolas privadas, não fazem parte do processo decisório dessas famílias.

Além disso, para muitos pais, a escolha da escola privada segue também uma lógica prática, que consiste em avaliar se o horário da escola coincide com o horário de trabalho dos pais, a localização da escola *versus* o gasto com transporte e a estrutura física da escola.

Os significados implícitos para as famílias matriculem os filhos em escola privadas estão fundamentados na sociologia da educação de Bourdieu. A escola privada representa também uma fonte de troca com outras classes, por meio do convívio com os colegas mais “favorecidos”, ou ainda, a não convivência com pessoas de mesma classe, mas que possuem comportamentos e atitudes que os pais repudiam. As famílias estudadas buscam relacionamentos que proporcionem aquisição de capital cultural e social, como por exemplo a família Vieira que possui o único filho matriculado em uma escola tradicional e se “esforçam” para que o filho possa usufruir das mesmas atividades que os colegas de classes, como as vigens para o exterior.

O esforço para adquirir capital cultural se revelou bastante forte entre as famílias entrevistadas. Algumas famílias consideram a existência de atividades extraclasse como um fator relevante para a decisão da escola privada. Atividades que,

até pouco tempo atrás, eram vistas como exclusivas de classes mais altas, como o *ballet* e a língua inglesa, tornaram-se objetos de desejo dessa nova classe média. Imitar o padrão de consumo de classes superiores confere à nova classe média legitimidade para continuar a ascender socialmente.

Os resultados apontados neste estudo estão alinhados com as estratégias de investimento escolar descritas por Bourdieu, apesar das diferenças temporais, espaciais e estruturais.

Da mesma forma que o trabalho etnográfico de Castilho e Rossi (2009), em uma favela do Rio Grande do Sul, identificou que indivíduos de mesma classe social se distingue entre si e estabelecem categorias (pobre-pobre, pobre e elite do morro), o presente estudo revelou que o consumo de educação privada funciona como forma de distinção entre as famílias pertencentes a uma mesma comunidade. Para muitas famílias, o investimento em educação privada é elemento que distingue pais e filhos. Com relação aos pais, a distinção é estabelecida entre famílias que se preocupam com a prole e, por conta disso, matriculam os filhos em escolas privadas e famílias que não se preocupam com os filhos e os mantêm em escolas públicas. Ademais, tratando-se das relações sociais das crianças, as famílias estabelecem uma distinção entre os filhos, que estão matriculados em escolas privadas, e as demais crianças da comunidade, que estão matriculadas em escolas públicas. Essas famílias não desejam a convivência de seus filhos com as crianças da comunidade.

Quanto às escolas públicas, o estudo revelou total ceticismo das famílias entrevistadas. Muitas acreditam na piora da qualidade do ensino e, por conta disso, justificam o gasto na educação privada. Além disso, muitos pais não veem as escolas públicas como um local seguro para deixar os filhos, e ainda, não enxergam a possibilidade de relacionamento construtivo entre pais e escolas.

O estudo revelou também alguns significados abstratos da educação. Os entrevistados percebem que a educação é fator primordial para a mobilidade social. Muitos apontam que poderiam estar em melhores posições em termos de emprego, caso houvesse sido realizado o investimento em sua própria educação no passado, como fazem agora com os filhos. Apesar da pouca escolaridade dos pais dos

entrevistados, os valores referentes à educação, adquiridos na infância, são repassados aos filhos.

Os entrevistados têm em comum o fato de serem provenientes de famílias numerosas, marcadas pela escassez durante a infância, baixo grau de escolaridade dos pais e, apesar de terem mais anos de estudos que os pais, tiveram que largar os estudos precocemente, em muitos casos para ingressar no mercado de trabalho e ajudar nas despesas da casa. À medida que foram constituindo suas próprias famílias e aumentando seu capital econômico, a educação adquiriu outros significados e ganhou importância muito maior. Eles percebem que muitas oportunidades de ascensão em suas carreiras foram limitadas pela falta de maior nível de escolaridade. Muitos se ressentem de não terem tido o apoio e o aconselhamento necessários quando jovens, ou de ter levado os estudos mais a sério, e buscam investir como podem na educação dos filhos para que suas histórias não se repitam.

Os resultados do presente estudo podem ser úteis tanto para os grupos educacionais privados, quanto para as entidades públicas. O descaso com a educação pública fez emergir um mercado altamente lucrativo. Pensar em formas de garantir a educação de qualidade, independente do sistema de ensino, é fator primordial para o desenvolvimento de um país.

5.2. Sugestões para Estudos Futuros

O presente estudo buscou entender os significados da educação privada para um grupo de consumidores emergentes no Brasil. Entretanto, baseou-se apenas no ponto de vista dos pais que possuem filhos em escolas privadas. Seria interessante buscar a perspectiva de pais que possuem filhos em escolas públicas e entender por que famílias de mesma classe social não fazem o mesmo investimento na educação dos filhos. Além disso, identificar qual a percepção dessas famílias em relação às outras famílias que investem na educação privada.

Outra perspectiva interessante seria averiguar se há diferenças nos significados dos gastos em educação das famílias pertencentes à nova classe média em relação às famílias pertencentes à classe média tradicional, assim como identificar os fatores que justificam os investimentos realizados por cada classe na educação de sua prole.

Também seria interessante investigar as famílias que tiveram acesso à escola privada e que, na atual conjuntura, os filhos estão matriculados em escola pública.

Finalmente, o consumo de atividades extraclasse também pode ser objeto de pesquisas futuras.

6. Referências bibliográficas

ABEP – Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa. **Critério de Classificação Econômica Brasil**. 2015. Disponível em: <<http://www.abep.org/new/criterioBrasil.aspx>>. Acesso em: 06/12/2015.

ABRIL EDUCAÇÃO. **Relatório Institucional**. Novembro 2012. Disponível em <http://www.abrileducacao.com.br/pdf/Presentation_Institutional_PORT_3T12.pdf>. Acesso em 24 jan. 2014.

ALVARENGA, D. **Classe média brasileira é o 18º maior “país” do mundo em consumo**. Globo.com, São Paulo 2014. 18 set. 2014. Economia. Disponível em <<http://g1.globo.com/economia/noticia/2014/02/classe-media-brasileira-e-o-18-maior-pais-do-mundo-em-consumo.html>>. Acesso em 18 jul. 2015.

ARAGÃO, M. **Gigante global de ensino terá cerca de 14% do mercado brasileiro**. Folha de São Paulo, 23/04/2013. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2013/04/1267094-fusao-brasileira-de-r-5-bilhoes-cria-gigante-global-de-ensino.shtml>. Acesso em 8 ago. 2015.

ARNOULD, E. J.; THOMPSON, C. J. **Consumer culture theory (CCT): twenty years of research**. Journal of Consumer Research, v. 31, n.4, pp. 868-882, 2005.

BARBOSA, M. L. de O.; SANT’ANNA, M. J. **As Classes Populares e a Valorização da Educação no Brasil**. In: Desigualdades Urbanas, Desigualdades Escolares. RIBEIRO, L. C. de Q.; KOSLINSKI, M. C.; ALVES, F.; LASMAR, C. (orgs.). Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrôpoles: IPPUR, UFRJ, 2010. 334p.

BARBOSA, P. B; HOR-MEYLL, L.F.; MOTTA, P. C. **O uso de celular pré-pago por consumidores de baixa renda**. In: ROCHA, A.; SILVA, J.F. (orgs.). Consumo na Base da Pirâmide: Estudos Brasileiros. Rio de Janeiro: Mauad, 2009, p.113-132.

BELK, R. W. **Possessions and the Extended Self**. Journal of Consumer Research, v.15, n.2, pp.139 - 168, 1988.

BOURDIEU, P. **The forms of Capital**. In: RICHARDSON, J. E. (ed.). Handbook of Theory of Research for the Sociology of Education. Greenword Press, p. 58-241. 1986.

_____. **O Poder Simbólico**; Tradução de Fernando Tomaz, 7ª edição, Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2004.

_____. **A economia das trocas simbólicas**; Introdução, Organização e Seleção Sergio Miceli (Coleção estudos), 8ª edição, São Paulo: Perspectiva. 2007.

_____. **A Distinção**: crítica social do julgamento. 2ª Ed. Porto Alegre: Zouk, 560p. 2013.

_____. **A Escola Conservadora**: as desigualdades frente à escola e à cultura (Publicado originalmente em francês, *Revue française de sociologie*, Paris, 7 {3}, 1966, p. 325-347). In: NOGUEIRA, M. A.; NOGUEIRA C. A. (Orgs.), *Escritos de educação*, 16ª edição, Petrópolis, RJ; Editora Vozes, pp. 43-72, 2015a.

_____. **Os Três Estados do Capital Cultural** (Publicado originalmente em francês, *Actes de la recherche en sciences sociales*, Paris, n.30, novembro de 1979, p. 3-6). In: NOGUEIRA, M. A.; NOGUEIRA C. A. (Orgs.), *Escritos de educação*, 16ª edição, Petrópolis, RJ; Editora Vozes, pp. 79-88, 2015b.

_____. **O Capital Social** – Notas Provisórias (Publicado originalmente em francês, *Actes de la recherche en sciences sociales*, Paris, n.31, janeiro de 1980, p. 2-3). In: NOGUEIRA, M. A.; NOGUEIRA C. A. (Orgs.), *Escritos de educação*, 16ª edição, Petrópolis, RJ; Editora Vozes, pp. 73-78, 2015c.

BRASIL SAE/PR – Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República. **Comissão para a Definição da Classe Média no Brasil**. Brasília: SAE/PR, 2012. Disponível em: <<http://issuu.com/sae.pr/docs/relatoriocm/65?e=0>>. Acesso em: 04 nov. 2015.

BURGESS S. M., STEENKAMP J. E. M. **Marketing renaissance: How research in emerging markets advances marketing science and practice**. *International Journal of Research in Marketing*. 23(4): pp. 337-56. 2006.

CASOTTI, L. M; SUAREZ, M; DELIZA, R. **Consumo de alimentos nas famílias de baixa renda: compartilhando achados, experiências e aprendizados**. In: ROCHA, A.; SILVA, J.F. (orgs.). *Consumo na Base da Pirâmide: Estudos Brasileiros*. Rio de Janeiro: Mauad, 2009, p.225-244.

CASTILHOS, R. B. **Subindo o Morro: consumo, posição social e distinção entre famílias de classes populares**. In: ROCHA, A.; SILVA, J.F. (orgs.). *Consumo na Base da Pirâmide: Estudos Brasileiros*. Rio de Janeiro: Mauad, 2009, (pp. 113–132).

CAZELLI, S. **Jovens, Escolas e Museus: os efeitos dos diferentes capitais**. In: *Desigualdades Urbanas, Desigualdades Escolares*. RIBEIRO, L. C. de Q.; KOSLINSKI, M. C.; ALVES, F.; LASMAR, C. (orgs.). Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrôpoles: IPPUR, UFRJ, 334p. 2010.

CHAUVEL, M. A.; SUAREZ, M. C. **Consumidores pobres e insatisfação pós-compra: “Eles não têm respeito pela gente”**. In: ROCHA, A.; SILVA, J.F. (orgs.). *Consumo na Base da Pirâmide: Estudos Brasileiros*. Rio de Janeiro: Mauad, 2009, p.179-204.

COLEMAN R. P. **The Continuing Significance of Social Class to Marketing**. *Journal of Consumer Research*. 10(3): pp. 256-80, 1983.

COVA, B.; COVA, V. **Tribal marketing: the tribalization of society and its impact on the conduct of marketing**. *European Journal of Marketing*, v. 36, n. 5/6, pp.595-620, 26p, 2002.

CRESWELL, J. W. **Projeto de Pesquisa: Métodos Qualitativo, Quantitativo e Misto**. 3ª Ed., Porto Alegre: Artmed, 2010.

CUNHA, J. **Grandes grupos do setor de educação estudam novos negócios**. Folha de São Paulo, 24/11/2014. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2014/11/1552272-grandes-grupos-do-setor-de-educacao-estudam-novos-negocios.shtml>. Acesso em 10 jan. 2015.

CURI, A. Z.; MENEZES-FILHO, N. A. **Os Determinantes dos Gastos com Educação no Brasil**. *Pesquisa e Planejamento Econômico (PPE)*. v.40, n.1, abr 2010.

DEER, C. Doxa. In: GRENFELL, M. (Org.), **Pierre Bourdieu: key concepts**. 2nd ed. London: Routledge, p. 119-130, 2008.

ESPM, **Núcleo de Estudos do Varejo**. Disponível em <<http://varejo.espm.br/12869/68-dos-brasileiros-estao-nas-classes-c-d-e-e-segundo-novo-criterio>>. Art. 09, dez. 2014>. Acesso em 6 fev. 2015.

Estrutura da Educação Básica. Disponível em: <<http://www.rj.gov.br/web/seeduc/exibeconteudo?article-id=451615>>. Acesso em 15 dez. 2015.

GAIÃO, B. F. S.; SOUZA, I.L.; LEÃO, A.L.M. **Consumer culture theory (CCT) já é uma escola de pensamento em marketing?** *RAE – Revista de Administração de Empresas*, v.52, n.3, pp. 330-344, 2012.

GRENFELL, M. **Pierre Bourdieu: key concepts**. 2nd ed. London: Routledge, 2008.

HAMMOND, A. L.; PRAHALAD, C. K.; **Selling to the Poor**. *Foreign Policy*. May/June, 2009.

HEYNEMAN, S. P; STERN, J.M.B. **Low cost private schools for the poor: What public policy is appropriate?** International Journal of Education Development. Volume 35: Pages 3-15. March 2014.

HIRSCHMAN, E. C.; HOLBROOK, M. B. **Hedonic Consumption: Emerging Concepts, Methods and Propositions.** Journal of Marketing, v. 46. n. 3, pp. 92 – 101, 1982.

HOLT, D. B. **How consumers consume: a typology of consumption practices.** Journal of Consumer Research, v.22, n.1, pp.1 - 16, 1995.

HOLT, D. B. **Does Cultural Capital Structure American Consumption?** Journal of Consumer Research, v.25, n.1, pp.1 - 25, 1998.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Pesquisa. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2001 – 2013.** Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2013/default_indicadores_harmonizados.shtm> Acesso em 18 jan. 2015.

INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Sinopse Estatística da Educação Básica, 2002 - 2013.** Disponível em <<http://portal.inep.gov.br/basica-censo-escolar-sinopse-sinopse>>. Acesso em 30 jun. 2015.

JANNUZZI P. M. **Estratificação socioocupacional para estudos de mercado e pesquisa social no Brasil.** São Paulo em Perspectiva. 17(3-4), pp. 247-54, 2003.

KAMAKURA W. A., MAZZON J. A. **Socioeconomic status and consumption in an emerging economy.** International Journal of Research in Marketing. 30(1): pp.4-18, 2013.

KOHLBACHER, F. **The use of qualitative content analysis in case study research.** Forum: Qualitative Social Research, v.7, n.1, artigo 21, p. 1-24, 2006.

KROTON Educacional S.A e Controladas; **Demonstrações Financeiras Individuais e Consolidadas Referentes ao Exercício Findo em 31 de Dezembro de 2014 e Relatório dos Auditores Independentes sobre as Demonstrações Financeiras.** Disponível em <http://sistemas.cvm.gov.br/?CiaDoc>. Acesso em 18 jun. 2016.

LEVY, S. J. **Symbols for sale.** Harvard Business Review, v. 37, p. 117-124, Jul. 1959.

MATON, K. *Habitus.* In: GRENFELL, M. (Org.), **Pierre Bourdieu: key concepts.** 2nd ed. London: Routledge, p. 49-65, 2008.

MATTOSO, C. Q; ROCHA, A. **Significados associados às estratégias para solução de problemas financeiros dos consumidores pobres.** In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 29., 2005, Brasília. Anais... Rio de Janeiro: ANPAD, 2005.

MATTOSO, C. Q; **Classes sociais, Peculiaridades na Base da Pirâmide e a Possibilidade de Esquemas Classificatórios.** In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 34., 2010, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: EnANPAD, 2010.

McCRACKEN, G. **Culture and consumption: a theoretical account of the structure and movement of the cultural meaning of consumer goods.** Journal of Consumer Research. v. 13, n. 1, pp.71-84, 1986.

_____. **Cultura e Consumo: Novas Abordagens ao Caráter Simbólico dos Bens e das Atividades de Consumo.** Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

MEHTA, R.; BELK, R. W. **Artifacts, identity, and transition: favorite possessions if Indians and Indian immigrants to the United States.** Journal of Consumer Research, v 17, n.14, pp. 398-411, 1991.

MORINI, T. F. **O Gigante da educação privada é brasileiro.** El Pais, 2014. Disponível em <http://brasil.elpais.com/brasil/2014/11/07/economia/1415359570_013012.html> Acesso em 8 fev. 2015.

NERI, M. C. (Coord.). **A Nova Classe Média: O lado brilhante dos pobres.** Rio de Janeiro: FGV/CSP, 2010.

NOGUEIRA, C. M. M.; NOGUEIRA, M. A. **A Sociologia da Educação de Pierre Bourdieu: Limites e Contribuições.** Educação e Sociedade, ano XXIII, n. 78, abril 2002.

OJALA, R. M. P. **Projeto de Futuro de Jovens Universitários no Distrito Federal: um Estudo de Caso.** 256 f. Tese de Doutorado em Sociologia. Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

PAC. **Programa de Aceleração do Crescimento.** Disponível em:<<http://www.pac.gov.br/sobre-o-pac>>. Acesso em 20 dez. 2015.

PONTE L.F., MATTOSO C. Q. **Capital Cultural e o Consumo de Produtos Culturais: As Estratégias de Consumo de Status entre Mulheres da Nova Classe Média.** Revista Brasileira de Marketing, 13(6): pp. 18-33, 2013.

PRAHALAD, C. K; HAMMOND, A. **Serving the world's poor profitably.** Harvard Business Review, v. 80, n. 9, p. 4-11, 2002.

PRAHALAD, C. K; HART, S. L. **The Fortune at the Bottom of the Pyramid.** Strategy and Business, n.26, p. 1-14, 2002.

RIOS, C. **Ensino Privado é o Mais Novo Investimento da Classe Média.** Gazeta do Povo, 05. mar. 2012. Comportamento. Disponível em <<http://www.gazetadopovo.com.br/economia/conteudo.phtml?id =1230443>>. Acesso em 20. jan. 2014.

ROCHA, A. R. C.; ROCHA, A.; ROCHA, E. **Classifying and Classified: An interpretive study of the consumption of cruises by the “new” Brazilian middle class.** International Business Review, 2015.

ROCHA, E. P. G; CASOTTI, L. M; HEMAIS, M. W. **Hedonismo e moralismo: consumo na base da pirâmide.** RAE São Paulo -. v. 53, n. 2, Abril 2013.

ROCHA, A; SILVA, J.F. **Inclusão Social e Marketing na Base da Pirâmide: Uma agenda de pesquisa.** RAE Eletrônica. v. 7, n. 2, Art. 23, jul./dez. 2008.

SILVA, H. M. R; PARENTE, J. G. **O mercado de baixa renda em São Paulo: um estudo de segmentação baseado no orçamento familiar.** In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 31., 2007, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: ANPAD, 2007.

SIVADAS E. A. **Preliminary examination of the continuing significance of social class to marketing: a geodemographic replication.** Journal of Consumer Marketing. 14(6). pp. 63-79. 1997.

SANT'ANNA, A. S.; SOUZA, I. V. A. **A sociologia de Bourdieu: aplicações e potencialidades em pesquisas em administração.** In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 23., 2012, Bento Gonçalves. Anais... Rio de Janeiro: ANGRAD, 2012.

THE ECONOMIST. **The \$1-a-week school: Private schools are booming in poor countries. Governments should either help them or get out of their way.** August, 2015. Disponível em <http://www.economist.com/news/leaders/21660113-private-schools-are-booming-poor-countries-governments-should-either-help-them-or-get-out>. Acesso em 8. ago. 2015.

THOMSON, P. Field. In: GRENFELL, M. (Org.), **Pierre Bourdieu: key concepts.** 2nd ed. London: Routledge, p. 67-81, 2008.

ÜSTÜNER, T.; HOLT, D. B. **Towards a theory of status consumption in less industrialized countries.** Journal of Consumer Research, v. 37, n.1, pp. 37-56, 2010.

VASCONCELLOS, M. D. **Pierre Bourdieu: a Herança Sociológica. Educação e Sociedade**, ano XXIII, n. 78, abril 2002.

VELHO, G. **O desafio da proximidade**. In: Velho, Gilberto e Kuschnir, Karina (orgs.) *Pesquisas Urbanas: Desafios do trabalho antropológico*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., pp.11-19, 2003.

Apêndice I

A estrutura básica do roteiro de entrevista a ser realizada com as famílias foi desenvolvida de forma a deixar os entrevistados falarem livremente sobre suas histórias de vida e sobre o processo de educação dos filhos, pois, desta forma, considera-se que alguns aspectos ainda não apontados nos estudos teóricos possam surgir e incrementar o campo teórico já desenvolvido. O roteiro serviu apenas para orientar a pesquisadora, mas nem todas as perguntas foram feitas, dado que alguns entrevistados abordaram os temas espontaneamente.

Roteiro para Entrevistas – Significados do consumo de educação privada

Perguntas Abertas Iniciais

- Nome?
- Idade?
- Profissão (faz algum “bico” ou revende alguma coisa?)
- Nível de educação?
- Quantos filhos?
- Quanto tempo mora nesse local? A casa é própria?

Perguntas Abertas (histórias de vida)

• Onde morou? Com quem morou? Quantas pessoas? Como eram seus irmãos, primos, tios, pais, ou seja, as pessoas que moravam com você? O que mais lhe marcou quando você morava nesse local quando era criança?

• Onde estudou no ensino fundamental e no ensino médio? Como era a sua escola fundamental e no ensino médio? Como você se sentia nessas escolas? Como eram seus professores? Há algum professor que foi marcante pra você? Houve algum evento/acontecimento que tenha ocorrido na escola

fundamental e no ensino médio que marcou, ou seja, até hoje você se lembra disso?

- Seus pais estudaram até que série? Qual a profissão dos seus pais? Você lembra como era a relação dos seus pais/responsáveis com a sua escola fundamental/ensino médio? O que seus pais faziam na época, como era o dia-a-dia deles com você na escola?

- Houve alguma pessoa que influenciou o seu interesse por educação quando você era criança, você se lembra de alguém falar com você sobre a importância do estudo, falar que você tinha que estudar, quem foi?

- Seus filhos estudam em colégio particular desde quando? Já iniciaram os estudos em colégio particular? Quem paga as mensalidades? Se não paga, há alguma exigência do colégio para manter o seu filho (a) nele, qual? Como foi que você decidiu colocar seu filho em colégio particular? Você procurou isso ou surgiu essa oportunidade? Quando você decidiu colocar seu filho em escola particular houve alguém contrário a sua decisão, alguém falou pra você que você não deveria colocar ele no colégio particular, e qual foi o motivo que a pessoa apresentou, você se lembra? Por que não quis colocar seu filho (a) na escola pública? O que significa a escola pública pra você?

- Se você paga a mensalidade do seu filho, quanto que você paga por mês? Você sabe dizer o quanto do seu salário você destina para pagar a escola?

- Além da escola que você tem mais alguma despesa com o seu filho (a) todo mês (línguas estrangeiras, atividades físicas, reforço escolar...)? Seu filho (a) quis fazer umas dessas atividades extras ou foi você que decidiu que ele tinha que fazer isso? Por que você acha que seu filho tinha que fazer isso? Seu filho já pediu pra fazer alguma atividade diferente das que ele faz hoje? Você atendeu ao pedido dele? Se não atendeu, por que não atendeu?

- Como é o colégio do seu filho? Você conhece os professores e o diretor? Você vai ao colégio do seu filho com que frequência? Como é o comportamento do seu filho nesse colégio? O que você percebe no jeito dele? Você conhece os amiguinhos dele do colégio? Seu filho se dá bem com

todos? Seu filho já reclamou de algo que aconteceu ou que ele viu no colégio? Você acha que seu filho mudou depois que entrou nesse colégio? Além da escola e das atividades extras você tem mais sacrifícios financeiros com o seu filho pelo fato dele estudar nesse colégio, quais foram? No caso de bolsa, se tivesse que pagar a mensalidade do seu filho hoje, você o manteria no colégio e tentaria pagar as mensalidades ou você não pensaria duas vezes e o tiraria do colégio particular? Porque não daria para pagar?

- Seu filho brinca com todos da comunidade, pelo menos as crianças vizinhas? Quem são os amiguinhos mais próximos dele, da comunidade, do colégio ou da rua?

- O que significa a educação pra você?

- Como você acha que vai ser o futuro do seu filho?